Com licença, posso pregar?



Rev. Júlio Pinto

Conteúdo

1. Pregação e responsabilidade

    O que é pregação?

    O evangelho comercial.

    O Evangelho da boa vizinhança

        A punição da apostasia.

    O sacrilégio desolador

    A raiz de todos os males

    A morte da sabedoria

        O que é um homem sábio?

2. Pregação e vida

    Politicagem, política e pastorado.

    Apóstolo, hoje?

    Pregador, um servo humilde

    Pregador, o submisso

    Liderança liderada e liderando

    O perfil de um pregador

    “...cheios do Espírito Santo...”

    “...marido de uma só mulher...”

Homem ou mulher, tanto faz?

Leis humanas

Pregador, aquele que faz o “culto racional”

Pregador, o radical

Profissional do púlpito

Irrepreensível

Modelo a ser seguido

2. Pregador e comunidade

De fato são homens

O líder pós moderno

O Verdadeiro líder

“... boa reputação...”

O pastorcentrismo e o egocentrismo na igreja

3. Pregação submissa

Hemenêutica, um breve comparativo

Dado histórico:

Resgate do ensino apostólico

Citações em sermões.

Lógica, um mal necessário

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Prefácio

O desejo de um pregador – Todo homem tem seus anseios, utopias, volições. O pregador da Palavra de Deus também é homem e, como todos os outros, não foge à regra. Mas existem pregadores e pregadores.

Também parei para analisar quais meus sonhos, meus anseios, minhas utopias como pregador da Palavra. Vi que anseio que a cada dia mais eu tenha mais conhecimento e o próprio desejo de conhecer dia após dia os desígnios de Deus para o homem fundamentado no que Ele revelou, a Bíblia. Como utopia, queria que todos aqueles que me ouvissem pregar a Palavra, de alguma forma fossem tocados, fossem despertados para a verdade. Que os descrentes fossem convertidos, que os crentes fossem despertados para uma vida de santidade diante de Deus e sinceridade diante dos homens; que eles se tornassem almas verdadeiramente piedosas pautadas no conhecimento da insubstituível Revelação.

Descobri que também d esejo, como pregador da Palavra, nunca falar por mim mesmo, de entendimento próprio, arraigado na suposição pessoal, na experiência ou muito menos ainda em alguma tradição. Desejo que o querer da busca pela verdade de Deus, que é a Palavra, não se apague, mas que se intensifique.

Depois de analisar todas estas coisas tanto a respeito dos outros pregadores como também a meu respeito, pensei: Na verdade não importa o que eu quero, não importa meus desejos, que todas estas coisas se tornem desprezíveis. Por que tudo isso não passa de orgulho em querer ser o mais correto, o mais conhecedor, o mais coerente pregador dentre tantos.

Mas o que importa então? O que importa é que o que sei é nada, e o que eu prego, não seja algo no coração dos homens por que foi eu quem pregou, mas o que realmente importa é que eu exponha simplesmente a Palavra. Importa é o que Deus faz com a Palavra que eu prego na vida dos meus ouvintes. O que importa realmente é o que disse aquele pregador do deserto, aquele que a seu respeito foi profetizado por Isaías que ele prepararia o caminho do Senhor, endireitaria as suas veredas, e que ele precederia o Messias; aquele que foi, talvez, o mais simples dos pregadores e, ao mesmo tempo, um dos mais arrebatadores em suas pregações; aquele que não teve medo de apontar o dedo

para o pecado de um rei e ser decapitado por isso; ele disse: “Importa é que Ele cresça e que eu diminua”. Palavras de João Batista, primo de Jesus Cristo o Messias prometido.

C om todo esse cartão de visitas que João Batista tinha, sendo ele um profeta anunciado por outros profetas como predecessor do Salvador do “mundo” [1] , ele não se importou com o efeito que a sua pregação causaria nas pessoas, e que o que realmente importou para ele é que a Palavra de Deus, pura e simples, fosse pregada e exposta. E esta palavra é: que somos pecadores, carentes de Deus e da graça de Jesus Cristo sobre nossas vidas.

O nosso lugar na igreja do Senhor Jesus Cristo, não é por nosso merecimento, mas por que Ele nos chamou e nos vocacionou para isso. Viver em conformidade com a sua soberana verdade é o mínimo que se espera de nós. Mas a cada momento somos confrontados com nossos temores, nossas fraquezas. Mas isso só deve fazer com que busquemos cada vez mais a misericórdia do Senhor sobre nós e a sua graça, pois sem ela nada somos. Que a leitura deste estudo seja enriquecedor para sua vida e para honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Rev. Júlio Pinto

Introdução

O púlpito, querendo muitos ou não, é um lugar de honra. É um lugar onde o pregador que apesar de ter seus problemas e frustrações em casa ele deve enobrecer e honrar ao Senhor Jesus Cristo independente do que esteja passando em sua vida. Toda a centralidade da mensagem deve culminar na glória de Deus evidenciando à pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Querendo ou não a prerrogativa da pregação (no púlpito) é da liderança da igreja. A liderança está de toda forma envolvida no trabalho da comunidade direcionando-a a que rumo deve tomar. É de se esperar que a pregação da Palavra é um dos modos que Deus faz uso para alertar quanto a que direção o seu povo deve seguir. Contudo, vários fatores podem alterar o rumo da comunidade para o mal ou para o bem, para o mau, ou para o bom. Então são necessários determinados direcionamentos que antes da comunidade a própria liderança deve seguir.

Este pequeno estudo tem a intenção de dar aos leitores, a aqueles que estão de qualquer forma ingressando na obra do Senhor, subindo nos púlpitos, assumindo uma liderança na igreja, um meio de encontrar nos textos bíblicos sua mensagem central mais coerente com o seu ponto de origem, sua mensagem, bem como direcionamento para uma vida condizente com a posição que está se assumindo. Não se trata de um curso exaustivo de homilética, exegese, ou hermenêutica, e nem pretende caminhar nesta direção.

Você perceberá com clareza que alguns dos textos usados não serão expostos em sequência e isso tem uma razão. A metodologia usada foi separar determinados pontos da vida do líder dispostos em um único texto por área de atuação, como comunidade, púlpito, vida particular. Por isso haverá ocasiões que as características se mostrarão esparsas, mas é devido a esta escolha de exposição.

Não visa tão pouco cuidar daqueles neófitos por que esta matéria não pode ser cuidada em uma leitura, mas no trato pessoal e no tempo de aprendizado que demandará, quiçá, alguns anos de acompanhamento com um tutor. É por isso que o lugar deles, enquanto agem assim, neofitamente, não pode ser o púlpito, mas como ouvinte, e ouvinte tentando se ajustar aos preceitos divinos, ouvinte praticante.

1. Pregação e responsabilidade

Há pregadores muito afoitos e até mostram boa vontade em subir nos púlpitos para pregar , mas não concebem a responsabilidade do que vem a ser isso. Assumem a posição e confundem sentimentos com responsabilidades. Não entendem a diferença entre frustração e raiva com o ser enérgico, enfático. Ser enérgico e enfático é justamente o que o pregador deve usar no momento em que vai fazer uma exortação de púlpito. A diferença entre os comportamentos é que a frustração e a raiva são direcionadas para um problema particular do pregador, enquanto que o ser enérgico e enfático visa deixar claro que Deus é aquele que deverá ser glorificado em sua pregação.

Por outro lado confundem também pregar sobre a graça divina com um espírito de mansidão, com pregar a licenciosidade para o pecado com espírito de *compactuação* . Esta característica acontece muito quando um pregador está nas mãos do restante da liderança, ou de alguém importante da comunidade e um desses está em pecado. Eles de alguma forma dependem deles e pregam irresponsavelmente acariciando o ego e o pecado do faltante. Estas não são as únicas confusões que acontecem, muitas vezes, de forma proposital nos púlpitos, mas servem para nos ilustrar o que pode e o que não pode ser feito.

A responsabilidade suma de um pregador é de expor a Palavra de Deus independente se os seus ouvintes vão gostar ou não, independente se ele próprio vai gostar ou não, pois sua pregação deve atingir primeiramente seu próprio ser de forma positiva (para glória de Deus) para depois então ser colocada no púlpito. Deve ser exposta de forma tão simples e objetiva e da forma mais fidedigna ao seu sentido real e original.

De outra forma há também o lado dos ouvintes que, via de regra, confundem uma pregação exortativa com algo pessoal que o pregador possa ter contra o ouvinte, eles dizem: “o pregador mandou recado do púlpito”. Quando vemos o papel dos profetas: exortar, consolar e edificar (I Coríntios 14.3); e da mesma forma percebemos a atuação do profeta no AT, esse também era o seu papel principal e não a predição. Quando o povo estava em pecado, fosse de forma conjunta ou mesmo particular, eles eram exortados de duas maneiras: publicamente e particularmente. Publicamente, pela regra geral, eram feitas as exortações nas pregações ou nos escritos. E Particularmente entre o profeta e o ofensor (a Deus).

Esta regra obedece a dois princípios bíblicos vistos no NT. Um é o próprio Senhor que pede que primeiramente avisa que quando há um ofensor e um ofendido a solução deve ser tentada em particular primeiro. Quando há um profeta à frente de uma comunidade toda ofensa a Deus de qualquer membro, lhe dói como se fosse uma ofensa a ele próprio, então ele exorta particularmente ao ofensor.

Samuel se sentiu assim quando o povo rejeitou a Deus e pediu um rei. Se a ofensa foi de um grupo, o grupo era exortado, se a ofensa era de um só, esse próprio era exortado. E a segunda premissa vista é Paulo quem dá a Timóteo uma orientação em I Timóteo 5.20 “...repreende-os na presença de todos”. Aqui há duas situações que podem se encaixar, no caso de uma disciplina quando a ofensa se tornou pública, como no caso de Paulo exortando à igreja em Corínto para que afastasse da comunhão aquele que havia dormido com a mulher de seu próprio pai.

E a outra situação é a exortação por meio da pregação. Como foi no caso de Jeremias exortando a Hananias em público, ou mesmo de uma forma generalizada sem centralizar em um ofensor propriamente dito, como no caso de Paulo escrevendo a Tito sem citar os nomes em Tito 1.10.

Para o bem de todos deve-se saber que tal justificativa nunca deve e nem pode ser usada como desculpa pelo pregador para falar que está exortando de público quando na verdade está corrompendo a fiel pregação por causa de seus sentimentos produzidos por um coração corrupto que pensa que irá resolver seus problemas despejando tudo o que quer e de qualquer maneira em um momento de sublime responsabilidade como é o da pregação.

O que é pregação?

Há algumas definições do que vem a ser pregação. É uma preleção um discurso. Na definição do Aurélio ele chega a definir a pregação como sendo um “discurso maçante”, ou seja, cansativo. De certo algumas pregações o são, mas isso é generalização. Necessariamente uma pregação não precisa ser maçante. Mas queremos dar um significado mais profundo do que esse. A definição que trazemos é relativa ao seu conteúdo específico. Podemos ter vários tipos de pregação, entretanto há um determinado tipo que é o que queremos ressaltar aqui. Quando se afirma uma pregação de um pastor, evangelista, oficial de uma igreja evangélica, necessariamente espera-se que o que será pregado tenha como centralidade a própria Escritura de onde deve se depreender todo o conteúdo daquilo que será falado.

Há tempos Paulo ensinou a Timóteo que : “haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;” (2 Timóteo 4:3). As pessoas não iriam querer saber da pregação fiel à sã doutrina, à própria Palavra, mas que as igrejas seriam como supermercados, que as pessoas chegariam nas prateleiras leriam os rótulos, o conteúdo da embalagem e escolheriam entre as marcas existentes uma de acordo com o seu próprio gosto, gerando assim um evangelho ao gosto do freguês.

O evangelho comercial.

Em resposta à notícia veiculada em janeiro de 2007, sobre, até aquele momento, uma suposta lavagem de dinheiro praticada pelo “apóstolo” e pela sua esposa “bispa” ambos da igreja Renascer, muitas pessoas julgaram precipitadamente os pastores evangélicos de modo generalizado como se todos os pastores praticassem aos incautos fiéis evangélicos uma lavagem cerebral para obtenção dos dízimos e das ofertas. Da mesma forma aconteceu com aquele episódio de uma filmagem do bispo da Universal ensinando aos pastores de sua igreja como arrecadar o dízimo.

Est es julgamentos têm seu fundamento e eu concordo até certo ponto com essas pessoas que têm rechaçado a classe pastoral. Concordo e digo o motivo. Nos últimos anos, a teologia evangélica tem se deteriorado de forma expressiva. Poucas décadas atrás surgiu um movimento dentro das igrejas evangélicas que tirou seu foco da mensagem do evangelho, que é a obra de Cristo, e passou a pregar não a Cristo, mas “O que Cristo pode fazer por você”. A ideia de Cristo como servo superou o seu significado real (Filipenses 2.5-11) e agora Cristo passou a ser de fato, no coração do homem, escravo deste para lhe atender às suas necessidades.

Os pastores que pregam tal teologia não são culpados sozinhos nisso. Os fiéis são tão culpados quanto eles . Por que eles estão lá para ouvir, aquilo que querem ouvir, e não o que Deus tem a dizer através de sua Palavra. Eles querem ouvir que Deus vai resolver todos os seus problemas pessoais; querem ouvir que Deus lhes dará prosperidade, pois querem ter uma esperança de melhorar de vida; querem ouvir que a vida pode ser um mar de rosas, pois estão cansados de sofrer sem saber a razão disso.

Ao contrário, Cristo disse que teríamos aflições ao passar por esse mundo, mas também afirmou que teríamos seu apoio para passar por essas aflições (João 16.33). Mas isso eles não querem ouvir. Querem ouvir aquilo que

seus corações egocêntricos desejam, portanto não têm qualquer direito de reclamar da atitude dos pastores corruptos, pois pagam com o dízimo e muito mais pelo seu próprio erro, literalmente, pois crêem estar comprando uma benção maior do que o valor do dízimo que entregam.

A responsabilidade dos pastores que pregam tal teologia é a de distorcer o sentido da Palavra. Toda a Palavra foi escrita e direcionada a um grupo específico de leitores primários , em um determinado local e para um determinado local; em determinada época e por causa de um contexto histórico existente. Para se conhecer esse sentido único, pelo menos o mais fiel possível, temos de conhecer estes fatos, para então entender o que a mensagem significou para os primeiros leitores. Isso sem contar a gramática original que é um passo a mais e necessário para o descortinamento do texto. Daí, então, podemos tirar uma lição que visa ser propagada em todas as épocas. Não há mais de um sentido no texto sagrado, Deus não é Deus de confusão (I Coríntios 14.33).

Agora uma mensagem para tais pregadores que advogam em causa própria é a de Malaquias 2.7-9, visto que o comportamento destes é idêntico ao dos sacerdotes descritos por Malaquias.

> Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos. Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi, diz o SENHOR dos Exércitos. Por isso, também eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os meus caminhos e vos mostrastes parciais no aplicardes a lei.

A responsabilidade exposta aqui é, de fato, causadora de temor. Entrementes, até mesmo por desconhecimento, muitos buscam o pastorado como forma e meio de enriquecimento e facilitação da vida. Ou buscam a liderança como forma de terem uma posição de destaque na comunidade.

Há uma estatística de que, atualmente, os evangélicos somam aproximadamente 20% da população brasileira. E com a taxa atual de crescimento, em poucos anos serão mais da metade da população do Brasil. Pregações e mais pregações são feitas usando estes números como sendo um sinal de que Deus está despertando o povo brasileiro, de que está acontecendo um avivamento no Brasil. Será? Não podemos negar o fato de que nunca o título *Evangélicos* foi tão falado em nosso país.

Há poucos dias atrás foi transmitido pela rede Globo de televisão um verdadeiro espetáculo gospel. Cantores e grupos evangélicos consagrados pelo seu público específico e simpatizantes, disseram: “que os evangélicos acharam

seu espaço na mídia” de massa. Tal acontecimento criou certa euforia no populacho dantes chamado de protestante. Tal efusão emocional foi percebida claramente nas conversas entre os crentes, nas redes sociais, nos e-mails que circularam. Muitos a favor do acontecido, muitos contra. Mas qual a medida para se tomar um partido, se é que isso seja algo que possamos considerar a fazer?

Muitos já conhecem minha posição devido à linha reformada que sigo, e este estudo, obviamente, não foge à regra. Por isso nesta parte do texto quero simplesmente indagar um pouco sobre o evangelho que foi pregado neste evento.

- Qual foi o centro das atenções neste evento?
- A mensagem pregada foi uma mensagem que confronta o pecador com seu pecado?
- As músicas cantadas eram músicas que exaltavam como Deus pode ser bom para o homem, ou glorificavam a Deus como Ele é?
- Quem lucrou com isso, o nome do Senhor Jesus, ou os patrocinadores, investidores, músicos ou a própria Globo que não joga para perder?

De certo, o centro das atenções não foi o Senhor Jesus, a mensagem passada não confrontou o pecador com o seu pecado, as músicas não exaltavam a Deus como Ele é, quem lucrou de fato não foi o Senhor Jesus com o seu nome glorificado. A despeito de todas essas verdades, quem é que ainda tem alguma objeção quanto ao que pensar sobre esta questão? De fato carregamos o peso de sermos calculados juntamente com 20% de um título que, hoje, causa mais asco do que gosto. Deixamos de ser protestantes, para sermos omissos.

O Senhor nos preveniu de que no fim dos tempos haveria uma apostasia. Mas, diferentemente do que muitos pensam, a apostasia estaria e está dentro da igreja. Os cristãos perderiam o seu foco **(Hebreus 12.1-2)** os homens se tornaram gananciosos **(2 Pedro 2:3)** , aqueles ditos evangélicos que se interessam por ouvir alguma coisa dita religiosa, ouvem apenas aquilo que seus ouvidos cobiçam **(2Timóteo 4.3-4)** . Por quê? Por que são, como diziam na minha terra: “farinha do mesmo saco”; fazem parte da mesma laia que seus pregadores prediletos: cobiçosos e corruptos.

Paulo afirma que o evangelho que ele pregava era Cristo Crucificado “...mas nós pregamos a Cristo crucificado” (1 Coríntios 1:23). Estas palavras carregam um peso maior do que aparentam. Pois trazem consigo o motivo pelo qual Cristo foi crucificado, nossos pecados; trazem a vontade de Cristo em se

oferecer como sacrifício pelo pecador escolhido; rejeita toda oferta humana de auto-sacrifício; rejeita todo evangelho que tem o homem e suas necessidades como centro do culto e das atenções de Deus; rejeita toda obra que visa a auto-salvação; rejeita toda palavra que não confronta o pecador com seu pecado pois faria da morte de Cristo na cruz como algo opcional e até mesmo algo inútil.

Toda mensagem que não tem Cristo como centro das atenções que não confronta o pecador é uma mensagem que massageia o ego do ser humano , seja ele o ouvinte, ou o próprio pregador e oferece soluções para os problemas da vida - financeiros, sociais, emocionais. Oferecem o Cristo salvador e se esqueceram de avisar que a Bíblia não ordena a ninguém que aceite a Cristo Salvador, mas ordena como primordial a pública profissão de fé em Cristo como **Senhor (Romanos 10.9, 2 Coríntios 4.5, 1 Pedro 3.15)** de seus corações e isso significa mais do que um assentimento à pessoa de Cristo **(Lucas 6.46; João 15.14)** . Implica em uma obediência, mas não uma obediência à Palavra por constrangimento, mas uma obediência calcada no próprio amor de Cristo por nós. Ou seja, nossa obediência é uma resposta ao amor de Cristo que nos salvou. Quando se aceita a Cristo como Senhor de fato, ter a Cristo como seu salvador pessoal é uma conseqüência.

É por isso que o Senhor advertiu:

> Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. **"Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade"** (Mateus 7.22-23).

Para a consciência dos rejeitados desse futuro dia, eles pregavam de fato a Jesus Cristo, mas a resposta do Senhor é contundente em afirmar que Ele mesmo não era Senhor da vida daqueles, mas outro de mesmo nome o era. **"Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Marcos 13:22).**

Muitos pregam, mas não pregam o evangelho, pregam a necessidade do homem, pregam os favores que os homens podem alcançar de Deus usando assim a própria cobiça humana como incentivadora para se buscar esses benefícios e graças desejadas. Mas de quem a responsabilidade destas questões? Tanto do pregador, quanto do ouvinte. Mas para nosso estudo não trataremos da questão do ouvinte, mas do pregador em si e das questões que o envolvem, pois é o nosso foco. Muitos pregam a Cristo, mas não o Cristo, o Messias, aquele que subiu na cruz, de convicções calcadas em Sua própria Palavra; mas pregam um

Cristo obediente ao homem, pronto para atender-lhe quando seus mestres (o pregador e seus seguidores) lhes tocarem o sino – “ta na hora do milagre”; “ta na hora de você obter a vitória”; “ta na hora de você ser próspero”; um Cristo diferente, um falso Cristo, não o Senhor da glória.

O Evangelho da boa vizinhança

A cultura evangélica tem se mostrado determinantemente assimiladora da política da boa vizinhança. “vamos promover a paz”, “estamos todos do mesmo lado”, “pregamos o mesmo Jesus”. A questão para mim é bem clara, a posição de Cristo com relação a esta facilidade que o mundo já oferecia em sua época, era totalmente oposta ao que se vê das igrejas e crentes de hoje. Os reais fundamentos deixaram de ser usados e o fundamento do bom discurso que agrada a muitos é o que conta.

Em nenhum momento vemos a Cristo praticando tal coisa. Foi por causa de sua posição irredutível em seus fundamentos que Ele e os profetas e muitos dos apóstolos foram mortos. O esteio do cristianismo original sempre foi e sempre será a Palavra como ela é . Mas a vontade dos homens e o desejo de manipular as pessoas de pouco conhecimento bíblico, formam uma massa onde um termina por defender o outro e a Escritura permanece como que fora de campo nessa disputa. Vez por outra citam-se textos fora de contextos para justificar as aparências cristãs, mas que de cristãs estão bem longe e por certo mais próximas de um satanismo disfarçado denominado cristianismo moderno, evangélicos, gospels, etc.

É assim que a ideologia satânica se apresenta e arrebata a muitos, quando ela se parece com o evangelho. Mas um evangelho que pode tudo, um evangelho onde o homem é o centro das atenções, suas necessidades é que moldam o seu deus, o seu cristo , suas pregações. Há muito Jesus disse que surgiriam falsos profetas pregando a falsos cristos. Eles são falsos, mas também são chamados de Cristo, são profetas, mas não são de Deus; fazem até milagres em nome Dele, mas serão jogados no lago de fogo e enxofre (Mateus 7.22 ss).

E preocupa-nos ver igrejas cheias de pessoas esperançosas de se encontrarem com Cristo, mas o Cristo que conhecem não é o Cristo da Escritura, é o Cristo que lhe apresentaram como sendo o verdadeiro, entretanto estarão com seus profetas no exílio eterno. Irão para o inferno por que tinham a Bíblia na mão para confrontarem seus pregadores e não o fizeram como os de Beréia faziam com Paulo . Tinham a oportunidade de procurarem outra igreja mais fiel à palavra e não o fizeram (por acharem conveniente e se sentirem bem ali),

quiseram estar lá com eles, então com eles permanecerão na eternidade, mas longe da graça divina e sofrendo sob sua ira (Ap. 14.10).

A multidão se deixa levar confundida por suas emoções, por suas paixões, inertes quanto ao poder de uma ideologia malévola que visa apenas engordar os bolsos de seus pregadores. E acham isso simplesmente maravilhoso por que é benção de Deus para o pregador. Enquanto Cristo não tinha onde recostar a cabeça. Não tinha nem mesmo um animal para o conduzir em suas jornadas, e a única vez que isso aconteceu, foi na entrada de Jerusalém para que se cumprisse uma das profecias relativas a Ele, que Ele chegaria montado em um animal de carga que nem mesmo era seu, era emprestado.

Os ignorantes pagarão o preço da mesma forma que os seus enganadores. A política da boa vizinhança é o oposto do que a Escritura afirma de como devemos ser: **Tito 1:11 É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância. Mateus 23:33 Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Mateus 22:18 Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?**

Sem meias palavras, sem política da boa vizinhança. Aos pregadores da prosperidade de um Jesus supridor das necessidades financeiras ; de um Jesus escravo do homem que tem de fazer o milagre no dia e hora que o pregador marca; de um evangelho que aceita tudo inclusive o pecado na igreja sem que haja disciplina, promovendo o hedonismo, a satisfação pessoal e a licenciosidade para o pecado; aos pregadores que ensinam ao povo sem que a base bíblica seja exposta verdadeiramente; que vendem os votos dos crentes de sua igreja para o político que pagar mais; são pessoas cheias de boa intenção, bem como seus seguidores. Mas uma coisa é certa: de boa intenção o inferno está cheio e vai se encher ainda mais por causa da apostasia. Contudo Deus será glorificado em tudo isso. A Ele toda honra e glória eternamente, amém.

A punição da apostasia.

Apostasia é vista por muitos como sinônima de rebeldia, de ingratidão, de afastamento de Deus, de descrença. Apesar de isso ser verdade, aplicam-na fora de seu contexto. O termo é um verdadeiro cognato do grego que literalmente significa deserção. Desta forma apostasia não pode ser aplicada, como muitos fazem, aos seres humanos que nunca atentaram para Deus, ou nunca aceitaram a Cristo como Senhor, pelo contrário, seu significado aponta para um comportamento visto dentro da própria cristandade.

Paulo quando usa este termo em 2 Tessalonicenses 2.3, percebe-se que ele se faz valer do significado de apostasia para apontar que aconteceria o abandono da fé, ou como ele disse: “demovais da vossa mente”, ou seja, esquecerem-se do que foi dito. Da mesma forma Jesus também mostrou esta verdade em Mateus 24. 12 “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos.” Novamente a demonstração da apostasia é usada para se referir ao comportamento da cristandade . Nota-se no próximo versículo Cristo contrapondo ao esfriamento do amor e a multiplicação da iniquidade, à vitória daqueles que perseverarem até o fim, desta forma, somente os verdadeiros fiéis hão de chegar a este ponto, os outros ficarão pelo caminho.

A banalização da mensagem do evangelho, sua sincretização cultural e religiosa pagãs proporcionam terreno fértil onde a apostasia cresce vigorosamente no cristianismo. A religiosidade tem ganhado espaço cada vez maior e mais rápido na vida daqueles que se intitulam cristãos, e também na liderança deles, sem, contudo, perceberem que isso não irá terminar nada bem. E se isso acontece também com os verdadeiros cristãos, o que dizer dos que o são apenas nominalmente? Apesar de que os verdadeiros cristãos sentem dificuldades em aceitar muitas coisas do cristianismo moderno, por que têm dentro de si mesmos a iluminação do Espírito Santo. Já o outro não. Não sente qualquer vertigem quando chega uma nova doutrina, uma novidade de culto, uma nova ideologia para a igreja. E isso terá consequências que perdurarão na eternidade a começar no dia de Cristo.

Chegando o dia de Cristo, já é conhecido que “cada um dará contas de si mesmo a Deus” e que cada um “receberá segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”. Nesta última citação, de 2 Coríntios 5.10, Paulo usa um termo que foi traduzido por “segundo” mas que literalmente quer dizer “com respeito a...”; o que poderíamos traduzir como “receberá de acordo com bem ou o mal...”. Esta tradução nos dá a impressão de que há uma proporcionalidade da penalidade ou benefício na vida vindoura, com o nível de bondade ou maldade com que se tiver vivido aqui. Cristo demonstrou que de fato as punições serão assim. Em Lucas 12.47-48 Cristo afirma:

> Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.

A apostasia, antes da traição, foi também o pecado de Judas. Primeiro

abandonou a sua fé em Cristo em troca de algumas moedas que lhe trariam riqueza, para depois então o traí-lo. Quantos são os Judas, ou melhor, cristãos nominais que perambulam pelas igrejas espalhando suas heresias, práticas e pensamentos pagãos apesar de conhecerem a verdade? O futuro destes no inferno quando morrerem ou no lago de fogo quando Cristo voltar será bem pior que daqueles pobres homens que morreram, ou morrerão, sem sequer ouvir a mensagem do evangelho. Como alerta Pedro

> Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.” (2 Pedro 2.21-22)

Não sejamos nós encontrados nesse meio. Misericórdia Senhor!

O sacrilégio desolador

Há bastante tempo o profeta Daniel se referiu a este momento. Um momento em que estariam trocando o sagrado pelo profano, o santo altar pelo pagão. Antíoco Epifánio que reinou em medos do segundo século colocou sobre o altar do holocausto do templo de Jerusalém um outro altar pagão onde sacrificava em lugar de cordeiros sem defeito, prefigurando a Cristo, sacrificava porcos, animais considerados imundos. Este momento Daniel profetizou chamando-o de “abominável da desolação”.

No entanto, Jesus faz uso desta profecia também para se referir a outro momento da história. Um mesmo sinal que apontou para dois momentos distintos. Jesus usou este sinal profetizado por Daniel para se referir também à destruição de Jerusalém que ocorreria anos mais tarde no ano 70 d.C.

Marchando sobre o solo consagrado de Jerusalém, no ano 70 d.C. tropas romanas carregavam suas bandeiras com a imagem do imperador que era idolatrada por aquele povo. Mais uma vez, o solo consagrado a Deus, aquilo que era para ser santo (separado) para Deus, se tornou o palco de evidente idolatria tal qual a de Antíoco. Com este sinal Jerusalém foi destruída totalmente, e as palavras de Cristo se cumpriram, “não restará pedra sobre pedra” e de fato não restou.

Estas não foram as únicas vezes em que o sagrado foi profanado. O rei Acaz, quando foi a Damasco viu na cidade um altar que o deixou maravilhado. Pediu então o projeto daquele altar e o enviou ao sacerdote Urias para que ele fizesse a

obra tal qual o projeto que lhe fora enviado e o colocou no templo, profanando-o. E quando lá chegou, sacrificou naquele altar.

Os crentes de nosso tempo não enxergam que isso continua ocorrendo em nossos dias. A diferença está simplesmente nos elementos do culto que não são os mesmos do passado, mas a troca do sagrado para o profano continua a verter nos púlpitos. Digo nos púlpitos porque é deles que vem a mensagem autorizando ou desautorizando qualquer ação que o povo de Deus venha a fazer em nome de Deus. Aquilo que é ensinado, pregado, é aquilo que o povo faz ou deixa de fazer. Isso já era assim nos tempos do Antigo Testamento. Malaquias mostrou o princípio "Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos" **(Malaquias 2.7).** Mas o problema é exatamente o que se torna permissivo dos púlpitos, é o que o profeta alertou: "Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi, diz o SENHOR dos Exércitos" (v.8).

O culto solene e a adoração devida, nos moldes que Ele requer, para Ele mesmo, foram banalizados e tornados em meio de enriquecimento. Devemos lembrar que viver do evangelho, do que falou Paulo, nunca quis ter o sentido de enriquecer-se do evangelho, pelo contrário, Paulo afirma: "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes... (1 Timóteo 6:8). O princípio é que tendo o básico para sobrevivência já é o suficiente.

Mas o básico para sobrevivência de muitos foi pervertido para o luxo e para o prazer de poucos. É a massa incauta evangélica que tem enriquecido a muitos pregadores, e cantores ditos evangélicos. A massa engorda os bolsos desses manipuladores, e terminam por se tornarem alvos fáceis, fáceis de serem controlados sob a promessa de retribuição divina tendo como base a fidelidade a eles, lobos em peles de cordeiros que só se interessam pela gordura das ovelhas do rebanho do Senhor, e terminam por não serem fiéis a Deus, nem as ovelhas, muito menos os tais lobos. Mais uma vez, a história se repete: vemos o abominável da desolação, o sagrado sendo profanado.

A raiz de todos os males

O apóstolo Tiago falou que todas as desavenças, todas as guerras nascem no coração do próprio homem. E que nem Deus nem o Diabo têm alguma coisa a ver com isso, mas sim, a cobiça humana que gera o pecado e esse gera a morte (Tiago 1.13-15). Os homens não vivem em paz, não se relacionam bem, por que cobiçam. A pregação sobre o pecado não pode excluir de forma alguma a igreja

do Senhor, pelo contrário, é imprescindível que esta pregação aconteça para que a igreja não perca o seu rumo.

Mas seres humanos não são somente os membros da igreja, toda a liderança também é. E como seres humanos também pecam. Cabe então a dúvida: quem prega para eles acerca de seus pecados? Quem os adverte de que estão dando mau testemunho? Quem os incita a buscar a face de Deus de coração e não de aparências? A resposta é triste e vergonhosa: quase ninguém.

Ninguém se propõe a expor os pecados de uma liderança muito mais de pastores, a não ser a mídia sensacionalista que aproveita para vender os seus produtos, ou quando um presbítero não gosta de um pastor e fica no seu pé querendo achar algo com que acusá-lo. Raros são os casos de que membros confrontam seus desmandos e pecados, e por quê? Esta culpa é compartilhada entre os próprios membros e a própria liderança.

Quando se trata da culpa dos pastores e líderes, muitos vestem uma capa atacando de super-crentes, querendo mostrar aquilo que acham, que estão em um nível espiritual superior à ralé da igreja. Fazem com que o restante da igreja se sinta presa à liderança como se dependessem deles para tudo. Muitos crêem realmente que seus líderes e pastores são superdotados espirituais e que até precisam deles para merecer algum favor de Deus, como se a liderança ou o pastor pudessem servir de mediador entre a igreja e Deus.

Dois pontos importantes acerca disso:

a) há um único mediador entre Deus e os homens, Jesus (I Timóteo 2.5);

b) toda a raça humana foi colocada na mesma condição de pecadores, por que a cruz nos nivela por baixo. “por que todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3.23).

Por detrás dessa referida capa de santidade são cometidos pecados e atrocidades que envergonhariam o mais convicto dos ateus se chegasse a cometer o mesmo pecado (I Coríntios 5.1) e muitas delas são cometidas de cima dos púlpitos.

Um dos maiores perigos é o que se chama cobiça. Quem assistiu ao filme “Advogado do Diabo” p ôde perceber bem aonde pode chegar a cobiça humana. A história também nos ensina que as maiores atrocidades cometidas contra a humanidade, foram frutos da cobiça: Nero, Napoleão, Hitler, etc. Em escala menor de violência, a cobiça, a sede de grandeza, a vontade de se destacar entre os demais à sua volta, não tem limites para o que o homem possa fazer. Passam por cima de quem quer que seja, no travesseiro arquitetam traições e deixam marcas destruindo vidas, dando mau testemunho entre os não cristãos,

tudo para conseguir chegar onde outros não chegaram. Para afinal de contas então dizer: EU CONSEGUI, EU FIZ, EU POSSO.

Esse aí é o mesmo super-homem que matou a Deus, e acha que pode substituí-lo por si mesmo. É o pastor pós-moderno, discípulo de Nietzsche que ainda não se deu conta de onde está depositada sua fé, muito menos sua doutrina. Depositou a fé em si mesmo e sua doutrina são seus desejos e leva consigo a muitos. Perderam o rumo.

A morte da sabedoria

Pouco antes do fim do primeiro milênio da era cristã, após o colapso do império romano causado pela invasão dos visigodos em 410 d.C., todo o conhecimento acumulado originado nas civilizações antigas havia se perdido. Os povos bárbaros destruíram todo esse acúmulo cultural. Surge então o período na história que se tornou conhecido como “Era das Trevas”.

Nesse período do início do segundo milênio, o conhecimento havia se tornado escasso, livros eram algo extremamente raro, mesmo com o crescente número de pessoas que começaram a ler. Estas pessoas foram combatidas e ameaçadas pelos poderosos, pois temiam a erudição. Uma das proibições surgidas nesse tempo foi a proibição de se ler a Bíblia.

Esse combate à leitura era feito à força. Era comum as execuções daquelas pessoas que se despontavam em erudição. Foi um tempo em que pensar era proibido , pois era arriscado alguém ficar sabendo e então ser levado à forca, decapitação ou outro método de morte por causa de acusações insanas do tipo: heresia.

Passando esse período veio a Reforma no século XVI, o Iluminismo no século XVIII, a Revolução Industrial no século XIX. Hoje, o acúmulo de conhecimento é algo fantástico. A humanidade nunca teve tanto conhecimento acumulado. E, novamente, estamos às voltas de um novo “Período de Trevas”. A Declaração Universal dos Direitos do Homem não permite a falta de liberdade de expressão, nem que se oprima alguém de forma a lhe ser roubado esse direito.

A diferença é que agora a liberdade de expressão não está sendo feita à força, mas querem comprar-lhe o silêncio. Querem impor sua vontade pela força do dinheiro, da chantagem. “Quer manter o seu emprego? Então não pense, simplesmente faça!. Quer manter seu posto pastoral? Então não pregue o que o crente precisa ouvir, pregue o que ele quer ouvir. Quer se dar bem? Então corrompa ou seja corrompido”.

Desta forma a sabedoria começa a ser descartada. A mercadoria que se

compra deixando-se levar por essa ideologia é a ignorância, a omissão, e a pior de todas as mercadorias, o pecado. O salário que se ganha com essa ideologia ? “O salário do pecado é a morte...”; graças a Deus que o texto não para por aí, continua “...mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6.23).

A sabedoria é um dos pré-requisitos em uma liderança. Primeiramente não podemos confundir sabedoria com esperteza. A esperteza tem a ver com a malícia, com a maldade. Enquanto que a sabedoria é algo que provém de Deus. Mas como ser um homem sábio?

O que é um homem sábio?

Salmos 111:10 O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam. O seu louvor permanece para sempre.
Provérbios 1:7 O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino.
Provérbios 9:10 O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.

A palavra sabedoria vem do grego Sophia que em essência tem a ver com conhecimento, erudição. Daí surge a composição do termo filosofia, que é uma palavra composta filos-amigo + Sophia-sabedoria = amigo da sabedoria. Todavia precisamos distinguir entre o que o mundo considera sabedoria e o que Deus considera sabedoria. Uma e outra possuem princípios divergentes e precisamos decidir qual das duas seguir.

Paulo ao falar acerca de sabedoria afirmou em I Coríntios 1.17-26 que aquilo que é considerado sabedoria para o mundo é loucura para Deus e o que é a sabedoria de Deus é considerada loucura para o mundo. E é exatamente nesta tensão entre as duas definições de sabedoria que o líder cristão deve saber por onde trilhar. Neste caminho não existe a posição em cima do muro, como citamos em outro lugar, Jesus afirmou: “quem comigo não ajunta, espalha”.

Na igreja de Corínto para a qual foi direcionada o texto acima citado, haviam muitas divergências no contexto da igreja. Uma delas é que o povo estava dividido quanto à liderança que deveriam seguir. Existiam vários referenciais pois diziam: “Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo...” (ICoríntios 1.12). Tal situação vem a demonstrar que o foco dos liderados estava errado. Eles estavam julgando qual líder seguir de acordo com suas erudições, sua sabedoria, daí o contraste apresentado entre a sabedoria humana e a de Deus por Paulo neste contexto. As divergências surgidas poderiam ser exatamente com diferenças de visão entre a sabedoria de um e outro referencial: eu sou de Apolo, Cefas, Cristo.

Por isso Paulo combate a sabedoria humana em contraste com a de Deus. Paulo advoga que a sabedoria de sua pregação, o teor da mensagem não era segundo a sabedoria humana. Mas de acordo com a sabedoria humana a mensagem que era pregada era loucura para os descrentes. Mas como despertar a sabedoria para liderança sem que esta gere divisões? De certo não podemos nos responsabilizar que uma ou outra distorção por parte dos liderados surja, mas nada que não possa ser corrigido, e era o que Paulo estava fazendo.

Não obstante estas distorções acerca da sabedoria, ela provém, acima de tudo de um comportamento gerado a partir de um conhecimento. O conhecimento de Deus gera o temor a Ele. O profeta Isaías, quando contemplou ao Senhor (Isaías 6) e viu sua majestade e ouviu dos anjos acerca da santidade infindável de Deus, isso lhe gerou um grande desconforto por estar ali na presença de um Deus completamente santo.

A sabedoria do homem de Deus está centrada no conhecimento de Deus da Palavra e na fé da qual ele faz uso dela. A liderança, como despenseira das três esferas do pacto, precisa de fato estar cheia do conhecimento de Deus – é este conhecimento que gera o temor de Deus, consequentemente de sua sabedoria.

Percebemos também que a sabedoria pode ser adquirida, não por osmose, para como algo que pode e deve ser buscado de sua origem primária, do próprio Deus. Tiago esclarece: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida” (Tiago 1:5). Mas também Tiago faz uma distinção pormenorizada da verdadeira sabedoria e dá características específicas dela

- Condigno proceder
- Pura
- Pacífica
- Indulgente
- Tratável
- De plena misericórdia
- De bons frutos
- Imparcial
- Sem fingimento.

(Tiago 3:13,17)

Da mesma forma Tiago demonstra que o tipo de sabedoria que não provém de Deus é fundamentada em “inveja amargurada e sentimento faccioso” com a finalidade de causar qualquer tipo de divisão, de discórdia, dissensão, ele

completa: “Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca” (3:15).

2. Pregação e vida

De fato o púlpito é um lugar de honra, um lugar que precisa se ter respeito por ele, não por causa do pregador em si, e nem o pregador por causa de si mesmo; mas por causa de quem é a mensagem que se deve levar. É um lugar que transpira terror para o pregador consciente do que está fazendo. É um lugar onde ele sabe que trás sobre si toda a responsabilidade de que a mensagem não é, e nem deve ser dele mesmo. A mensagem é a mensagem do Deus Soberano, do Deus criador de todas as coisas. Subir neste lugar para trazer uma mensagem que não condiz com a Palavra, trazer uma mensagem que visa apenas satisfazer suas necessidades, trazer uma mensagem que apenas são frases de efeito para impressionar o público que o ouve, trazer uma mensagem deturpada de sua intenção original é trazer sobre si mesmo toda a ira de Deus, e dos próprios ouvintes que irão acusá-lo de infiel no dia de Cristo, ou antes disso.

Moisés quando foi chamado por Deus para assumir esse lugar, sabia muito bem o que acarretaria de responsabilidade sobre ele, por isso vemos um diálogo tão grande entre ele e Deus, quando ele não queria tal posição e Deus mostrando a ele que essa era Sua vontade e irrevogável. Isaías antes de se prontificar a ser o porta-voz divino atemorizou-se diante da santidade de Deus; Jeremias deu desculpas infantis, literalmente, para não levar sobre si esta cruz. Mas não adianta. Quando Deus vocaciona [2] , quando Ele determina, não há nada que o homem possa fazer senão acatar o seu chamado e executá-lo com o máximo de diligência, tendo em vista tanto a fidelidade com a Escritura, quanto a própria vida seguindo a mesma Escritura. O pregador deve “tomar a sua própria cruz e segui-Lo”. Já ouvi políticos usarem esta frase que sua carreira, era sua cruz.

Contudo, o púlpito, ou o pregador, não deve m ser como aqueles que se usam e são em épocas de campanha nos anos de eleição.

Politicagem, política e pastorado.

"O homem é um ser político". Aristóteles já definia séculos antes do surgimento de outros termos e definições mais modernas de república ou democracia, que a política é parte essencial do ser humano. Se é humano, é político. Na sua definição mais remota, política é a arte de governar a polis (cidade). Mas esta arte desde a sua mocidade exige um determinado comportamento ético relativo a ela. Um comportamento que seja aceitável pela proposta moral uniforme entre os homens.

Não existe, entretanto, um consenso definido nesta dita uniformidade uma vez que a aceitação dos conceitos éticos, morais são subjetivos. Cada um pensa e define como quer. E quando esta diferença extrapola o consenso geral diz-se a respeito dela que não é ética, consequentemente não é moralmente aceita pela maioria, chamam-na de imoral ou, em extremos, amoral. Daí se vê a definição do que vem a ser a politicagem, ou seja: uma distorção da verdadeira política baseada em uma moral considerada ética, se assim podemos concatená-las, pela maioria.

Mas há uma diferença que precisa ser levada em conta. Todo ser humano nasce com o que chamamos de senso moral. Senso moral, ao contrário do que muitos pensam, não se trata de respeito, mas senso moral nada mais é do que a noção que o ser humano possui daquilo que é certo e daquilo que é errado. Em todas as culturas de todas as épocas em todas as raças e religiões, até mesmo naqueles que se declaram ateus podemos observar que todos possuem esse senso moral. É interessante observar que o senso moral pertence unicamente ao ser humano. Ele não pode ser visto nem nos animais, nem no restante dos seres vivos, nem em qualquer elemento da natureza, é exclusivo do ser humano.

Quando observamos isso, nos faz surgir uma pergunta sobre a chamada teoria da evolução que diz que o homem surgiu através de um longo processo de transformações a partir de outro animal, ou elementos da natureza. Contudo, a teoria da evolução prega que o processo da evolução apenas melhora o ser biologicamente a partir de elementos e características que ele já possuía. Como exemplo, um pássaro que não precisasse voar grandes distâncias para se alimentar sua asa ao longo dos tempos diminuiria de acordo com a sua necessidade. Assim, um membro que ele já possuía adaptou-se à sua necessidade.

Desta forma, a teoria da evolução diz que nesse processo aprimora-se o ser vivo para que ele se adapte ao meio ambiente em que está. A pergunta que

surge então é: se o ser humano surgiu através de um longo processo de melhorias para que ele se adaptasse ao meio ambiente, de quem, ou de que elemento o ser humano herdou o senso moral, uma vez que ele não pode ser encontrado em nenhum outro lugar da natureza, exceto no homem? A resposta é que não há a possibilidade de o homem ter herdado de nada que existe na natureza, uma vez que o senso moral é exclusivo do homem.

Necessariamente surge outra pergunta: se o homem não herdou o senso moral através do processo de evolução, de quem ele herdou então? A Bíblia é bem clara em mostrar que Deus, ao criar o homem o fez à sua imagem, conforme à sua semelhança como está escrito em Gênesis 1.26-27. Com isso, não quer dizer que Deus fez o homem com braços e pernas com uma aparência física semelhante à sua, uma vez que Deus é espírito e espírito não tem forma. Mas quer dizer que Deus dotou ao homem no ato de sua criação com características parecidas com as suas, e uma delas é exatamente a moral. A moral em Deus não é apenas uma noção de certo e errado, é a moral perfeita, sublime, da qual Deus deu apenas uma noção dela ao ser humano.

Sendo a moral algo que Deus colocou no coração do homem feito à sua imagem e semelhança, em nós havia sido implantado um espelho da perfeita moral divina, que deveria ser usada para o governo. (... e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”... deu-lhe domínio....). Com a entrada do pecado, a distorção desta moral é o que restou para a humanidade praticar o governo. Influenciados por esta condição política do homem, muitos pregadores levam a politicagem para o seu círculo de relacionamento, como um modelo humano de política a ser seguida. Tentam desvencilhar a politicagem, a que chamam de política equivocadamente, do padrão ético e moral exigido por Deus em suas vidas, uma vez que, dizem, são nova criatura.

Entretanto, a politicagem se torna seu padrão de comportamento ao invés da Escritura que afirma: “Com efeito, dos que em ti esperam, ninguém será envergonhado; envergonhados serão os que, sem causa, procedem traiçoeiramente (Salmos 25:3), uma prática da politicagem. “...se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens;”(Romanos 12:18); e decorrente disso: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Existem momentos nestas relações que me causam asco em perceber que ao invés de praticarem a Palavra, ministros estão praticando a politicagem para satisfazerem aos seus próprios desejos e inclinações politiqueiras.

Alguns destes ministros e líderes chegam a se elevarem e serem elevados

pelas ovelhas de que tomam conta à categoria de semi-deuses. Elevam-se por que acham o que fazem normal e chegam a ter sensação de dever cumprido, mas se esquecem que todos os nossos atos, por mais puros que imaginam ser, estão completamente recheados da podridão do pecado e que precisam ser pesados na balança da justiça divina, como disse Isaías: “todas as nossas justiças são como trapos da imundícia”. Tudo aquilo que julgamos ser a mais justa e justificada ação, obra, ou pensamento, são como farrapos cheios da sujeira humana. Os tempos se aproximam! Tenha misericórdia de nós Senhor!

Apóstolo, hoje?

A mídia especializada tem publicado em todos os meios de comunicação, e vemos, às expensas do público evangélico, um número cada vez maior de pastores assumindo o título de apóstolo. Iremos abordar neste texto dois aspectos, 1.filológico e 2. teológico.

1. O termo “apóstolo” é um verdadeiro cognato do grego apostolo, que pode assumir alguns valores tais como: um delegado, mensageiro, alguém enviado com ordens, (BOL – módulo avançado 3.0).

Este termo, da forma em que está exposto, qualquer pessoa que assumisse tais empreendimentos poderia carregar o título de apóstolo. Como por exemplo, alguém que leva uma mensagem pode assumir tal título. Se aplicarmos tal metodologia um carteiro, mais do que qualquer outra pessoa, poderia ser chamado de apóstolo, pois afinal de contas ele leva não uma, mas várias mensagens diariamente.

É desta forma que hoje o título apostólico tem sido divulgado no meio evangélico e entre a classe pastoral. O título apóstolo trás consigo um tom de maior status do que o de pastor, e desta forma, filologicamente o termo tem sido usado de forma indiscriminada por vários pastores que arrogam para si mesmos tal título, elevando-se (se é que isso existe), na cadeia de comando, ou de importância no meio evangélico, o que der maior ibope.

2. A Bíblia nos mostra que os doze discípulos mais próximos de Jesus foram chamados de apóstolos, porque tinham uma mensagem a ser levada, foram enviados para isso. No Novo Testamento esta palavra ocorre 56 vezes, e em nenhuma delas apontou para alguém diferente dos primeiros doze escolhidos (Mateus 10.2), exceto Paulo, que como ele mesmo afirma que não seria digno de ser chamado de apóstolo por que perseguiu a igreja, uma forma humilde de referir-se ao seu apostolado (I Coríntios 15.7-10) Neste aspecto, a Bíblia nos mostra determinadas características imóveis e inegociáveis para aqueles a quem

foram denominados de apóstolos de Jesus Cristo. Vejamos:

a. O apóstolo teria de ser comissionado diretamente por Cristo. Todos eles, inclusive Paulo, foram chamados uma um para esta função.

b. Pedro e os demais apóstolos quando foram eleger outro apóstolo em lugar de Judas, determinaram quem poderia assumir este título junto a eles. Como está no texto de Atos 1.21-22.

i. Necessariamente assumiria este lugar um que tivesse acompanhado pessoalmente toda a trajetória do ministério terreno de Jesus – v. 21

ii. Este acompanhamento deveria compreender todo um período que compreendia dois fatos do ministério de Jesus Cristo:

1. Seu batismo

2. Sua ascensão.

Levando em consideração este texto, absolutamente nenhum dos que hoje se autodenominam apóstolos, poderiam assumir este título, pois nenhum deles testemunhou pessoalmente o batismo, ministério e ascensão de Cristo.

E quanto à Paulo? O último deles, Paulo, no texto de I Coríntios citado, denominou a si mesmo como um nascido fora de tempo. Suas palavras soam como que ele não deveria estar ali, classificado como membro do colegiado apostólico, mas ali estava pela graça de Deus concedida “a ele”, como diz no versículo 10. Se avaliarmos o texto de Pedro em Atos 1.21-22, Paulo de forma alguma se encaixaria no perfil apostólico.

Algumas considerações, no caso de Paulo precisam ser feitas.

a. Como ele mesmo já havia dito – ele é um nascido fora de tempo, em outras palavras ele é uma exceção à regra. Mas que regra? Claramente é a regra estabelecida pelos próprios apóstolos. Não que Paulo tivesse em mente exatamente tal regra, mas por ele saber que ele mesmo não estava no começo com eles. (nascido fora de tempo)

b. Outros aspectos precisam ser vistos.

i. Paulo de forma diferente dos outros, foi testemunha de que Cristo estava glorificado (estado após ascensão): Atos 9.4-6

ii. Paulo foi comissionado diretamente por Cristo;

iii. Paulo recebeu instruções específicas quanto a tudo o que deveria fazer. Ele inicia este texto falando de si mesmo em terceira pessoa: 2 Coríntios 12.1-7.

O problema atual é que tais pregadores que se auto-intitulam apóstolos testemunham sobre si mesmos como tendo as mesmas características do apostolado paulino, ou seja, todos eles são “nascidos fora do tempo”. A questão

se torna absurda, pois estão fazendo do modelo de Paulo que era a exceção, a regra para os dias de hoje. Quando questionados sobre seu apostolado na ótica do texto de Atos 1.21-22, dizem estar na mesma categoria apostólica de Paulo, o que é um absurdo, pois Paulo mesmo se chamou um nascido fora de tempo, uma exceção; agora todos querem ser exceção.

Há de se perceber também que a visão do apostolado em Paulo é bem divergente da visão que se tem hoje. Os apóstolos atuais são aqueles que possuem audiência crescente na mídia, contas bancárias que causariam náuseas a Paulo, ministérios e vida que demonstram luxo (com seus carrões e verdadeiras mansões, até aviões particulares), e um puro e vergonhoso interesse financeiro para manterem seus programas no ar, ou a atenção de seus ouvintes, pois afinal não é um reles pregador falando... é um apóstolo.

Terminarei este texto apenas citando um texto do referido apóstolo:

I Coríntios 4.9-13 Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens. Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis. Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação; até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.

Pregador, um servo humilde

Há, necessariamente, características de caráter que um pregador deve ter. Mas não são características quaisquer oriundas de sua criação, de sua educação formal, ou informal, nem mesmo relativas ao próprio sujeito. Como pregadores do evangelho, tais características devem ser do próprio Senhor do evangelho. Mas há uma que considero ser essencial e indispensável tê-la, não que sejamos iguais ao próprio Senhor Jesus, mas isso decorre de um princípio bíblico para vida de todo cristão autêntico, refiro-me a aqueles que Deus "...de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Sermos à imagem e semelhança de Cristo não é segundo uma imagem antropomórfica , mas diz acerca de seu caráter e suas atitudes.

De fato nunca seremos tal qual Cristo, nunca alcançaremos o idealizado por Deus nas Escrituras "sede santos como Eu sou santo", mas também não existe outro referencial para nossas vidas. Não existe outro modelo apesar de ser uma meta inalcançável. Entretanto não é motivo para desanimarmos vislumbrar um exemplo tão alto ao ponto de desistirmos, não foi essa a intenção de Deus ao proferir estas palavras, mas é para que estejamos sempre em estado de alerta quanto ao pecado que sempre bate à nossa porta. Serve também para nos mostrar que somos pecadores e necessariamente nossas vidas carecem de correção, conhecimento e crescimento diariamente.

Quando Paulo nos fala acerca do ministério de Jesus Cristo ele expõe nos seguintes termos: "... antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens;" (Filipenses 2:7). Ao que se percebe é que um observável e considerável número de pregadores não sobem nos púlpitos para servirem, suas vidas tão pouco demonstram isso, pelo contrário, querem ser servidos. Mas que serviço é esse? Quando se sobe no púlpito não se pode fazer uso dele para própria satisfação pessoal, ou para dizer em um microfone aquilo que não será contestado naquele momento, é se aproveitar da situação para falar o que quiser falar, desabafar. Quando se usa o púlpito desta forma o pregador não está servindo aos ouvintes o que deveria: a Palavra de forma fiel; mas ele está se servindo da oportunidade para ter suas metas alcançadas.

Servir no púlpito não é falar aquilo que vai te trazer benefícios; não é falar aquilo que agradará o ouvinte; não é desabafar; tão pouco expor seus

problemas; servir no púlpito é pregar fielmente o que de fato o texto está querendo dizer. Em uma pregação falar o que você acha e isso acontece com freqüência e se percebe isso quando o preletor diz: “...eu acho que...” é servir aos próprios propósitos. Servir neste momento também não diz respeito a extravasar aquilo que te angustia, entrementes é pregar para si mesmo e para o povo o que é o erro que a Bíblia aponta de forma clara e corar de vergonha clamando pela misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo.

É vital reconhecer-se pecador bem como aqueles que estão à sua volta. O que muitos pregadores não fazem, pois só enxergam os pecados dos outros, os seus próprios são como se não existissem. Um dos maiores pregadores do passado aprendeu este princípio que deve reger a vida dos que são chamados para este ministério, esta tarefa; ele assim clamou: “Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Isaías 6:5). Há alguns que quando estão pregando se sentem como o próprio cego que se declarou inerrante quando escreve ex-cathedra, o papa. Da mesma forma agiam os fariseus: “O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; (Lucas 18.11).

Há aqueles que imaginam que do jeito que está, está bom. Que Deus os aceitou sendo pecadores então que eles podem continuar vivendo e sendo da mesma forma que eram antes de sua conversão. Acham que por que entenderam e deixaram de praticar a idolatria e a bebedice o resto está bom. Esta nunca foi nem nunca será a postura de um cristão autêntico. Pois se há uma clara evidência de pecado nesta forma de agir, não podemos consentir com o pecado em nossas vidas, devemos, antes de tudo, lutar para mudar a nós mesmos, buscando do Senhor esta mudança e de qualquer forma não nos isentando de responsabilidades. Foi o que o Senhor disse a Caim “eis que o pecado jaz à porta, mas a ti cumpre dominá-lo”. O pecado não pode existir continuamente na vida de um crente e se a falta de humildade é algo presente em tua vida saiba que é pecado, pois o que é esperado de nós é que sejamos humildes como Cristo o foi. Não podemos descansar com este repugnante ato em nossas vidas, pois como exorta o apóstolo: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus” (1 João 3:9).

Para assumir uma postura de servo a primeira coisa é a todo instante

estar claro em sua mente de que se o próprio Cristo, perfeito em todos os aspectos, desígnios e majestade se humilhou para poder servir “aos que de antemão conheceu”, não será a humildade a primeira real necessidade na vida de um pregador? A arrogância, o desabafo, o achismo pessoal, a vingança pública, a revolta, a rebeldia, a vanglória, a pregação para o aproveitamento próprio são todas estas coisas completamente contrárias ao principal dos princípios que devem reger a vida de um pregador; pois todas estas coisas se opõem à humildade. O termômetro para testar a humildade em suas vidas se chama convívio familiar. Pois é no lar que seu verdadeiro caráter aparece.

Então se você perguntar a sua esposa: “Você me acha um homem humilde?” e ela te responder não; antes de subir novamente em um púlpito, reavalie a sua vida e comece a mudar de atitude, de modo de ser, de agir, de pensar. Seja humilde, pois seu Deus a quem você diz seguir, o foi, então faça de igual maneira. Seja a imagem e semelhança de Cristo. No nosso caso, sermos humildes é reconhecermos nossos erros não para poder ficarmos livres de um dedo que nos é apontado, mas de fato avaliarmos aquilo que nos é dito, principalmente por duas vertentes: 1. a liderança da igreja, 2. e sua família; sendo esposa e filhos referindo-me aos casados; e no caso dos solteiros pais ou responsáveis. Depois suplicar a Deus para quebrar o seu orgulho e proporcionar a mudança necessária.

Pregador, o submisso

Nunca houve nem haverá exemplo maior de submissão do que o do próprio Senhor. Em vários momentos em seu ministério terreno Ele afirmou que não estava fazendo a vontade Dele, mas a vontade do Pai. Não podemos imaginar que a submissão de Jesus Cristo a Deus Pai era uma submissão que contrariava a Ele mesmo, de forma alguma. Mas era uma submissão voluntária, em amor e por amor. Ele assim explicou: “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou (João 10:18). Em um dos momentos mais difíceis de sua vida quando Ele percebe que o peso do pecado dos seus escolhidos estava sobre Si e vislumbrou o Pai virando-lhe o rosto, Ele foi completamente submisso: “... Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua (Lucas 22:42).

Sua submissão não era simplesmente, apesar de ser primordial, para nossa salvação, mas também era uma forma didática de ensinar pelo próprio modo de agir. O pecado sempre foi considerado um severo senhor dos homens, que julga, oprime, escraviza, afasta-nos de Deus, deteriorando cada vez mais e

com mais intensidade nossa relação com Ele. Quando somos alcançados pela graça salvífica um pendor é aguardado de nosso espírito, que sejamos não mais escravos, submissos ao pecado, submissos à ideia rebelde de Satanás, mas que sejamos servos submissos àquele que nos salvou das garras de Satanás. O principal que é necessário para nos livrarmos do poder do pecado nos foi dado, o Espírito Santo (Efésios 1.13). Espera-se, então, uma resposta de gratidão, uma resposta de amor a fim de não entristecermos o Nosso Senhor. Por esse motivo é que Paulo exorta aos coríntios que não mais continuassem na prática do pecado, e justifica o motivo "Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo (1 Coríntios 6:20).

A submissão do pregador deve refletir em todos os momentos de sua vida. Por que da mesma forma que o Senhor da Glória demonstrou a todos uma atitude de servidão, assim devemos proceder de igual forma, a fim de sermos exemplo para a comunidade e sociedade a que pertencemos, para nossa própria esposa e filhos. Exigir submissão sem dar a própria vida como exemplo em casa é farisaísmo. "Viver a vida comum do lar" (1 Pedro 3:7) é o modo de viver exemplar submissão. A vida comum do lar é estar engajado nos trabalhos da casa e não deixar tudo à mercê de sua esposa, como se ela tivesse a inteira obrigação de cuidar de tudo sozinha. A distorção da vida comum no lar sob a perspectiva equivocada do que é a submissão da mulher dada em Gênesis é que levou a humanidade a se distanciar de aspectos importantes dentro da família. Em Gênesis, todo o trabalho da família era devido ao homem, inclusive na sua casa, sua casa era o jardim. Todo o trabalho era reservado para Adão (Gênesis 2:15). Depois do pecado a mulher passou a ter participação nele exatamente por causa do seu erro. Por isso a submissão da mulher em Gênesis, agora ela seria submetida a participação do trabalho do homem, sob sua liderança. Mas isso não isenta o homem de seu trabalho no lar.

Mas a origem dessa submissão subserviente do pregador não é um ato de misericórdia de sua parte, antes, acima de tudo é um ato de inteira consciência de que antes de pregar a Palavra deve ser submisso a ela. Tiago diz que o homem de Deus deve não só ser ouvinte da Palavra, mas ouvinte praticante e não rebelde e insubmisso. "Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma (Tiago 1. 21). Acolher com mansidão a Palavra é exatamente se submeter à ela, é ter um modo de agir pacífico e bondoso; e por que não dizer delicado para com a Palavra recebida. É deixar a arrogância pecaminosa de lado em se achar um super-crente, por que desses o inferno está cheio, e se tornar um

servo-crente, submisso.

Quando Jesus conta a história de Lázaro e do rico, em Lucas16.19 ss, supostamente um fariseu, de que ambos morreram e cada qual tomou o seu destino, Lázaro para o céu e o rico para o inferno percebe-se na história uma verdadeira falta de submissão à Palavra pelo rico. Estando no inferno ele suplica a Abraão que fizesse um milagre de ressuscitar o morto, Lázaro, para que ele fosse até a casa de seus irmãos para exortá-los sobre o caminho de destruição e sofrimento que eles estavam seguindo. Mas a resposta de Abraão foi contundente: "... Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. (Lucas 16:29). Dizendo de outra forma: Eles tem a Palavra revelada e escrita de Deus por Moisés e os profetas, ou seja, a Bíblia que estava escrita até aquele momento da história, o Antigo Testamento. Eles deveriam ler, aprender e serem submissos à Escritura e crer no que estava escrito e não em milagres como forma de seguir a Deus. Não se pode querer esperar o milagre de ser um eficaz, eficiente e efetivo pregador da Palavra se o próprio pregador não é submisso ao que ele mesmo está pregando. É por isso que Jesus alertou quanto aos fariseus: "Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem" (Mateus 23:3).

Liderança liderada e liderando

Certamente já ouvimos falar daqueles que se sentem donos da igreja. Suas atuações variam desde atitudes de rebeldia, até semear-se a discórdia e conseqüente divisão da igreja. Qualquer que seja sua atuação a raiz é uma só, o pecado. Muitos homens de Deus passaram por tais circunstâncias, sendo eles pivô, ou vítimas da insubmissão. A atitude nasce de uma ponta de orgulho no coração. Essa ponta de orgulho pode ser detectada quando o submisso acha que não precisa ser mais submisso, por vários motivos: seja por estar cansado de receber ordens, seja por estar querendo algo mais que lhe é dado, seja por estar achando que não precisa mais de ser ensinado por que já sabe muito já entendeu o suficiente para rejeitar o contínuo ensino.

Estas pessoas perderam o foco do cristianismo e estão perdidas achando que não precisam mais da liderança lhes ensinar alguma coisa, ou pior, acham que a liderança já ensinou o que tinha de ensinar. Mas certamente não conseguem nem mesmo amarrar os seus sapatos do evangelho sozinhas, são crianças espirituais com crises de adolescentes. Ainda precisam do leite. A razão de existir pastores e mestres na igreja é exatamente para educar os crentes na verdade, como Paulo afirma em **Efésios 4.11-14** . Rejeitar a orientação destes

homens é rejeitar a ordenança divina.

Agora, existe uma matéria de competência dos crentes que não visa simplesmente discordar, por discordar. É o que os crentes de Beréia faziam com Paulo: Ele pregava e eles conferiam na Bíblia e acatavam sua palavra, pois era coerente com a Bíblia. Ou naquilo que a Bíblia não afirma ser pecado, Jesus Cristo delegou sua autoridade à igreja tendo à frente dela estes homens que são autoridades instituídas por Deus para ensinar o seu povo. Se estes homens não estão agindo e ensinando de acordo com a Palavra é matéria que outros homens, de mesma patente os julgue. É o que Paulo afirmou aos coríntios em **I Coríntios 14.29** . Profetas julgando profetas. E se isso não funcionar dentro da igreja estes serão julgados por Deus, pois como está escrito: “a quem muito é dado, muito será cobrado”. Pois o erro se confronta biblicamente, não com o pensamento individual de cada um. Para provar que alguma atitude está errada e é pecado, tem de se mostrar biblicamente, não o achismo de cada um.

Baseados nesse achismo acabam por semear discórdia entre o pastor e o restante da igreja. Este foi o comportamento de Miriã e Arão, Corá e seus filhos e mais uma trupe de seguidores que acabaram sendo engolidos pela terra por não concordarem com a liderança e as atitudes que Moisés tomava. Esta foi a atitude da pecaminosa igreja de Corinto que colocava em dúvida o apostolado de Paulo. Esta foi a atitude de Absalão contra seu pai Davi. Esta foi a atitude de muitos outros na Bíblia que não se mostraram submissos à liderança que Deus lhes colocou. Tal comportamento tem como base que estas pessoas começam a pensar de si mesmas além do que convém. Pensam que sabem muito e não precisam aprender mais nada, sobre coisa alguma, ou não precisam aprender mais nada sobre determinado assunto. São como a igreja de Corinto que tinha poucos anos de existência, em conseqüência os crentes que ali estavam eram neófitos na fé e achavam que eram o supra-sumo dos crentes ao ponto de desprezarem a Paulo e os seus ensinos; foi a atitude de Judas que desprezou tudo aquilo que aprendeu do Senhor Jesus.

Estas pessoas para insuflarem-se contra a liderança afirmam que a educação pode ser desprezada em vista do conhecimento que possuem. Assim é que também a igreja de Corinto desprezou o conhecimento de Paulo. Esqueceram-se de que ele era doutor na Lei mosaica. Passou anos a fio estudando acerca da Lei de Deus. E Deus no final das contas usou todo este conhecimento dele para sua própria Glória. O que podemos perceber nos escritos de Paulo. Se a educação não fosse necessária para se ensinar a igreja, os apostolos não teriam que ter passado por um seminário intensivo de três anos

com o próprio Deus encarnado lhes ensinando sobre tudo o que deveriam ensinar à igreja. E estas pessoas acham que por que leram uma meia dúzia de livros não precisam aprender mais nada com seus pastores. É deste tipo de atitude que João escreveu: “pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.” **Apocalipse 3:17** Não estou defendendo uma submissão cega ao pastor da igreja, mas defendo que o ensino seja submetido à palavra como faziam os de Beréia, por que se não for assim é rebeldia não contra o pastor, mas contra quem o colocou ali.

O perfil de um pregador

“É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo” **(I Timóteo 3. 2).**

Um dos maiores problemas quanto à vergonha que muitos pastores e líderes provocam ao evangelho é consequência exatamente dos erros cometidos pelos presbitérios e das próprias igrejas quanto às ordenações que são feitas. Quantos são os que carregam o título de pastor, presbítero, diácono, mas são repreensíveis a N pontos em sua vida? Quantos estão em adultério? Quantos não são temperantes (com bom senso)? Quantos não são modestos, mas soberbos e narcisistas? Não são hospitaleiros? Não aptos (sem preparo e sem disposição) para ensinar? Beberrões? Violentos? Quantos inaptos trocam a família pelo ministério deixando de governar bem sua própria casa? Quantos nos concílios das igrejas não colocam as manguinhas de fora e se mostram homens completamente descontrolados sem qualquer domínio próprio que é básico para todo crente?

Enfim, uma torrente de homens que levam suas vidas exatamente da forma contrária àquela que Paulo expôs para Timóteo ser um ideal para que esses sejam ordenados estão circulando por aí. Com isso, certamente ele não quis dizer que o homem para ser investido de tal responsabilidade teria de ser perfeito, o que absolutamente ninguém seria capaz de ser.

Mas, infelizmente outra coisa incomoda. Uma dos maiores defeitos, que

deveriam ser observados, certamente nem mesmo se chega a cogitar sobre ele. Creio que das qualidades requeridas, apesar de ser um conjunto, uma delas se destaca entre as outras, visto que desta decorre as demais: o fato de que o pregador não seja neófito. O sentido mais primário é ser novo na fé. Mas o que pode determinar isso? Seu tempo de crente? Ou a sua maturidade como cristão? Ou simplesmente maturidade emocional. Há de se perceber que todas as qualidades requeridas por Paulo decorrem de um outro tipo de maturidade que atua em conjunto com a maturidade cristã, que é a maturidade por si só. É ter experiência de vida, é ser carimbado e isso não diz respeito à idade.

Grande número de pastores, quando digo grande é a maioria, que sai de seus lares, do colo dos pais e caem dentro dos seminários e dali já saem pastores. A idade é essencial? Obviamente que não, mas e quanto à maturidade como um todo? Quando não se tem maturidade, quando não se tem uma correta orientação, ou essa é insuficiente, caem na soberba, não são nem um pouco modestos. Ao invés disso se tornam adeptos de Narciso e terminam por cometerem o pecado da idolatria, idolatrando a si mesmos.

Acham que tudo podem fazer, pois não haverá conseqüências; acham que tudo pode ser dito que nada lhes será cobrado. Podem até mesmo se achar no direito de afirmar que um ou outro pode ser filho do Diabo e que, portanto, não será salvo. Acham que os outros devem segui-lo e imitá-lo ao invés de seguir a Cristo como Paulo afirmou: “Sede meus imitadores assim como eu sou de Cristo”. Obviamente Paulo não está afirmando para que os outros o imitassem tal qual ele era, mas afirma que deveriam imitar a Paulo na forma como ele imitava a Cristo, ou seja, submisso a Cristo.

Para ilustrar isso, certa vez formou-se em um seminário um jovem com pouco mais de vinte anos e já assumiu uma igreja em um interior. Com poucos meses na igreja certa feita levantou-se bem cedo, antes das sete horas da manhã e convocou ao conselho da igreja para uma reunião de urgência. Quando os presbíteros estavam reunidos na igreja à esta hora da manhã o jovem pastor começou a falar: “meus irmãos eu os convoquei a esta hora por que precisamos resolver algo urgente; precisamos decidir o que fazer com este padeiro que passa buzinando na minha porta às seis da manhã me acordando com aquele barulho. De fato casos como esse são extremos, mas há outros que se encaixam no mesmo quesito, falta de maturidade que os leva a pensar que devem ser o centro das atenções de todos, e que de igual forma ou pior, levam a igreja a distanciarem-se do propósito dela mesma, ser luz e sal no mundo para se tornarem igrejas pastorcêntricas.

Quantos estão no mesmo erro da igreja de Corinto onde uns se diziam seguidores de Paulo, outros de Cefas, outros de Apolo, outros ainda de Cristo (os que se achavam mais espirituais do que outros)? O problema da soberba, falta de modéstia, é que ela direciona o indivíduo para longe de Cristo e de sua Palavra e o conduz para perto de si mesmo e de suas próprias preferências. Quando Paulo rechaça a igreja de Corinto sobre sua divisão, ele chama a atenção da Igreja para o fato de que estavam seguindo a homens e não a Cristo. Quando seguimos aos homens, nos tornamos à imagens deles, ao contrário, se seguimos a Cristo nos tornamos para o propósito para o qual fomos salvos: sermos feitos à imagem de Jesus Cristo a cada dia. "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". **(Romanos 8:29).**

Mais adiante, demonstrarei que esse é um dos motivos que me repele a usar citações de teólogos nos sermões. Acaso nos tornaremos à imagens deles, ou teremos o mesmo comportamento de Cristo rebatendo o Diabo quando na sua tentação usou somente a PALAVRA? O que acabei de afirmar foi como quando Paulo falou sobre alguns que afirmaram seguir a ele, Paulo, em Corínto, ele não achou isso uma boa coisa, mas má. Pois o resultado em Corinto foi uma divisão na igreja. Tanto é que ele afirma: “Dou graças a Deus porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio; para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome” **(I Coríntios 1.14-15).** Ao contrário disso afirmou que todos os crentes, principalmente os que estão na direção da igreja, nós que fazemos parte desse grupo de homens que recebem o título de pastor, diáconos, presbíteros, evangelistas, missionários, precisamos ter a consciência de que somos um corpo (de Cristo) e não podemos de forma alguma ter um comportamento de individualismo narcisista.

Se ao perceberem que existem divergências de pensamento ao invés de provocações, insultos, apelidos depreciativos que nada mais são do que baixarias públicas que desonram o evangelho e o nome do Senhor Jesus Cristo, se preocupassem em deixar de lados as idéias divergentes e se colocassem do mesmo lado naquilo que são iguais (irmãos em Cristo), o nome dEle seria exaltado ao invés de avexado. Como seria eu tão infante ao ponto de considerar apenas irmão aquele que concorda comigo em tudo? Isso seria infantilidade e falta de preparo para o ministério, seria eu um neófito. Em outras palavras: desqualificado para o sagrado ministério.

Mas o que se percebe é que até mesmo alguns chegam ao ponto de se colocarem passíveis de sofrer um juízo eterno chamando ao irmão de incrédulo e

até filho do Diabo. Esqueceram-se da advertência do Senhor: “Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (**Mateus 5:22**)” A palavra “Tolo” em grego é incrédulo, um ímpio, um não crente. Chamar um irmão de não crente, incrédulo, ou insultá-lo depreciando-o, quem de fato está sujeito ao inferno foi quem o chamou assim. E olhe que isso está bem claro no texto, não foi eu quem o disse.

Deixe-se de lado, portanto, a infantilidade, a imaturidade, tirem os olhos de si mesmos e deixem “o pecado que tenazmente nos assedia e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o autor e consumador da fé; Jesus...”. Porque Ele é Aquele que nos une, e é maior do que aquele que nos separa. Se de fato sabemos dessa verdade, então vivamos de acordo com ela.

“...cheios do Espírito Santo...”

Quando mencionamos em outro lugar acerca da característica da boa reputação vimos que não há possibilidade de um descrente ter uma vida digna de boa reputação aos olhos de Deus por que não existe descrente cheio do Espírito Santo. (**Efésios 1.13**) Se ele não creu, não tem o Espírito Santo! Portanto todas as suas obras que parecem ser muito boas, não passam de uma cortina de fumaça para o verdadeiro caráter que está imerso em seu pecado, na raiz pecaminosa que é natural de todo homem.

Da mesma forma, todas as obras dos que são salvos, até mesmo a pregação, precisa de haver algo que cubra a vergonha de nossa natureza pecaminosa. Esse algo não pode ser outra coisa senão a graça de Cristo sobre nossas vidas. Todas as nossas obras se tornam justas, não por nossa causa, mas por causa da obra de Cristo. Desta feita, o que Isaías diz a nosso respeito “todas as nossas justiças são como trapos da imundícia”, tornam-se assim de fato quando são independentes da obra de Cristo.

Mas este é um pré-requisito para a liderança da igreja. Ao contrário do que muitos pensam, ser cheio do Espírito Santo não tem haver com a manifestação de qualquer dom que seja. Os dons foram manifestos na vinda do Espírito Santo por que sua chegada que estava assumindo uma forma de agir diferente da que acontecia no AT. Sua vinda na vida de um servo de Deus poderia ser temporária, mesmo nos crentes. Mas após o pentecostes, sua vinda na vida de todo crente passou a ser definitiva.

Mas o que vem a ser cheio do Espírito Santo? Todo crente tem o Espírito Santo? Sim, mas nem todos são cheios dele. É por isso que Paulo quando escreve sua carta à igreja em Éfeso ele afirma em **5.18** "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito". Quando ele afirma isso, ele está dizendo para um grupo de crentes que já tinham ouvido o evangelho e já tinha crido, ou seja, eles já tinham o Espírito Santo conforme o texto de **Efésios 1.13** .

Mas há determinadas ações que são esperadas por todos os que devem ser cheios do Espírito, e quero lembrar que não cabe esses comportamentos somente aos oficiais da igreja, mas a toda a igreja. Paulo mesmo explica o que se espera de todos os que devem ser cheios do Espírito:

Efésios 5. 19-22; 25 falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, 20 dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, 21 sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. 22 As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; 25 Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela,

Efésios 6. 1 -9 Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. 2 Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa, 3 para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. 4 E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. 5 Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, 6 não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; 7 servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, 8 certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. 9 E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas.

Poderíamos colocar mais uma torrente de versículos que demonstrariam comportamentos esperados por todos os crentes, cheios do Espírito. Não há, entretanto, em nenhum lugar da Bíblia que, nem mesmo uma vírgula que demonstre que alguém tem o Espírito Santo PARA ter dons, ou para determinados comportamentos como esses citados. Por que estas coisas são só consequências de uma vida cheia do Espírito.

Vemos Paulo afirmar de forma clara que todas estas coisas são

consequência de uma vida cheia do Espírito. Em **Gálatas 5.22-24** ele afirma que todas estas atitudes esperadas dos crentes em Cristo, “são fruto do Espírito Santo”. Ou seja, são decorrentes da presença do Espírito na vida dos crentes. E ele termina esta ideia no texto afirmando: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”. (v.25)

Diferentemente há oportunidades claras que vislumbramos na Palavra sobre qual(is) o(s) princípio(s) PARA o(s) qual(is) o Espírito Santo veio:

• “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo...” **(João 16:8);**

• “...mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito **(João 14:26).**

• “...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” **(Atos 1:8).**

Estes três textos nos dão uma base sobre o motivo pelo qual o Espírito veio e qual a sua finalidade, o para quê Ele habitaria em seu povo após a ascensão de Cristo. Mas estas promessas, todas feitas por Jesus, não são novas promessas, são progressões de revelações anteriores feitas pelos profetas no AT. A mais divulgada e conhecida é a que foi feita por meio do profeta Joel.

Quanto durante o período da festa de Pentecoste acontece de haver um sinal da presença do Espírito Santo como cumprimento da promessa feita, Pedro em nenhum momento explica que a razão para vinda do Espírito Santo é a de que os dons são o motivo de sua vinda. Pelo contrário. De forma clara Pedro faz uma referência direta ao texto de Joel sobre o que estava acontecendo ali naquele momento. E quando ele termina seu discurso, o povo que ali estava, com coração compungido, questiona a Pedro e aos demais sobre o que deveriam fazer. Aqui, neste momento, Pedro fala da razão pela qual o Espírito veio: “arrependei-vos e cada um de vós seja batizado...”; a mesma razão é apresentada por Jesus em **João 16.18** ; mas ele conclui: “Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, **para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar** ” (**Atos 2:39**).

A ênfase ao final do texto de **Atos 2.39** foi feita para destacar que Pedro usa da mesma expressão que Joel em 2.32: “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, **aqueles que o SENHOR chamar.** ” O convencimento do pecado

uma das razões da vinda do Espírito. Não há como ser um oficial da igreja se de fato não estiver convencido de sua condição de pecador, e isso só é possível se ele creu no evangelho, se ele de fato é crente.

A outra razão que merece destaque para o nosso estudo é o que Jesus afirma em **Atos 1.8** . “sereis minhas testemunhas”. Para testemunhar acerca de Cristo não há como segundo opção um conhecimento parco. Nesta posição de oficial ser testemunha de Cristo o conhecimento deve ser rico e laborioso. Como ser um oficial sem condições de responder, como Pedro afirma: “...a todo aquele que pedir a razão da esperança que há em vós...”?

Um excelente domínio da Palavra com a devida iluminação do Espírito Santo, por parte de um oficial é o mínimo de fato que se deve prestar alguém para ocupar um ofício na igreja do Senhor Jesus. Cheio do Espírito Santo não diz respeito apenas à ser convertido, mas que deve ter um conhecimento e esclarecimento mínimo para “ser testemunha” do Senhor Jesus.

“...marido de uma só mulher...”

Obviamente Paulo não fala de questões acerca da vida passada, anterior à conversão. Não se pode mudar o passado, deve se aprender com ele o que se deve e o que não se deve fazer a partir do momento em que o próprio pecado não tem mais a mesma influência sobre nós. Entretanto Paulo aponta para uma diferença que os crentes, principalmente os oficiais como exemplo daqueles, devem ter uma só mulher dado ao contexto de poligamia normal entre os pagãos de sua época. Não só a poligamia era normal, como também o homossexualismo, pansexualismo e até mesmo pederastia e pedofilia das nações pagãs. Mas não era a poligamia algo permitido por Deus no AT? Houve uma mudança neste aspecto?

E desde muito antes do nosso tempo, diversas religiões em todo o mundo, defendem a poligamia sob os mais diversos pretextos. Muitas delas fundamentam-se nos exemplos citados no Antigo Testamento. Citam a Abraão, a Davi, e o mais citado de todos eles, Salomão com suas “...setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas...”; (I Reis 1.3). O que se torna uma complicação, pois se esta era uma prática dos patriarcas. A primeira pergunta lógica a se fazer é: Se esta prática era algo autorizado por Deus, ou se ela foi permissiva, no sentido de que não era autorizado por Deus, e se tornou uma tradição que confrontava a Lei de Deus e portanto, pecado. A segunda pergunta seria: se eles podiam praticar, porque não nós? Se nós somos pertencentes a uma religião oriunda de Abraão, e ele assim fazia o que nos impede de mantermos a

tradição?

A questão vai exatamente nesse ponto de tensão, entre a tradição e a Lei. Uma situação real mais presente pode nos apontar o que acontecia naqueles tempos. É sabido que o nosso país é um estado laico. O laicismo impede que o governo em qualquer esfera agrida a percepção religiosa de qualquer indivíduo. Assim, por exemplo, qualquer órgão governamental não poderia, por exemplo, manter em suas instalações, imagens de santos, pois isso agride a convicção religiosa de um crente que abomina tal prática, por que para ele e biblicamente se trata de idolatria. Em uma situação dessas indaguei a um magistrado, evangélico, sobre esta questão do laicismo e da prática de manter imagens nas repartições públicas em nossos municípios. A resposta dele foi direta:

Se houver alguma ação na justiça requerendo a retirada destas imagens, ao que se encerre uma prática de idolatria em uma repartição pública, eles vão alegar que isso é simplesmente tradição e que não querem agredir a consciência religiosa de ninguém. E eu terei de acatar.

A minha contra-resposta foi um tanto agressiva, mas não há meios termos para a justiça, principalmente a divina. Então respondi: “Quer dizer, então, que a tradição pode sobrepor-se à lei?” A resposta é obvia, não. Mas, era exatamente o que acontecia naquele período dos patriarcas. A tradição, por vezes, se confundia com a Lei, ou até se sobrepunha a ela.

Vamos relembrar os princípios que tiramos do primeiro casamento: 1. que o homem deve casar com uma única mulher; o texto diz, “sua mulher e não suas mulheres”; 2. que o homem deve se unir à mulher que é exclusivamente sua, “sua mulher”; 3. que o homem deve se unir à mulher que já lhe foi dada como esposa, não é a mulher que será sua, ou a mulher que no ato sexual se torna sua, mas é “sua mulher”. Voltemos então à questão de que o que é deixado como modelo do casamento é casar-se com um a única mulher, por que além do mais Deus fez apenas uma única Eva, não duas ou mais. Se Deus achasse, ou até mesmo aprovasse que seria viável o homem ter mais de uma esposa, ele poderia muito bem ter feito mais de uma mulher para Adão. Mas esta questão não pode ser tratada tão superficialmente. Precisamos de argumentos bíblicos que embasem melhor o que está sendo afirmado.

Logo de início, após a decadência da humanidade no Édem, as famílias continuaram sendo constituídas e espalhadas pela terra. Um dos primeiros descendentes de Adão, Lameque, onde se encontra dedicado alguns versículos de Gênesis à sua pérfida história para com Deus e com seus semelhantes, mostrou que ele seguiu o caminho aberto por Caim, seu antecedente de quinta

geração. Moisés relata no capítulo 4 versos 23 e 24 que ele, Lameque, com desdém afirmou que matou um homem e um jovem, ambos por motivos banais e ainda por cima se riu da maldição de Caim, dizendo ser a dele muito pior. Alguém que assim procede, não era de se esperar muito. Mas, Moisés não começa com esses erros de Lameque, ele começa relatando que ele tomou para si duas mulheres. O primeiro polígamo relatado na história bíblica, foi ele, o assassino Lameque.

Mas a narrativa de Moisés não para por aí, e segue com uma contraposição interessante colocando frente a frente aos descendentes de Adão, os próprios descendentes de Caim, seu filho. Ao terminar a lamentável história de Lameque, Moisés narra o nascimento de Sete, irmão de Caim, e de seu filho, Enos neto de Adão. Quando assim ele o faz, ele contrapõe a história de Enos com Lameque. Enquanto a de Lameque era um assassino e polígamo, sobre Enos, ele diz: “daí se começou a invocar o nome do Senhor”. A mesma contraposição se percebe nos significados dos dois nomes. Enquanto Enos vwna (‘Enowsh) é “homem mortal”, Lameque Kml (Lemek) é “poderoso”.

Aquele que se julgava, até pelo próprio nome, poderoso, se afastou mais de Deus indo na mesma direção de seu patriarca Caim, em velocidade muito maior. Ao contrário de Enos, que em seu nome traduzia-se fragilidade, buscou a suprema fonte de poder, Deus, invocando o seu nome, cultuando a Ele.

Muitos ficam pensando na história de Salomão, um dos homens mais poderosos que já pisou nessa terra. Sua riqueza se fosse avaliada hoje suplantaria a dos homens mais ricos do mundo, e até mesmo de muitos países; foi o mais sábio que já passou por aqui. Sua sabedoria era tamanha que muitos reis, rainhas, príncipes de outras nações vinham ter com ele e ficavam deslumbrados com tamanha riqueza e sabedoria, assim como foi com a rainha de Sabá. Como já se não lhe bastassem a riqueza e a sabedoria, havia mais de mil mulheres à sua disposição, mais de mil mulheres para um único homem. É fato que na realeza daqueles dias era viável e aconselhável, segundo seus interesses políticos, que nações mais fracas fizessem alianças com nações mais poderosas. No tempo de Salomão a nação mais poderosa foi a de Israel. Nestes dias esta nação viveu seus dias de glória e riqueza. E muitos de seus casamentos foram feitos por motivos políticos, mas isso não importa diante do fato de que as mulheres estavam ali à sua disposição.

Cabe a nós questionarmos se isso era uma regra, ou se era permissivo, ou se mesmo Salomão estava em desacordo com a Lei de Deus. Em Neemias 13.25-26 o autor aponta que Salomão pecou em relação aos seus casamentos. Mas, o

contexto mostra que seu pecado, ali apontado, não se tratava de poligamia, mas de haver contraído matrimônio com mulheres de outros povos, que Deus havia alertado para que não houvesse esse tipo de casamento misto. Ver I Reis 11.2

Mas o resultado de sua poligamia não foi algo agradável, pelo contrário, suas mulheres o levaram a pecar contra Deus. E da mesma forma outros polígamos relatados na história tiveram como fim, ou melhor, como conseqüência a queda.

Como outro exemplo, podemos citar a Abraão, que tomou por concubina a Hagar, serva de sua mulher Sara, que ela mesma o incitou a isso. A conseqüência foi desastrosa. Ele foi repreendido por Deus por não aguardar a promessa e ainda a exortação direta de Deus por causa de sua atitude. Poderíamos citar outros exemplos de polígamos e de como isso lhes afetou negativamente a vida, e isso se torna claro nos acontecimentos relatados posteriormente ao ato de poligamia que isso foi conseqüência do pecado.

Algumas religiões apóiam e incentivam a poligamia como o mormonismo e o islamismo. No alcorão o divórcio é tratada de forma leviana como algo comum e que pode ser requerido sem qualquer tipo de justificativa, apenas a vontade do marido . E da mesma forma o casamento com até quatro mulheres é permitido.

Aqui falamos da inalterância da Lei. Uso com vossa permissão esse termo, inalterância, no intuito de demonstrar que a lei vigorante na Antiga Aliança é a mesma da Nova Aliança, e também de que a Lei operante na Nova Aliança é a mesma da Antiga Aliança, ou seja, a reciprocidade da Lei quanto à sua existência e validade acontece em ambas alianças e não em única somente, ou de uma única via somente, mas o caminho operante da Lei é uma via de mão dupla. E também já foi dito que conseguimos cumprir essa Lei na íntegra, somente em Cristo.

Com relação às leis do casamento essas também não mudaram com a chegada da Nova Aliança, ou Antiga Aliança reafirmada em Cristo. Esse assunto também já foi tratado quanto esclarecemos com relação ao divórcio e novo casamento. Não houve inserção de nova Lei no Novo Testamento e isso também já ficou claro. E com respeito à poligamia o aspecto orgânico da Lei não mudou, permanece o mesmo. Quando Paulo escreve a Timóteo falando acerca daqueles que almejam o episcopado, ou a liderança e ensino na igreja, quanto ao pastorado, Paulo exige que o Bispo tenha um comportamento exemplar:

“É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher...”

Para o nosso interesse no momento, e afim de não desviarmos de nosso assunto, vamos destacar apenas a parte que se refere ao casamento “esposo de uma só mulher”. Muitos tendem a pensar que este ensino se refere à questão do divórcio e novo casamento. Ou seja, se alguém se casar e vier a divorciar-se não teria o direito de assumir o pastorado. Isso seria uma afronta à própria permissividade do divórcio, que é em caso de adultério. Não obstante ser o divórcio algo repudiado por Deus, mas e como já dito antes: e se foi antes da conversão? Como o próprio verbo einai (SEJA) está conjugado no tempo presente, isso significa que o fato de que o líder seja marido de uma só mulher ao tempo presente em que ele almeje esta liderança.

Quando Hendriksen comenta esse texto ele afirma sobre a poligamia da época de Paulo ser um fato bem presente naqueles dias, e que esse ato, fazia parte da vida dos pagãos. Assim, para mostrarem vida santa (separada) ao Senhor, os pastores não deveriam se comportar como os pagãos de sua época que praticavam a poligamia, mas que tivessem uma única esposa. Esse foi um comportamento requerido não somente aos pastores, mas também aos diáconos (Tm 3.12), bem como aos presbíteros de uma forma em geral (Tt 1.5-6). A esse último Paulo escreveu estando Tito em Creta, e a Timóteo que permanecia em Éfeso. Ambas as cidades às margens do Mediterrâneo domínio dos Romanos e de origens pagãs que manifestavam esse comportamento poligâmico como sendo normal, além do comportamento homossexual. Ser casado e com uma única mulher tornaria os oficiais da igreja destacados do mundo em que viviam, onde a realidade da sociedade em que viviam era normal ser homossexual e/ou polígamo.

Dessa forma a poligamia no Novo Testamento é tão condenável quanto o foi no Éden. Mas o que dizer dos homens de Deus que a praticavam? Em nenhum momento da história pós-Édem o homem foi capaz de cumprir a Lei de Deus na íntegra, apesar de Ele o exigir. Da mesma forma que hoje não deixamos de mentir, não deixamos de adulterar (mesmo que com a imaginação), não deixamos de tentar manipular as situações como se fôssemos nós os soberanos da história, os nossos antepassados não deixaram de pecar com a poligamia. A diferença para hoje é que essa Lei é uma das Leis divinas que se fundiu com a lei do estado, por isso a poligamia é considerada crime pela nossa constituição.

Esse fato não quer dizer que a poligamia no passado não era pecado e hoje passou a ser. Sempre foi e sempre será a poligamia uma desobediência a Deus, pois como vimos a Lei é válida tanto no Antigo como no Novo; e a Lei é latente e patente no Novo, no sentido de que hoje cumprimos a Lei à risca, como

disse o salmista, contudo, através de Cristo, como disse Paulo em Romanos 10.4: “Por que o fim da lei é Cristo, para a justiça de todo aquele que crê”.

Governe bem seus filhos e a própria casa

Governar e comandar, aparentemente podem ser confundidos, mas não são a mesma coisa. Governar tem sentido mais aproximado de liderar x comandar que tem sentido mais aproximado de mandar, (ditadura). Governar tem a ver com liderança que implica em serviço exemplar enquanto comando implica em “faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”. A liderança do pai deve servir de exemplo para os próprios filhos. (I Pedro 2.21). Cristo assumiu a forma de servo como exemplo àqueles que devem segui-lo. Quer ser líder na igreja? Então sirva!

Há comportamentos divergentes entre comandar e liderar que via de regra são confundidos, como: ser firme e ser duro; ser sóbrio e ser frio. Ser firme com os filhos e a esposa não significa você ser duro e sem educação, impaciente e pomposo; isso é ser duro. Ser firme é ter uma base sólida onde você se fundamenta, bem como suas convicções e Jesus afirmou que esse fundamento é, novamente, sua Palavra: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;” (Mateus 7:24). Isso é o oposto daquilo que não se pode fazer com a família filhos e esposa respectivamente: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Efésios 6:4). “Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura” (Colossenses 3:19).

Sobriedade x frieza – ser frio é se mostrar sem afeto, amor. Sobriedade é você ser sóbrio, ou seja, estar bem claro em sua mente qual deve ser o seu proceder para com a sua esposa. I Co 16. 14 Todos os vossos atos sejam feitos com amor. A frieza a apatia, insensibilidade são condenáveis. 1 Pedro 3:7 Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.

Decorrente deste último versículo lido, vemos algo interessante a se discutir sobre a vida em família: “Viver a vida comum do lar, com discernimento”? Pergunto para os homens: O que é viver a vida comum do lar com discernimento? É você se tornar participante das tarefas cotidianas em sua casa, é participar, ajudar, lavar a louça, ajudar com a comida, organizar a casa, olhar os filhos, cuidar de suas necessidades imediatas, etc.

A distorção da vida comum no lar sob a perspectiva equivocada do que é a submissão da mulher dada em Gênesis é que levou a humanidade a se distanciar de aspectos importantes dentro da família. Em Gênesis, todo o trabalho da família era devido ao homem, inclusive na sua casa, sua casa era o jardim. Todo o trabalho era reservado para Adão. “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar (Gênesis 2:15). Não vemos qualquer menção antes da queda sobre a mulher trabalhar em alguma coisa. Depois do pecado a mulher passou a ter participação nele exatamente por causa do seu erro. Por isso a submissão da mulher em Gênesis, agora ela seria submetida a participação do trabalho do homem, sob sua liderança. Mas isso não isenta o homem de seu trabalho no lar.

Por isso Pedro afirma que a forma de relacionamento no lar, principalmente no que diz respeito do marido para com a mulher deve ser tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade. CONSIDERAÇÃO é não desprezar a mulher e tratá-la como inferior a si mesmo, mas reconhecer que em todos os aspectos, a mulher é mais frágil que o homem, tanto na força física, quanto na questão sentimental e emocional. DIGNIDADE é reconhecer que a mulher é tão digna quanto você, marido, de ter também suas necessidades, de ter também suas vontades e principalmente em perceber que a mulher é herdeira da salvação tanto quanto você. porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.

O que acontece que quando você não trata sua esposa desta forma que o Senhor requer, o apóstolo está sendo bem claro quanto ao motivo que ele diz para que se siga este modelo de tratamento para com a sua esposa: para que não se interrompam as vossas orações. Como um oficial da igreja quer que suas orações sejam ouvidas se ele trata sua esposa com indiferença?

Devemos também .embrar que governar a casa tem a ver também com a parte financeira em todos os aspectos. Adão era o provedor para o seu lar, essa foi a perspectiva divina de sustento de uma família. Mas liderar, governar é também delegar funções, sem que você mesmo fique de fora de algumas das obrigações do lar.

Vocação e parentesco

Uma das maiores dificuldades no ministério de um pastor diz respeito não à sua fé, ou à sua vida devocional, mas diz respeito ao reconhecimento de seu próprio pastorado entre seus familiares. Os próprios apóstolos viram esta questão no ministério de Jesus Cristo, Marcos e Mateus transcreveram as

palavras de Jesus:

“E Jesus lhes dizia: Não há profeta sem honra senão na sua pátria, entre os seus parentes, e na sua casa.” (Marcos 6:4).

“E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa.” (Mateus 13:57).

Jesus não está aqui ditando uma regra que deve acontecer com todo “profeta” (cf I Coríntios 14.3), mas para mostrar a pecaminosidade no coração daqueles que rejeitam tanto o profeta quanto à sua palavra. Não foi diferente com outros profetas, como Moisés por exemplo, Mirian e Arão se insurgiram contra o irmão. No caso destes foram penalizados por isso.

A questão perpassa pela intimidade com o referido profeta, de conhecer toda a sua vida, de conhecer sua intimidade, suas fraquezas, suas falhas. No caso de Jesus Cristo seus irmãos conviveram com toda a sua infância, viram-no crescer, era para eles um igual. Mas isso tem de ser assim sempre? Tem de continuar assim pelo resto da vida? A pergunta procura responder até que ponto a desconsideração de um homem, por parte de seus familiares, chamado para o ministério por Deus é lícita, ou se é lícita em algum momento. Procura também responder se o problema está no “profeta”, ou se está em seus familiares e amigos.

Excetuando a Jesus Cristo, o passado dos profetas, é levado em consideração por seus familiares, os pecados cometidos, as falas mal ditas e malditas, as ações intempéries das relações familiares, tudo afeta diretamente na consideração do profeta. Tal desconsideração não passa somente por este ponto, mas também pela não aceitação da exortação que possa vir do que foi chamado por Deus para o ministério. E tal chamado é posto pelos que o desprezam como sendo um chamado territorial, local, dizem: “ele é pastor lá, aqui não”.

Este é um ato que tem por fundamento o não entendimento sobre o que é ser chamado (vocacionado) para o ministério.

A vocação ministerial não se trata de uma vocação local, territorial, é um chamado para a vida, independente do local em que se está. O chamado não é para uma igreja, uma denominação, mas para a igreja do Senhor Jesus Cristo independente de placa ou localização. Tal chamado vem revestido de autoridade delegada pelo próprio Senhor Jesus e pela igreja e como tal deve ser respeitado. (Atos 9.15; Tito 2.15; Romanos 13.1-2).

O problema do reconhecimento da autoridade do “profeta” não está no profeta, mas está em quem o ouve, nos seus pré-conceitos e conhecimento de um passado, de certa forma, íntimo com o vocacionado. Via de regra, sempre esse

passado é relembrado, como que quisessem diminuir a autoridade do profeta. Mas lembremos de três coisas:

1. Em Marcos 11.27-33 vemos os escribas e sacerdotes questionando a Jesus sobre sua autoridade, pois não o reconheciam como sendo um profeta, muito menos como Deus encarnado.

2. A rebeldia contra o profeta ou a palavra profética sempre foi considerada pecado, independente de parentesco com o profeta. (Números 12.11; João 10.26).

3. Quem sempre levanta o nosso passado contra nós, se feito intencionalmento ou não, é fruto de uma influência satânica para diminuir não só o "profeta", mas também sua palavra (Apocalipse 12.10).

No caso de Miriã e Arão, reconheceram seu pecado, mas no caso dos sacerdotes e fariseus, alguns poucos reconheceram a autoridade de Cristo, mas o problema não estava em Moisés ou em Cristo, mas no pecado daqueles que os rejeitaram. O fato de até mesmo lembrar o passado como desprezo pelo pastorado, cingido de diversão se torna um ato pecaminoso, pois a autoridade de um pastor não reside nele mesmo, mas em Quem a ele chamou e delegou tal autoridade. Rejeitá-lo é rejeitar a quem o vocacionou.

Homem ou mulher, tanto faz?

Muitos pensam que liderança iniciou com Moisés, liderando o povo para longe do Egito. Mas esse é um erro histórico, pois despreza o início de tudo, a criação. Desde a criação o princípio de liderança já havia sido estabelecido. A aliança feita com a raça humana teve a Adão como representante de toda ela uma liderança com representação masculina. A ordem dada por Deus que deveria ser respeitada por toda a raça humana tinha um homem como seu representante: "Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem..." (Gn 2.15-16). Esta aliança (pacto) Van Groningen a distingue em três aspectos.

o Guardar e cultivar o jardim – trabalho – cultural Gn. 2.15

o Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher,- Casamento - social Gn 2.24

o Deus lhe deu esta ordem: – Espiritual Gn 2.16

Notemos que nos três aspectos o homem é tomado como principal agente guardador da aliança. E quando acontece a tentação não acontece absolutamente nada quando Eva come do fruto, mas sim quando Adão o come (Gn 3.6-7). Percebe-se essa premissa com mais clareza quando Deus se refere à

desobediência da nação de Israel comparando o seu comportamento com o de Adão. Deus responsabiliza unicamente a Adão, e não Eva pela quebra do pacto: “Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim (Oséias 6.7).

Deus nunca responsabilizou Eva pela quebra do pacto. O único texto que poderia sugerir uma interpretação, contudo equivocada, neste sentido é o de 1 Timóteo 2:14 “E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.” Mas a centralidade desse texto de Paulo não coloca a responsabilidade da quebra do pacto em Eva e sim o de se deixar levar pela tentação. No mesmo sentido está o texto de 2 Coríntios 11:3 “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo”.

Nas nações pagãs sempre houve mulheres à frente do povo, liderando. não estavam em conformidade com o aspecto da aliança feita com Deus no Éden. Nem mesmo o povo de Deus, estava em acordo com a premissa de Gênesis quando uma mulher assumiu uma liderança ao mesmo nível de seu marido (Acabe) que era rei de Israel (1 Reis 18.4). Jezabel se tornou uma das piores lideranças que o povo de Israel já teve. A liderança do povo de Deus sempre foi feita através dos homens. A liderança tem um mero aspecto representativo. Gn 3.15 Quando Deus amaldiçoa a Satanás, ele avisa que um descendente (macho) da mulher haveria de vir para destruir as obras de Satanás.

Quando o povo de Israel pede um líder que não fosse um profeta, eles pedem um rei (I Sm 8.5). E quando aconteceu de uma mulher subir ao governo diante do povo foi motivo de miséria para a nação e Deus mostra a centralidade do erro do povo: “Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir (Is 3.12). Aqui tem um ponto interessante que merece destaque, nem neófitos, nem mulheres.

Esta prerrogativa está também presente na explicação feita por João deste acontecimento no Éden – Ap 12.3-5. Também esta prerrogativa está presente quando Paulo explica o mesmo contexto quando ele escreve para a igreja de Corinto – I Co 11.3 – 8. Na direção do ensino na igreja como um todo Paulo fala – 1 Co 14.34; 1 Tm 2.12. Paulo não exclui a mulher de participar na igreja, apenas mostra o lugar de cada um – Tt 2.3-4. Desta forma existe um lugar para a profecia (cf. I Co 14.3) para a mulher. Fora isso, se torna abominável ao Senhor a mulher estar à frente da igreja ensinando, ou como disse Paulo: exercendo a autoridade de homem. O que é representativo da continuidade da

obra do Messias, um varão e da representatividade de liderança desde Gênesis.

Leis humanas

O contexto social no qual, constitucionalmente, as mulheres têm os mesmos direitos dos homens passa a ser o padrão de referência para que o mesmo ocorra dentro da igreja. A infelicidade é que grande parte dos que defendem a igualdade totalitária entre homens e mulheres na igreja pouco sabem que isto não passa de investidas de Satanás nestes tempos pós-modernos. Não se pode mais atacar as heresias, por que pode ofender aos visitantes que crêem nelas, ou até mesmo os membros mais antigos e influentes da igreja, esquecendo-se que a Palavra de Deus não foi feita para agradar, mas para ser pregada quer gostem, ou não. Mas o fruto da pós-modernidade é pregar o que agrada a gregos e troianos. Um cristianismo light que não se exclui de agradar seus ouvintes, mas dá uma volta na pregação passando por cima do culpado da heresia, o coração do homem.

Os efeitos dessa nova consciência são desastrosos para a igreja e a sociedade. A família, base da sociedade, é desintegrada. Não se fala mais apenas do modelo pai-mãe-filhos; mas pai-filhos; mãe-filhos; mãe que não é mãe, mas é pai entre tantos outros. O homossexualismo é tratado com naturalidade, inclusive para adoção de crianças, sem contar os países que já oficializaram o casamento homossexual. Neste movimento percebe-se a pluralidade adentrando a igreja, pois esta também está seguindo o modelo do mundo. A santidade divina não é mais parâmetro para a igreja “Sede santos, como eu sou Santo”, mas o mundo tornou-se o paradigma do cristão, como no caso da igreja Luterana, que era tida por uma igreja ortodoxa até poucos anos atrás, perdeu a sua referência bíblica como pode se visto na notícia abaixo.

> A Igreja Luterana da Suécia concedeu na quinta-feira a permissão para a realização de cerimônias de bênção para casais gays, provocando protestos de conservadores católicos e aplausos da comunidade homossexual. Uniões homossexuais registradas junto às autoridades civis poderão receber uma bênção oficial da igreja a partir do próximo ano. ESTOCOLMO (Reuters).

A sociedade já está enganada. A igualdade total entre homens e mulheres é uma farsa. Um bom exemplo é a Suécia. O país onde as mulheres assumem os mesmos postos que os homens no mercado de trabalho em quantidade semelhante é o que mais registra casos de agressão à mulher no âmbito familiar. Surge a pergunta sobre onde está a igualdade entre homens e mulheres que é tanto defendida naquele país? As igrejas norte-americanas que adotaram o ministério feminino ordenado estão se desfazendo pouco a pouco. As igrejas no

Brasil não estão tão longe dessa realidade. O Concílio Mundial de Igrejas é um dos grandes propagadores desta praga: a teologia feminista. Tudo começou com simples aceitação das mulheres aos ofícios eclesiásticos, mas o movimento social chamado feminismo e que entrou na igreja pela porta da frente, impôs uma feminilização do culto. Sofia foi colocada no lugar do Único Deus e confundiu os termos masculinidade e feminilidade. Presta-se culto ao "Deus-Deusa-Tudo que há". Deus tornou-se tudo e tudo se tornou deus. O todo pagão se vestiu de roupagem cristã.

Em busca da defesa dos oprimidos, teólogos vieram a criar postulados que se tornaram grandes discursos sobre a libertação. “Teólogos da libertação lêem o texto a partir das necessidades da sociedade contemporânea em que vivem”. De acordo com sua linha de pensamento, “se Deus é real, então esse Deus deve estar envolvido nas lutas do presente, libertando da opressão. E se o cristianismo é verdadeiro, então sua mensagem deve ser de libertação”. Daí, o reconhecimento dessa nova linha como Teologia da Libertação, na qual o Ser imanente é procurado não na consumação final da História, mas nas situações presentes da vida, onde o poder libertador revelaria este Ser. Desta forma a vida se torna um fim em si mesmo, e não um meio de reconhecer Deus em todos os momentos da vida, mesmo nas dificuldades. Era exatamente esse o dilema que Jó vivenciou.

Muitos distorcem e lutam intencionalmente fazendo com que o evangelho seja ridicularizado e destruído, através da banalização do pecado, e o sexo tem sido levado em conta como sendo a principal arma contra a verdade divina. Como o movimento feminista queria redefinir tudo, Deus não ficou de fora. Naomi Goldemberg, teóloga judia feminista, disse que a essência do evangelho nesta Terceira Onda seria profundamente mudada, como ela mesma expressa:

O movimento feminista na cultura ocidental está unido à lenta execução de Cristo e Yahweh. Contudo muito poucas mulheres e homens que agora trabalham pela igualdade sexual de dentro do Cristianismo e Judaísmo entendem a dimensão de sua heresia.

Esta declaração de Goldemberg esclarece algumas coisas, como por exemplo, a tendência do movimento feminista que por muitos anos tem aparentado simplesmente um movimento com tendências sociais. É muito mais que isso, é uma luta pela destruição do cristianismo tal qual se conhece, e muitos homens e mulheres cristãs, inclusive líderes estão defendendo a igualdade dos sexos no tocante aos princípios bíblicos, sem o conhecimento profundo da causa.

O que Goldenberg disse em outras palavras é que líderes da igreja cristã estão trabalhando em defesa da ordenação feminina sem saber que isso será a própria ruína da cristandade.

Um artigo no site do Movimento Feminista declara que o último símbolo do patriarcado a ser derrotado é o Pai. Propuseram no Concílio mundial de Igrejas que Deus seja tratado de forma unisex, que ele pode ser Pai, contando que seja Mãe, e que o pronome mais adequado para se tratar conforme usam no artigo para se referirem a Deus é “ela”. E sobre Cristo dizem: “não é o Filho do Pai, mas a criança” do deus unisex.

O que se percebe é que na própria Palavra de Deus não existe nenhum tipo de designação de uma mulher para um ofício a ser exercido na igreja. Não há ordenação de diaconisas, não há ordenação de presbíteras, ou pastoras, muito menos apóstolas. O que existe é uma predisposição da igreja em seguir o curso do mundo, seguir sua ideologia. Mas isso não era exatamente que o Senhor Jesus e seus apóstolos profetizaram acerca do final dos tempos? A igreja não abandonaria seus princípios originais e seguiriam mestres como que “sentindo coceiras nos ouvidos”? A palavra que define este princípio que vem sendo adotado pela igreja de nosso tempo é APOSTASIA.

Pregador, aquele que faz o “culto racional”

A palavra racional em grego é lógico, Paulo falava de um culto lógico, um culto coerente. Não diz respeito essencialmente ao culto solene no domingo, apesar de não estar fora também. Esta racionalidade é a coerência que tem a ver com a veracidade da pregação em concordância com a vida que o pregador quando não está no púlpito leva. É a coerência que é extremamente relevante existir entre a pregação que se faz, com sua maneira de ser no dia a dia. Isso é ser verdadeiro. A falsidade não soa bem na vida de um servo de Deus. Mentira é pecado. Por isso é necessário que a leitura da Palavra na vida devocional do pregador não deve ser de forma alguma mecânica. A prática puramente mecânica da leitura da Palavra conduz à falsidade. Esse é um perigo real que todos corremos o risco de cair como em uma armadilha. Conhecer bem os textos bíblicos não é sinal de uma vida espiritual verdadeira. Conhecer bem a doutrina de sua igreja também não demonstra espiritualidade.

Para cinco das sete igrejas da Ásia para as quais Jesus direcionou em primeiro lugar o livro de Apocalipse, o Senhor advertiu: “conheço as tuas obras”. O salmista, no salmo 139, expõe todo o poder de Deus no que diz respeito à sua onisciência . De Cristo em vários momentos vemos a expressão:

“... e Jesus conhecendo-lhes o pensamento...”. O que se quer mostrar com isso é que não adianta subir em um púlpito despejar uma verborragia sem que esta esteja ancorada na sua própria vida espiritual, na seu próprio caminhar com Deus. Quando você prega um falso discurso que você mesmo não vive as pessoas que ali estão e que te ouvirão são as que menos importam nesse processo de seu caminhar com Deus; pois elas não vão te condenar ou absolver do inferno. Entretanto quem de fato tem poder para isso é que sabe e reconhece que tudo o que você prega é falso, ou não em relação à sua própria vida.

Pregador, o radical

Quem nunca ouviu falar que alguns crentes são radicais, fundamentalistas, ou até mesmo bitolado? Pois é, muitos crentes são acusados de forma ofensiva com estes adjetivos por não crentes, ou até mesmo por aqueles que se dizem crentes evangélicos

Determinar o que vem a ser crente bitolado na mente destas pessoas que usam tais apelidos para os crentes é uma tarefa vital para prosseguirmos em nossa exposição. Para eles, os crentes bitolados são todos iguais, todos fazem parte de um único pacote. São aqueles que só falam de religião, tudo o que fazem tem que ter haver com religião e em todas as coisas sempre misturam a religião.

Mas há de se fazer uma diferença entre crente bitolado e crente bitolado. Falo do crente bitolado fanático e o bitolado fundamentalista. De fato alguns crentes possuem a mente fechada ao ponto de se alguém perguntar qual o motivo que as leva a fazer, falar, ou pensar daquela forma elas não possuem qualquer resposta. Mas há outros que recebem a classificação de bitolados, contudo se questionados da mesma forma que os anteriores, sabem muito bem o motivo de agirem, pensarem ou de fazerem qualquer coisa que os levou a serem chamados de radicais ou bitolados. O motivo que os leva a serem assim chamados é exatamente o que será exposto daqui em diante.

Primeiramente vamos à justificativa filológica dos apelidos: radicais e fundamentalistas. A palavra “radical” vem de raiz. Em outras palavras o sujeito chamado de radical está sendo comparado ao sujeito que tem raízes. O sentido da palavra radical não é aquele sentido usado pela mocidade de nossos dias para expressar que alguém é super legal, ele faz coisas incríveis. Pois quando querem dizer isso, eles dizem: Vejam o fulano, ele é radical. Não é esse o sentido da palavra que usamos aqui. Da mesma forma o fundamentalista é aquele que tem fundamento. Desta forma os dois apelidos podem ser usados para expressar a

mesma coisa, pois o sujeito radical ou fundamentalista é aquele que se fundamenta, ou, está enraizado em uma ideia, em uma crença no caso dos crentes. Quanto ao termo bitolado este só pode ser usado para aqueles que não possuem argumento para suas ações, palavras ou pensamentos. Em outras palavras, fazem por que fazem, mas não sabem o motivo que as levou para se comportarem daquela forma e quando arguidos seus argumentos são evasivos e não possuem fundamento, não possuem raiz. Por isso, daqui por diante estarei usando as palavras radicalismo e fundamentalismo como sinônimas.

Assim sendo, se você é uma pessoa que se diz crente, mas suas respostas são do tipo: por que gosto... por que me identifiquei... por que eu acho Jesus Cristo um cara legal... por que eu gostei da mensagem do evangelho...por que eu gosto do culto da igreja tal... por que idolatria é pecado... Apesar de algumas delas serem dadas na mais pura sinceridade e tiradas da própria Bíblia,nenhuma delas pode servir para responder à pergunta do motivo que te levou a ser crente. Todas estas respostas não possuem qualquer fundamento firme, é puro sentimentalismo e a sua religião é vã.

Quando o salmista no capítulo 1 fala do justo ele o faz contrastando com o ímpio. V.3Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.4 Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa.Ele compara o justo com a árvore plantada junto às correntes de águas. Este justo é comparado com aquilo que tem raiz, que se alimenta sempre. Ao contrário ele também compara o ímpio com a palha que o vento dispersa, ou a leva para onde quer, ou seja, não tem raízes.

Para o ímpio ou para o crente relapso é fácil acusar o verdadeiro crente de radical, pois eles mesmos não têm raizes. Quando o ímpio, ou o falso crente acusa o verdadeiro crente de radical ou fundamentalista ele está fazendo o que a Psicologia chama de transferência. O acusador transfere seu defeito para o outro e o acusa. O defeito do não crente é exatamente o fato de não ter raízes de não ter fundamento e olha para aquele que tem e para não ficar por baixo transforma o radicalismo, como coisa ruim, o que não é.

Sem exceção, todas as pessoas das quais lemos o seu testemunho na Bíblia que foram consideradas radicais em suas épocas tanto em suas maneiras de ser, pensar e agir foram acusadas, menosprezadas ou mortas por aqueles que detinham o poder maioral do povo de Deus, ou seja, os próprios sacerdotes, bem como pelo povo controlado por esses. Os mortos foram os próprios profetas e o Senhor Jesus Cristo.

Mas então devemos ser fundamentalistas? Sim e o porque devemos ser fundamentalistas? Essa pergunta terá como resposta três motivos:

1. Os fundamentalistas não serão abalados em vida. Salmos 55:22 Confia os teus cuidados ao SENHOR, e ele te susterá; jamais permitirá que o justo seja abalado.

Quando se fala em abalo, o maior abalo que podemos usar de exemplo são os terremotos. As placas que formam a crosta terrestre se ajustam umas às outras provocando abalos na superfície. Falando assim um terremoto não causa espanto nem medo. Mas conhecemos seus efeitos devastadores, e que para nossa sorte, somente através da televisão. Prédios, casas, pontes, tudo se vê abalado e caem diante do tremor da terra. Na verdade a sensação descrita por quem já vivenciou um terremoto é “como se o chão sumisse de debaixo de nossos pés” dizem. Não há estabilidade. Esta falta de estabilidade está justamente no fundamento. O fundamento da crosta terrestre daquele lugar não é confiável.

Da mesma forma a vida de quem não possui um firme fundamento também não é confiável, em todos os sentidos do termo. Todo aquele que não é um cristão verdadeiro, diante de uma passagem ruim em sua vida, diante de uma catástrofe, diante de um perigo aí seu frágil mundo se torna à mostra. O ateu diante do desastre iminente clama pela sua vida; o idólatra clama pelo seu ídolo, o pagão exerce o seu ritual. E todos eles perdem por instantes, por semanas, até mesmo pelo resto da vida alguma parte da confiança naquilo que tinham. Mas e o crente fiel? Salmos 125.1Os que confiam no SENHOR são como o monte Sião, que não se abala, firme para sempre. O crente fiel sabe que o Senhor é o seu escudo, o Senhor é quem lhe dirige a vida, o Senhor é quem já tem determinado todos os seus dias e nada lhe acrescentará ou diminuirá de sua vida por qualquer coisa que faça e mesmo assim ele ainda ora e confia em Deus.

O fundamento sólido e firme dos crentes verdadeiros está no único Deus que é eterno e em relação a Este Deus, tudo mais é transitório e passageiro. É por isso que esse crente quando passa por tribulações ele permanece firme inabalável. Certa vez visitei a uma senhora de uma igreja pentecostal em um hospital. Ela havia adoecido e ainda não sabia o que era. Seu pastor a havia ensinado que o verdadeiro crente não adoece, que doença era coisa do diabo e que ela tinha de fazer a corrente de oração durante sete semanas para quebrar a maldição que ela estava sofrendo. Quando o diagnóstico chegou, aquela mulher descobriu que estava em fase terminal de câncer e que tinha pouco tempo de vida. A reação dela foi a de não querer nunca mais ver, ou ouvir com qualquer pastor que fosse, pois para ela todo pastor se tornou mentiroso. Vemos nela que o

seu fundamento não estava em Deus, mas naquilo que o seu pastor lhe havia ensinado. E isso gerou nela uma grande revolta e decepção com todos aqueles que são chamados de pastores.

Jesus ao ensinar sobre o fundamento de nossas vidas ele aponta para suas próprias palavras, para a Bíblia. Mateus 7.24-25 “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

A palavra de Deus é apontada por Jesus Cristo como sendo o firme fundamento sobre o qual todo aquele que construir a sua vida quando vier as angústias da vida, por que elas certamente virão, eles não serão abalados. O próprio salmista no capítulo 1, nos diz que a atitude que levou o justo a ser comparado a árvore, com raízes, transformando-o em um fundamentalista, um radical, é o fato de que este homem medita na palavra de Deus dia e noite. 2 Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.

O verdadeiro crente tem a palavra de Deus como seu fundamento é por isso que ele não se abala, pois a Palavra de Deus é a única verdade absoluta que existe. Tudo mais é transitório e inconsistente, abalável. Mas a Palavra de Deus é eterna. 1 Pedro 1:23 pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente.

2. Os fundamentalistas não serão abalados após a morte - Provérbios 10:30 O justo jamais será abalado, mas os perversos não habitarão a terra.

Um grande pregador do passado em um de seus sermões afirmou ilustrando que em uma de suas mãos de graça, Deus segurava os justos; e na sua outra mão de graça Deus segurava os ímpios. Quando o justo morria a mão de graça de Deus permanece sustentando o justo pela eternidade e quando o ímpio morria a mão de graça de Deus, Ele a retirava de debaixo do ímpio e este sofria as consequências da sua falta de fé. Este pregador era o Pr. Jonathan Edwards seu sermão se intitulava “Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado” ele o pregou na cidade de Enfield, no estado de Connecticut, EUAem 08 de julho no ano de 1741.

A sensação de segurança que a vida promíscua dos ímpios lhes causa, esta mesma será a causa de sua destruição. Por que tudo o que fazem não vendo eles nenhuma consequência na vida terrena, cada vez mais se sujam com seus pecados e mistificações lhes empurrando cada vez mais para o abismo do pecado, cada vez mais para longe de Deus. Provérbios 1:32 Os néscios são

mortos por seu desvio, e aos loucos a sua impressão de bem-estar os leva à perdição. Cometem um pecado hoje e como não há consequências imediatas, o repetem amanhã e depois de amanhã. E por causa deste pecado não houve justiça divina em suas vidas, na próxima semana cometem outro pecado e vão acrescentando às suas vidas miseráveis pecados e mais pecados. Salmos 42:7 Um abismo chama outro abismo... Mas ao fundamentalista, ao crente radical seu comportamento o levará a outro fim. Como já lemos o salmista anteriormente, ...os que confiam no Senhor, são como os montes de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre.

Salomão ao proferir as palavras que lemos em provérbios 10.30, está com olhos vislumbrando o futuro. Ele olha para o justo e vê que ele será permanente nesta terra, ao contrário dos perversos, dos ímpios não habitarão nela. O Senhor Jesus Cristo quando Jesus em seu sermão do monte profere as bem aventuranças, Ele não está fazendo uma seleção de quem vai ganhar o que. Mas o que Ele está dizendo é um conjunto de coisas que os crentes fundamentalistas, verdadeiros receberão quando Ele voltar. E uma das coisas que ele diz que acontecerá com os radicais é Mateus 5:5 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.O Senhor Jesus está afirmando que os mansos, aqueles que se submeteram ao senhorio de Cristo, eles terão um lugar permanente na eternidade e este lugar é a própria terra, este planeta em que vivemos. É exatamente para isso que a terra será transformada quando Cristo voltar. Romanos 8:21 na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

O profeta Isaías é bem claro a fazer esta afirmação de que somente os justos é que habitarão a terra, aquele mesmo justo proferido pelo salmista que é comparado a árvore com raízes e medita na Palavra de Deus dia e noite: Isaías 60:21 Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado. O justo aqui em Isaías não pode ter qualidades diferentes daquele justo dito pelo salmista no capítulo 1. Tanto não é que novamente a figura da árvore é usada também pelo profeta Isaías quando ele usa a expressão: renovos por mim plantados... a palavra renovo aqui em hebraico se refere ao broto daquilo que foi plantado. Também carrega o sentido de enxerto, ou seja aquele ramo que foi enxertado, neste caso, no reino de Deus.

Ao contrário que muitas seitas e denominações acreditam, o julgamento de Deus para se decidir quem vai para o inferno, ou quem vai para o céu não acontecerá quando Cristo voltar. O julgamento final, quando Cristo voltar, será

para aplicar a justiça final de Deus a todos os mortos ressurretos e a todos os que estiverem vivos quando este fato acontecer. Mas o destino final não será céu e inferno. O destino final será ou o paraíso de Deus, que é a nossa própria terra, ou o que Jesus chama em Apocalipse de lago de fogo e enxofre. Apocalipse 21:8Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte. Já se encontravam mortos espiritualmente neste dia se encontram mortos eternamente.

Mas aquele que fundamenta sua vida na palavra de Deus, será salvo neste dia e a sua permanência será eterna: 1 João 2:17 Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente. Notem que João destaca que é somente aquele que faz a vontade de Deus que permanecerá eternamente. Ou seja, será livre do julgamento final e permanecerá na presença de Deus. Mas quando João demonstra essa verdade ele contrasta que este que faz a vontade de Deus com aquele que baseia a sua vida nas coisas do mundo, nos desejos de sua carne, no seu próprio desejo e vontade em contraste com a vontade de Deus. Jesus fala também sobre este dia e também desta mesma maneira que estamos expressando em Mateus 7:21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Isso o Senhor está dizendo que pessoas irão confessá-lo como Senhor de suas almas, mas suas próprias vidas serão prova de que aquilo que dizem não passa de mentiras.

Existe de fato na própria Bíblia qual é a vontade de Deus para os homens. E João afirma que esta vontade é: João 6:40 De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Contudo não podemos ser inocentes que pelo simples fato de confessarmos a Cristo como Senhor muda alguma coisa em nossa vida por vir. Existe consequências necessárias na vida do crente que se fiou na Palavra do Senhor, confessando-o como único salvador de sua vida, e as consequências necessárias são os frutos que as suas vidas produzem. Novamente vemos a figura da árvore aqui. Jesus disse: que é pelos frutos que se conhece a árvore. A sua vida, seu modo de ser, de agir, de pensar, de falar necessariamente têm de vir carregados do sangue de Cristo, tudo fundamentado na Palavra.

Todo o nosso agir tem de ter raízes, e estas raízes demonstrarão no dia da calamidade, no dia da volta do Senhor que nós permaneceremos firmes, pois será a própria palavra do Senhor que nos protegerá deste evento devastador para os

que não possuem raízes, para aqueles que não são radicais.

3. O terceiro e último motivo para alguém se tornar fundamentalista é que ele estará sendo moldado à imagem do Senhor Jesus Cristo. Romanos 8:29 Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. Ser fundamentalista é muito mais do que simplesmente ser alguém com firmes fundamentos na palavra de Deus, apesar de isso ser o básico. Mas também implica necessariamente que nós estaremos sendo transformados à imagem do próprio Senhor Jesus Cristo, pois não houve, nem mesmo haverá ninguém tão radical quanto Ele. Sim! Cristo de fato era extremamente radical em todos os sentidos etimológicos do termo.

Em todos os momentos da sua vida terrena, Cristo não mostrou nenhum outro fundamento a não ser a própria palavra de Deus. Ele não fez uso de experiências, suposições, mas todos os seus ensinamentos mesmo aqueles em que ele usou a própria vida como exemplo, ou fatos da vida cotidiana de sua época, todos foram aplicações vivas da Palavra de Deus. Quando tentado pelo diabo, lemos em Mateus 4, que Cristo não usou outro fundamento diferente da Palavra de Deus para se defender das quatro tentações que lhe foram apresentadas. O diabo usou por quatro vezes a palavra de Deus de forma distorcida para tentar a Cristo e todas as suas quatro respostas se baseavam na Palavra de Deus quando Jesus respondia: “está escrito”fazendo Cristo uso de outro texto corrigindo a interpretação que o diabo estava dando ao texto sagrado. Ou seja Cristo combateu a palavra distorcida com a própria Palavra de Deus usando outro texto.

Quando Cristo estava ensinando no sermão do monte, Ele combateu o ensino equivocado dos fariseus sobre a Lei de Deus. Em Mateus 5.20 ss vemos esse modo de agir do Senhor. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus. Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento;Jesus está nos dando a maneira pela qual devemos nos pautar em todo o momento de nossas vidas. Assim também nós devemos ser. Nos deixando ser guiados pela Palavra do Senhor.

No texto que lemos anteriormente que fomos predestinados para sermos conforme a imagem de seu Filho, Paulo afirma que isso tem um propósito e que este propósito é que Cristo seja o primogênito de uma irmandade, ou seja, entre muitos irmãos. Mas para sermos irmãos em Cristo há uma condição a que

devemos estar dentro dela: Lucas 8:21 Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam. Ou seja, para sermos parte da família de Deus, temos de ser achados dentre aqueles que não somente ouvem a palavra de Deus, mas que também coloquem a sua palavra em prática.

No comportamento de Cristo vimos que ele foi radical ao extremo em várias situações. Quando ele chegou no templo e viu aquelas pessoas roubando e deturpando o propósito e a centralidade do local que deveria ser reservado para o culto a Deus, sua ira se acendeu e com um chicote de cordas derrubou as mesas dos vendedores e expulsou os mercadores do templo. Neste relato, João lembra que quando Cristo morreu, uma profecia se cumpriu quanto a este fato de Cristo ter tido uma ação radical com relação à casa de Deus. João 2.17Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá.E quando este ato de Jesus foi contra a atitude e pensamento dos fariseus eles lhe pediram um milagre, um sinal do céu para que cressem no que Ele havia acabado de dizer e fazer: mas a resposta de Jesus foi uma profecia com relação à sua morte e eles não entenderam, mas os discípulos quando Cristo ressuscitou dos mortos eles além e crerem em Jesus, creram na Escritura, o fundamento sobre o qual Jesus tinha tomado como base para agir do modo como agiu expulsando os mercadores do templo: João2. 22Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus.

Desta mesma maneira, colocando em prática a Palavra de Deus em nossas vidas estaríamos nos tornando à imagem de Cristo, ou seja, tendo o mesmo tipo de atitude de Cristo? De fato sim, pois foi o Senhor mesmo que afirmou que ele não veio para revogar a Lei, ou seja, a Palavra de Deus, veio para cumpri-la e de todas as formas que se possa imaginar, Cristo cumpriu a Palavra de Deus, absolutamente nada Ele deixou de cumprir. Cristo foi o maior dos radicais, o maior dentre os fundamentalistas, pois toda a sua vida, todo o seu fundamento não era outro senão a Palavra de Deus, pois foi Ele mesmo quem afirmou em Mateus 5:17 Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.. Então se queremos ser achados à imagem e semelhança de Cristo, comecemos por obedecer a PALAVRA DE DEUS E NÃO A NOSSA VONTADE. Cristo foi tão radical e tão fundamentalista em sua forma de cumprir a Palavra de Deus que Ele mesmo nunca pecou, cumpriu todo o desígnio de Deus.

Hebreus 4:15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa

compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

Profissional do púlpito

Já havia dito Jesus Cristo que viriam muitos falsos profetas, pregando sobre falsos Cristos. A acusação nos púlpitos virou moda, não obstante o próprio Senhor Jesus, os seus apóstolos e os seus profetas antes desses já haviam advertido ao povo de Deus sobre esta triste verdade. E eles mesmos, inclusive o Senhor foi tido pelos fariseus e sacerdotes de seu tempo foi tido como um falso mestre, falso profeta, tanto é que o mataram. Mas a questão se torna complicada para o ouvinte dos púlpitos em discernir quem está falando a verdade.

Bom, isso é fácil, poderá alguém dizer, é só ver quem está usando a Bíblia como fundamento de suas afirmações. Mas não é bem assim, uma vez que todas as heresias são fabricadas usando-se a própria Bíblia. Mas há uma medida que pode ser tomada que irá diminuir sensivelmente as confusões causadas nos ouvidos ineptos e inaptos. Aprender a observar se a Bíblia está sendo usada como desculpa para uma prática, ou afirmativa pessoal, ou se está sendo a Bíblia usada como fundamento para tais. A diferença entre uma e outra é de que a primeira a prática é comprovada pela Bíblia, a segunda a Bíblia é a razão da prática. Ainda é confuso mas vou tentar esmiuçar.

Via de regra, quando a Bíblia é usada para dar base a uma prática ou a uma afirmativa absurda, os textos são usados de forma aleatória e desconexo de seu contexto. Um exemplo é afirmar que Deus pode nos dar tudo que quisermos inclusive exigirmos de Deus riqueza e prosperidade, afinal de contas, como disse Paulo: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Mas a pergunta necessária a ser feita é: Foi isso mesmo que Paulo estava querendo dizer? Só poderemos afirmar sim ou não após observarmos os contextos próximos dessa declaração e o contexto do todo Bíblico. O contexto do exemplo citado é o de Filipenses 4. Nos versículos anteriores vemos Paulo afirmar que já havia passado por tudo em sua vida: Fome e fartura, humilhação e exaltação. Em outros textos Paulo afirma ter sido açoitado, passou nudez, foi preso como um marginal, ou seja, Paulo passou de tudo em sua vida, por isso ele podia afirmar com mais autoridade que qualquer outro que ele podia passar por tudo, uma vez que Deus é quem o fortalecia.

Em suma, a declaração feita sobre prosperidade foi usada com base bíblica, mas simplesmente como desculpa para um total absurdo e desconexão com o texto sagrado. Aqueles que sobem no púlpito para praticarem tais coisas

não são, de forma alguma pastores do rebanho do Senhor, senão pastores de si mesmos, preocupados apenas em manter suas igrejas cheias. Não possuem qualquer compromisso com a Palavra de Deus, muito menos com o Deus da Palavra. São pastores que em época de eleições públicas usam o púlpito para promover o candidato x ou y, depende de qual lhe oferecer mai$. Transformam as ovelhas do Senhor em comércio literalmente, quando na Palavra já havia sido predito: (2 Pedro 2:3 também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme).

São pastores de si mesmos, pastoreiam seu próprio ventre, seus próprios desejos. Quando sobem no púlpito, sobem como se fosse um palco onde discursam um monólogo farisaico e herético a fim de subtrair almas sedentas para lhes alimentar seus sórdidos desejos de ganância. (Judas 1:12 Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas;)

Irrepreensível

Quando nós estudamos alguns princípios bíblicos, devemos sempre ter em mente que não estamos estabelecendo algo a ferro e a fogo no sentido de que nunca, ninguém poderá cometer qualquer falta nestes aspectos. João deixa claro que o crente não vive pecando. Isso não quer dizer que o crente nunca peca, mas que o pecado é um acidente na vida do crente não um modo de vida. Apesar de sermos completamente corruptos em nossa natureza pós-queda, temos a nosso favor a presença do Espírito Santo que constantemente nos convence do “pecado, da justiça e do juízo”.

Entretanto Paulo também nos mostra que vez por outra o velho homem costuma querer aflorar. Passamos por momentos difíceis em nossas vidas e tais momentos são aqueles dos quais o salmista fala que quase “resvalou os pés”. São momentos que se tornam extremamente perigosos para o cristão, pois estão suscetíveis a cair em pecado por causa de uma ou outra eventualidade que o deixa frágil.

É por causa dessa propensa fragilidade que o líder não pode ser neófito. O fato de ser neófito não quer dizer que a pessoa não é crente e que não está apta a mudar. Ser neófito é justamente não ter experiência suficiente de vida cristã com Deus. Mas vida cristã não diz respeito somente ao quanto você ora todos os

dias, ou o quanto você lê a Bíblia todos os dias. Os fariseus faziam isso e muito melhor do que a maioria dos crentes atuais. Hoje temos muitas seitas que se dedicam às mesmas coisas e, no entanto estão completamente equivocadas com relação à pessoa do Senhor Jesus Cristo.

A experiência cristã é justamente aquela que provocou mudanças profundas em muitas coisas, principalmente em suas atitudes. Há vários relatos de mudanças rápidas quando alguém se converte, entretanto são mudanças superficiais como parar de beber, fumar, ir em festas mundanas. Isso tudo é bom, mas é só a ponta do iceberg. O aspecto moral no que diz respeito ao dia a dia deve ser levado em consideração como o tipo de mudança mais profunda e esperada do que simplesmente uma mudança comportamental.

Em muitas coisas Pedro, o apóstolo, mudou desde que foi chamado pelo Senhor para ser pescador de homens. Vemos, entretanto que mesmo depois de muito tempo na sua carreira cristã e até mesmo como líder da igreja, Pedro se fez repreensível – Gálatas 2.11-14 Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti -lhe face a face, porque se tornara repreensível. 12 Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar -se, temendo os da circuncisão. 13 E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. 14 Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?

Pedro se tornou repreensível naquele momento. Isso não quer dizer que Pedro não poderia ser mais pastor. O que vemos aqui é que isso foi um ato isolado na vida de Pedro que fez com que Paulo (outro apóstolo) chamasse sua atenção. Pedro tinha um problema de caráter e é percebido desde os primeiros dias que o Senhor o chamou. Pedro se fez repreensível em vários momentos de sua vida, contudo ele não era rebelde, pelo contrário aceitava a repreensão e era tratável. O orgulho não lhe enchia o coração ao ponto de negar uma correção. Não discutia, abaixava sua cabeça e compreendia o seu erro.

Tornar-se repreensível atinge todo e qualquer ponto na vida do crente que vá contra a palavra de Deus. Tornar-se repreensível vem do problema de qualquer ato de pecado cometido. Há pecados que podem ser tratados de forma particular conforme a própria orientação do Senhor. Entrementes há pecados que são causa de disciplina. Cada caso precisa se avaliado. Mas se o fato de alguém ser pecador impedir de ele subir em um púlpito para pregar, ou assumir uma

posição de liderança, quem poderia então fazer tais coisas?

Modelo a ser seguido

O radicalismo dos profetas, dos apóstolos e de Cristo provinha de uma única e mesma fonte. Tanto no modo de vida quanto ao fato de que eram homens de uma só palavra e um só ânimo, vinha do conhecimento a ser seguido que é a Palavra de Deus.

Existe um texto exemplificando para cada situação da nossa vida.

Guardei a tua Palavra no meu coração para não pecar contra Ti.... Salmos 119.11

Por que os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento... Malaquias 2.7

Os dois textos mostram que esses líderes sabiam quando e onde aplicar a Palavra, por que a conheciam, deveriam conhecer.

O sacerdote era aquele que estava à frente do povo de Deus, e de fato tinha de ter o conhecimento da Palavra para a qualquer tempo e hora, em qualquer circunstância tivesse como ensinar o povo sempre usando a Palavra, como fundamento das suas práticas. Malaquias escreveu, creio eu, um dos textos que mais chama a atenção para o fato da incumbência de alguém que está à frente de uma comunidade sobre o que ele ensina. “Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos” (Malaquias 2.7).

Infelizmente o que acontece na maior parte das vezes não é o que está preceituado para o líder. E tanto na época de Malaquias, como na de hoje o que acontece é justamente o contrário: “Mas vós vos tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi, diz o SENHOR dos Exércitos” (Malaquias 2.8). Em Números 1.50 nos mostra que a aliança de Deus com a tribo de Levi era para que eles ficassem encarregados de tudo acerca do Tabernáculo, inclusive na Ministração. Ministração essa que tinha como único fundamento a Palavra do Senhor, ou seja: ensinar e fazer tudo o que “está escrito”.

Fazer o que está escrito: Esta expressão foi usada mais de uma centena de vezes na Bíblia para quatro coisas: 1. Para mostrar que as profecias se cumpriam em um momento da história. 2. Para explicar uma doutrina. 3. Para limitar o que ensinar. 4. Para dar base, para explicar o motivo de uma atitude tomada ou de uma palavra dita. Eis alguns exemplos.

- Josué 1.8
- 1 Reis 2.3
- 2 Crônicas 25.4
- Esdras 6.18
- Daniel 9.13 (repreensão – o motivo de uma atitude)
- Mateus 4.4 x Mateus 4.6
- Romanos 9.13
- I Coríntios 4.6
- Mateus 21.3
- Atos 15.15

Ter a palavra de Deus como regra de fé e prática é exatamente afirmar: “vamos fazer assim, por que na Bíblia diz que está escrito assim”

Imaginem se o pastor/líder não conhece a bíblia e não tivesse a capacidade de mostrar um modelo bíblico para toda e qualquer situação? Imagine se não tivesse pelo menos um único texto que mostrasse o caminho para se resolver algo na vida? Isso é o mínimo que cada pastor/líder deve saber. Um pastor/líder que não conhece a Bíblia e não sabe aplicá-la no dia a dia é um verdadeiro fiasco. Certa feita um líder de igreja falou para o seu pastor: “O senhor tem sempre um versículo para fundamentar sua atitude, suas idéias”. Mas é isso que Deus espera de nós, é de fato esse o comportamento que Deus espera do líder e quando isso é fato mostra que o líder está no caminho certo.

2. Pregador e comunidade

Quando se fala em pregação necessariamente se pensa em liderança. Há vários textos que falam de liderança na Bíblia e muitas são as categorias dessa liderança da igreja do Senhor Jesus. Basicamente são mestres, diáconos, pastores ou presbíteros, etc. alguns tendem a definir características específicas para uma ou outra liderança dependendo da vocação de cada uma delas.

Contudo, as características pessoais de cada líder independe de sua vocação. Pois tais características são esperadas na vida de qualquer crente. São ressaltadas nos textos determinadas características por que os liderados precisam ver na liderança o exemplo que eles devem seguir (1 Timóteo 4:12; Tito 2:7; I Pedro 2.21; I Coríntios 11.1; Filipenses 3.17; I Tessalonicenses 1.6; 2.14). Portanto, as características de um pregador são compartilhadas por todos e vice-versa.

De fato são homens

Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. (Atos 6.1-4)

Antes de entrarmos na prévia do texto, lembremos sobre os três aspectos do pacto, ou os três mandatos: Social - trabalho, cultural-casamento e espiritual-relacionamento com Deus.

No texto de Atos, Lucas expõe um problema que a igreja vivenciava. As viúvas dos helenistas [3] estavam sendo esquecidas na distribuição diária das provisões que eram arrecadadas (Atos 2.44). Mas a liderança da igreja, até então, se resumia nos apóstolos e a cobrança pela falta dessa distribuição recaiu sobre eles. Percebeu-se então que o lado social da igreja estava sendo deixado de lado. Uma distorção dos três aspectos da aliança estavam sendo demonstrados na igreja.

Quando em Gênesis acontece a queda, na narrativa vemos que um

destaque é dado diferenciando a descendência de Caim, da descendência de Adão. A descendência de Caim esqueceu-se completamente do aspecto espiritual do pacto. Por outro lado, a aliança como um todo também se tornou distorcida na descendência de Adão, como consequência do pecado. Isso se tornou evidente na igreja relatada por Lucas. A parte social foi esquecida.

Entretanto como corpo de Cristo, a igreja não pode deixar de atender aos aspectos da aliança, pois se de fato Cristo veio para restaurar esta mesma aliança (Mateus 26.28), a igreja deve como portadora de Seu Nome, respeitar tais princípios. Desta forma os apóstolos estabelecem que homens capazes fossem eleitos para compartilhar dessa liderança na igreja no que diz respeito ao aspecto social.

A decisão foi acertada por que um contingente inicial extremamente numeroso na igreja já estava formado logo no seu primeiro dia de existência a partir da pregação de Pedro em Atos 2. Como, pois, doze homens poderiam cuidar das necessidades espirituais e sociais de mais de três mil pessoas? O mais sensato a se fazer, de fato, era separar para fins do trabalho caminhar na igreja, homens responsáveis para cada tipo desse trabalho. Os apóstolos responsáveis pelo aspecto espiritual (pregação e oração), e os diáconos com o aspecto social (distribuição diária de provisões). O mesmo problema se vê com Moisés no deserto julgando a todo o povo e esse fato serviu para que Jetro desaprovasse o que Moisés estava fazendo e o aconselhou a tomar outra atitude, escolhendo pessoas competentes para dividir a liderança com eles.

Vemos neste texto também que não é primazia de uma parte da liderança da igreja, como os diáconos dedicarem-se ao serviço da Palavra, mas também não estão isentos dessa responsabilidade. A história de Estevão que foi um dos escolhidos (**v. 5)** nos mostra isso. No capítulo 7 diz que ele pregava e discutia com as pessoas acerca do evangelho, conhecia muito bem a Palavra e era portador de uma sabedoria inigualável pelo seus oponentes e ninguém podia lhe resistir, pois uma característica do pregador ele levava: Cheio do Espírito Santo.

Vemos que a sua fidelidade à Cristo foi algo espantoso. Enquanto discursava e debatia com mestres da Lei, foi tomado e levado para ser apedrejado. Enquanto era apedrejado não vemos Estevão pedindo clemência, perdão, ou suplicando para não ser morto, antes foi fiel até a morte (At 7.59-60) e ainda usou de misericórdia para com os seus próprios assassinos, clamou a Deus por seu perdão a eles.

Mas aqueles que farão uso da Palavra para ensinar a igreja ainda têm outras características a serem levadas em consideração. E serão tratadas não em

sequência conforme dito anteriormente mas cada qual dentro de um aspecto maior da vida do líder.

O líder pós moderno

O pastor pós moderno tem um retrato:
Ele se mostra amável;
Ele se mostra afável;
Ele se mostra um bom pai;
Ele se mostra um bom marido;
Ele se mostra um bom amigo;
Ele se mostra um bom companheiro;
Ele se mostra um crente fervoroso;
Ele se mostra um bom líder;
Ele se mostra interessado na vida alheia;
Ele se mostra abalado pelos problemas alheios;
Ele se mostra indignado pelos problemas sociais;
Ele se mostra atuante, participante na sociedade.

Na verdade, como todos os seres humanos esse líder terá suas obras provadas pelo fogo da justiça de Deus. Tudo aquilo que mostrou, que fez por onde mostrar, exibir para as pessoas, será exatamente o que Deus não enxergará, pois tudo o que fez, fez para si mostrar. É sobre esses que podemos comparar à parábola que Jesus contou dizendo que no templo, um fariseu, de pé, orava de si para si mesmo, se vangloriando de seus feitos, inclusive de dar o dízimo. Enquanto que a segunda figura da parábola, o publicano, suas obras também serão provadas mas resistiram ao fogo do juízo divino. Pois é dele a fala que com contrição batia no peito dizendo: “...tem misericórdia de mim, Senhor, por que sou pecador”. O fariseu recebeu sua recompensa ali, por ele mesmo, enquanto o publicano saiu dali justificado.

O fariseu era aquele que achava estar cumprindo as ordens de Deus e quando chegar o juízo, o único som que ouvirá é: ‘”apartai-vos de mim os que praticais a iniqüidade”. Pois os seus atos não eram para glorificar a Deus, as a si mesmo. O segundo é aquele que ouvirá da boca do Senhor, como na parábola dos talentos, o bom servo ouviu: “Servo bom e fiel, foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei. Entra no gozo de teu Senhor”.

Estas duas figuras mostram um retrato de dois tipos de líderes que podemos ser. Podemos ser lobos em peles de cordeiros no meio dos cordeiros; joio no meio do trigo se fazendo de trigo. Em outras palavras, nos mostrando

crentes no meio de crentes, mas que não temos absolutamente nada de crente, só a aparência. E esta raça será tirada do meio da igreja, se não agora, no Dia do Senhor será.

A outra opção é que podemos bater no peito e clamar pela misericórdia de forma incansável todos os dias. Reconhecendo a cada momento nossa condição de pecadores carentes do favor do Senhor. E no grande dia, Ele estará lá, como nosso advogado, aplacando todo ataque contra nós que tiver a intenção de nos conduzir ao tormento eterno. Isso nos faz ir em direção a como de fato pode se fazer, ou sermos um verdadeiro líder.

O Verdadeiro líder

Em um mundo tão competitivo estamos sempre às voltas com alguém que quer “chegar lá”. O conhecimento e o bom caráter acabam se tornam supérfluos e até mesmo tais coisas são avessas ao meios utilizados para se alcançar os objetivos. E de fato alguns chegam lá. Mas o fato de alguém ter conseguido galgar uma posição de liderança nem sempre pode ser considerado um líder de sucesso, por causa dos meios que utilizou para se tornar um.

Há alguns anos atrás vivíamos sob um regime militar ditatorial, onde a liberdade vigiada e o sucesso de uns dependia, inclusive, da prisão, tortura e até morte de outros. Duas gerações ficaram marcadas por causa desse tempo. Marcas que alguns nem querem lembrar, por que ainda doem. Parentes traíram parentes, amigos traíram amigos. A espionagem entre família e círculos de amizade era algo comum, pois todos eram culpados até que se provasse a inocência. Por vezes provar que a inocência foi provada tarde, pois o sujeito já havia sido morto. Líderes subiram, líderes caíram.

O regime militar tem suas vantagens: a obediência incondicional, a organização, o respeito à hierarquia que, por alguns, é considerada sucesso . Mas no nosso mundo onde a competitividade é altíssima, esse modelo já se tornou obsoleto e a história já mostrou que não é o melhor. Temos no mundo menos de 1% dos países com regime militar ainda em funcionamento, e o que se conhece deles é aterrorizante, ao contrário dos países onde liberdade é pelo menos proclamada como um direito.

Existem outros modelos de liderança que precisam ser conhecidos e muito mais do que isso, precisam ser colocados em prática. Pois assim como o regime militar provou ser obsoleto e insatisfatório na gestão de um país, o líder precisa sempre rever suas posições e métodos de administração.

Em uma comunidade cristã a liderança de um só sempre trás prejuízos.

Pois tende a ser um regime ditatorial. É certo que há casos em que não há opções dada a falta de recursos humanos. Contudo a liderança precisa ser construída, moldada e conscientizada de forma a se tornar madura o suficiente para que na falta de um líder que fique à frente do trabalho, a igreja assuma o seu lugar sem maiores problemas.

Há alguns pontos para reflexão que devemos levar em consideração sobre o que é ser um verdadeiro líder.

1. Não oprime, pois pode gerar insatisfação e perder o controle de seus liderados;

A opressão por parte de alguém não é nem mesmo uma conduta cristã. Pressionar os outros a fazer o que você quer por causa de sua posição em relação à dele é opressão e uma atitude condenável. É muito comum vermos tal comportamento nas empresas onde os patrões oprimem seus empregados a fazer o que querem sob ameaça de perderem seus empregos. Mas isso é cristão?

“ O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado” (Provérbios 14:31 – Leia também 22.16 e 28.3). A opressão é uma ofensa a Deus pois vai contra Sua soberania. Sabemos que a graça comum é o meio pelo qual Deus divide o sustento para cada ser humano (Mateus 5.45). E na Sua soberania decidiu que uns teriam menos do que outros, quem oprime ao pobre é como uma rebeldia contra Deus, pois foi Ele quem decidiu a situação financeira de todos.

Mas há de se perceber que da mesma forma que recursos financeiros causam diferenças sociais, a distribuição e capacitação em sabedoria para liderar também vem de Deus e o propósito da liderança em uma igreja é para que os liderados cresçam.

> E **ele mesmo concedeu** uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, (Efésios 4.11-12)

Vê-se que a soberania é a mesma. E já que alguns não foram escalados pelo próprio Senhor para liderar o princípio pecaminoso que cabe à opressão relativa à sua condição financeira, também cabe na condição eclesiástica. Fazer uso de uma condição de liderança que foi o Senhor quem te concedeu é desonrar o nome Dele. Desempenhe o seu papel para o qual ele foi concebido “aperfeiçoamento dos santos”.

2. Não ordena, faz com que os outros percebam que sua sugestão é a melhor a ser seguida.

Apesar de estarem cativos no império babilônico, Daniel e seus amigos encontravam-se em uma posição de destaque. O rei havia determinado até mesmo o que as pessoas que serviam no palácio deveriam comer. Mas Daniel havia resolvido firmemente não se contaminar da comida sacrificada a ídolos que era servida. Porém pediu a outro líder o chefe dos eunucos para que não lhes servisse da comida sacrificada, apenas legumes.

Em primeira mão a resposta do chefe dos eunucos foi a de rejeitar a ideia de Daniel. Mas com grande sabedoria Daniel propõe que fizesse uma experiência por dez dias. E assim fez. Passados os dez dias a sugestão de Daniel foi acatada pelo chefe dos eunucos pois percebeu que ele estava com a razão.

Bater o pé para que sua ideia prevaleça não é a melhor maneira de fazer com que as coisas aconteçam. Argumentar, discutir o assunto e agir com sabedoria diante de um impasse, de uma decisão dividida é a melhor maneira de mostrar aos outros que a sua ideia é a melhor, ou até mesmo esteja pronto para mudar de ideia.

3. Não é autoritário, compartilha as dificuldades, aceita e põe em prática outras sugestões que sejam viáveis;

N o item anterior tomemos como exemplo desta proposição o próprio chefe dos eunucos. Ele poderia ter sido firme e irredutível na sua condição de responsável pela alimentação de Daniel e seus amigos e os obrigado a comer o que lhes fosse dado. Ele expôs a dificuldade que ele enfrentaria, a morte, caso ele viesse acatar a proposta de Daniel e não desse certo. Ele se permitiu, então, ouvir a proposta de Daniel e ao invés de negar, aceitou a proposta. Viu que de fato era viável, experimentou, percebeu que deu certo e mudou de posição, mudou de ideia.

Muitos líderes até aceitam propostas contrárias à sua e até mesmo fazem experiência e mesmo vendo a viabilidade da outra proposta arrumam uma desculpa qualquer demonstrando erros onde não existem e fazem com que a sua proposta seja mantida no lugar da outra. Isso é ser dissimulado.

4. Mantém o equilíbrio entre razão e emoção;

Um dos momentos mais intrigantes onde se demonstrou esse equilíbrio foi quando Jesus estava diante de Pilatos. Jesus estava diante de um juiz que poderia condená-lo à morte, ou deixá-lo viver, e Jesus sabia disso. Ele poderia se desesperar, entrar em pânico, clamar por misericórdia, o que seria, em certo caso a reação esperada de um inocente. Mas não foi o que Ele fez.

Seu comportamento demonstrava uma tremenda serenidade para aquelas circunstâncias. E seu modo de agir estava fundamentado no seu conhecimento de

todas das coisas. Diante das acusações dos principais dos judeus não retrucou em nenhum momento, sabia que passar por aquele momento era necessário serenidade, mesmo significando sua morte. Sua serenidade demonstrada pelo seu silêncio até causou admiração em Pilatos.

5. Não sucumbe diante de outro líder, mas aproxima-se e divide idéias;

Um dos problemas que um líder pode enfrentar é a oposição de outro líder. Duas autoridades diante de um impasse podem tomar duas direções opostas. Ou batem de frente um com o outro ou um cede para o outro.

Dois dos grandes líderes do povo de Israel foram os profetas Samuel e Natã. Entretanto o povo rejeitou o governo de Deus através de Samuel e lhe pediram um rei. Primeiro Saul, depois Davi reinaram sobre Israel. Em ambos os casos vemos que os profetas mantinham suas posturas de liderança e não sucumbiam diante dos reis. Suas autoridades estavam fundamentadas na sua vocação feita pelo próprio Senhor.

Desta forma, quando foi necessário, tanto Samuel quanto Natã confrontaram Saul e Davi quando estes pecaram contra Deus. Não fugiram de suas responsabilidades, antes compartilharam o que era necessário. A Saul não era responsabilidade de oferecer sacrifício e Samuel chamou sua atenção para o fato. A Davi por causa de seu pecado com Bate-Seba Natã o repreendeu severamente.

6. Não tenta usurpar o lugar de outro, constrói seu lugar com esforço do seu próprio trabalho;

Uma das histórias que mais ilustra este princípio, é a história de Absalão com seu pai Davi. Absalão cobiçava a posição de rei, a posição de seu pai. Aproveitou-se então da situação de ter sido recebido novamente na presença do rei, por causa de seu afastamento por ter ele matado a seu irmão Amnon, e agiu com deslealdade e traição.

Absalão c ercava todos aqueles que vinham à Jerusalém consultarem-se com o rei para fazer adeptos e insuflar o coração do povo contra Davi, apesar de ser ele o rei da escolha de Deus e um “servo mui amado”. Sua motivação era a cobiça de querer estar no lugar de Davi.

Quando Absalão achou que a situação lhe era favorável reuniu o povo de que tinha ganhado sua confiança e se levantaram contra o reinado do ungido de Deus, Davi. Coisa essa que o próprio Davi evitou a todo custo e não fez contra Saul. Diferentemente de seu filho, Davi construiu seu lugar, com seu próprio esforço, trabalho e principalmente respeito pela liderança que ele tinha, sendo

ela certa ou errada, no caso dele, a liderança de Saul. Davi não o traiu independente do comportamento de Saul.

7. Não tem espiões, tem parceiros de trabalho em prol de um bem comum;

Vemos muitos casos de espionagem na Bíblia, como os doze enviados à terra de Canaã, como Judas em meio aos discípulos já nas últimas horas antes da prisão de Jesus , como Rebeca que espionou a favor de Jacó, entre outros. Mas não podemos confundir os fatos, as situações e fazer uso deturpado destas histórias a nosso favor simplesmente por pura conveniência.

Jesus demonstrou um princípio de união com o próprio reino de Satanás. Quando ele expulsou um demônio e os fariseus o acusaram de o estar fazendo com o auxílio de Belzebú, Jesus além de lhes calar, demonstrou que tal ideia não tinha qualquer fundamento, pois como ele afirmou: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá” (Mateus 12.25).

Se somos participantes de um mesmo reino, como pois implantar espiões no meio do próprio reino para lutar e conquistar aquilo que deseja? Se isso acontece no meio do povo de Deus só uma coisa pode ser dita: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Mateus 12:30). Não há nada que não possa ser resolvido diante de uma conversa completamente franca, sem falsidade, sem mentiras, sem rodeios e sem medo de colocar as coisas em pratos limpos.

8. Não teme perder o seu lugar para outro, pois está bem certo do seu lugar ao sol;

O povo de Israel após ter pedido à Samuel para que não mais um profeta fosse o “governante” no povo, os profetas ficaram simplesmente delegados à condução espiritual do povo de Israel e o governo civil à cargo dos reis. Mas todo reinado tinha como parte integrante do governo seus conselheiros, dos quais os profetas sempre faziam parte.

Quando no reinado de Zedequias Jeremias profetizou morte e destruição para aqueles que não se entregassem como despojo nas mãos do rei da Babilônia, o sacerdote Hananias se voltou contra a palavra de Jeremias e o confrontou em público depois de haver Jeremias profetizado a maldição. Hananias tomou os canzis do pescoço de Jeremias que Deus havia dito para ele fazer para ilustrar o jugo que o povo de Deus deveria aceitar do rei babilônico e os quebrou diante de todos.

Tal confronto poderia ter deixado Jeremias acanhado e até mesmo

achado que, talvez, ele mesmo estivesse equivocado. Mas Jeremias não se deixou abalar, antes, contudo profetizou a morte de Hananias como prova de que ele, Jeremias, estava certo. Jeremias sabia muito bem qual era o seu lugar e quem o havia posto ali. Deus o chamou e o seu ministério não dependia e nem estava nas mãos de homens, mas de Deus.

9. supera a si mesmo deixando de lado conceitos e pré-conceitos ultrapassados.

Nem sempre devemos fazer uso de exemplos positivos, mas de negativos também. Já houve quem dissesse que o sábio não é aquele que aprende com os próprios erros, mas aprende com o erro dos outros. Não existe qualquer situação que passemos sem que alguém antes, tenha vivenciado algo similar. Da mesma forma não devemos encarar a expressão “pré-conceitos ultrapassados” como aqueles que vêm dos mais velhos. Entendamos que esses conceitos ultrapassados podem muito bem querer dizer acerca de pré-conceitos inapropriados.

Roboão assumiu o trono em lugar de seu pai Salomão. Novo, sem experiência, quando o povo lhe procurou pedindo para que aliviasse os encargos que a realeza exigia, tratou logo de pedir conselho. Ele recebeu dois conselhos. O primeiro tinha a ver com uma maior condescendência para como povo aliviando os encargos. Mas isso lhe traria prejuízos. O outro conselho era para que não se aliviasse os encargos impostos ao povo, ao contrário, seriam mais pesados.

O resultado disso é que Roboão tendo decidido por uma mão mais pesada que a de seu Pai culminou na divisão do reino de Israel. Tudo por que desprezou o conselho de sábios homens , velhos na verdade, que aconselharam a seu pai em seu reinado, para dar ouvidos a jovens inexperientes e arrogantes que se achavam inteligentes. O prejuízo foi muito maior em não dar ouvidos à experiência.

Não podemos falar de liderança sem deixar claro que o maior exemplo de liderança que temos, foi o próprio Senhor Jesus. sua liderança é algo digno de milhares de teses, dissertações, estudos em todo o mundo. Sua liderança dividiu a história em duas partes, a.C e d.C.; antes Dele e depois Dele. Muitas dessas qualidades, ou todas e mais algumas, nós podemos observar na pessoa de Cristo. Não houve nem nunca haverá líder como Ele. Por isso nosso maior exemplo a seguirmos não pode ser outro a não ser Jesus Cristo.

“... boa reputação...”

Categorizei esta característica como levando em conta o seu aspecto de

que ela precisa ser vista também pela sociedade. De mesma forma é também uma característica que não é para ser de modo algum exclusiva do diácono. Aliás, nenhuma das características que veremos aqui, de diácono, presbítero ou pastor, cabe dizer que só eles devem ser assim. Tais características são definidas e exaltadas para estes ofícios, a fim de que estes homens que estão à frente sirvam de modelo para o rebanho que é dirigido por eles.

Mas o que vem a ser boa reputação? Eu creio que todos nós temos algo a dizer sobre isso. E o que a bíblia diz sobre boa reputação? “Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro” (Provérbios 22:1). Ter um bom nome e ser estimado pelas pessoas pode se resumir no que vem a ser ter boa reputação. Mas isso é muito mais amplo do que parece. Ser estimado pelas pessoa perpassa o conhecimento que elas tem de nossas vidas e do modo como a conduzimos. Paulo expõe da seguinte maneira: “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Romanos 13:8).

Mas se usarmos como referência principal o fato de eu ser um bom pagador das minhas contas para servir de exemplo para o rebanho, eu não estaria sendo reducionista? Não estaria resumindo demais o que vem a ser ter boa reputação? Deixem-me perguntar:

- Aquele que se prostitui tem boa reputação?
- Aquele que engana o seu próximo tem boa reputação?
- Aquele que age por trás de uma autoridade sem que ela fique sabendo, tem boa reputação? Ex. você hoje, sabendo que Judas além de roubar do dinheiro do grupo, também agiu por trás deles e traiu a Jesus você confiaria nele para ser pastor de sua igreja, presbítero ou diácono?
- Aquele que trai a sua esposa serviria como referência para o povo?
- Aquele que não respeita a autoridade seja ela quem for secular ou eclesiástica, seria indicado para uma liderança? Como pode alguém querer ser autoridade se ela mesma não respeita uma?
- Aquele que sonega imposto ao governo, quer dizer, mente para o governo seria alguém indicado para o ofício de diácono? É por isso que quando Paulo afirma em Romanos 13.8 para não dever coisa alguma ao próximo ele não resume simplesmente à questão de pagar as dívidas, o que é necessário mas ele afirma no contexto: “Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra. 8 A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns

> aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei. 9 Pois isto: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. 10 O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor" (Romanos 13.7-10).

Vemos aqui que boa reputação é ter uma vida santa diante de Deus, ou seja, toda a exigência para a vida de um oficial deve ser levada em consideração, e que o normal de sua vida deve atender às expectativas de toda a Lei. Alguém que é recém convertido teria esta capacidade? Temos de pensar e ver que a vida cristã é uma jornada em que todos nós estamos propensos a cair em pecado em todo momento. Mas é de se esperar que alguém, um cristão que tenha mais tempo de conversão tenha também mais experiência de vida cristã no que diz respeito a ter um relacionamento mais íntimo com Deus de forma que a sua vida esteja mais próxima sempre (não é algo estático, mas deve ser) daquilo que Deus almeja para todo crente.

Esse caminhar da vida cristã que chamamos de processo de santificação não pode ser resumido apenas no que diz respeito ao conhecimento da Palavra, e o ensino dela para os outros. Por que desta forma os fariseus também faziam. Mas este caminhar da vida cristã diz respeito ao quanto eu conheço da Palavra e o quanto eu a ponho em prática na minha vida. Conhecer a bíblia e ensiná-la não é o bastante. É por isso que Jesus afirmou quando estava ensinando ao povo: "Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem" (Mateus 23:3).

Mas podem estar se perguntando como é que alguém pode ter tantas características assim? Não sejamos hipócritas em afirmar que conheço um homem, que não é crente e ele é assim. Isso é impossível ao ser humano natural. Podemos até com os nossos olhos carnais enxergar alguém que não é crente que tenha estas características, mas isso não passa de suposição, por que na verdade não passa de moralismo. O moralismo é uma distorção da verdadeira moral que só pode vir de Deus. É por isso que há a outra exigência para a liderança: CHEIO DO ESPÍRITO SANTO.

O pastorcentrismo e o egocentrismo na igreja

O *pastorcentrismo* é uma doença que aflige muitas igrejas. Seus sintomas são comuns, mas o mais grave sintoma é que os membros se comportam como se tudo dependesse do pastor para ser realizado na igreja. Eis alguns deles:

• Os crentes não tomam iniciativa por pensarem que isso não é sua obrigação;
• Os crentes acham que não precisam levar uma vida espiritual conforme é exposto na palavra, por que acham que só o pastor é que precisa ser espiritual, os crentes pensam poder serem mais relaxados quanto a isso;
• Os crentes não se dedicam ao evangelismo por pensarem que isso é tarefa do pastor;
• Os crentes acham que não precisam manter uma vida de testemunho que honre ao Senhor, pois o pastor fazendo isso é suficiente;
• Os crentes acham que não precisam ler a Bíblia, por que só o que o pastor fala é suficiente;
• Os crentes acham que se fizerem tudo o que o pastor fala serão criticados na comunidade, o que só pode ser feito pelo pastor, e o querem como um mártir;

O egocentrismo já tem alguns sintomas que são avessos ao *pastorcentrismo* . Neste caso os crentes acham que o eles devem ser o centro das atenções do pastor e da igreja em si. Alguns de seus sintomas são:
• Os crentes querem mandar no que o pastor vai pregar, querem determinar que tipo de pregação deve ser feita;
• Os crentes querem determinar como o trabalho deve caminhar e que o pastor deve se moldar aos pensamentos deles;
• Os crentes querem mandar no pastor como se ele fosse seu empregado;
• Os crentes querem manipular os trabalhos da igreja de forma que esses agradem ao seu gosto;
• Os crentes querem determinar como deve ser o culto prestado a Deus;
• Rejeitam a disciplina;
• Se preocupam mais com as suas necessidades do que com os afazeres do Reino.
• Acham que não precisam participar de todos os trabalhos da igreja, só daqueles que sua sociedade interna promove.

As duas doenças são graves e, se não tratadas seriamente, implicará na morte da igreja. A igreja não pode ser *pastocêntrica* , nem egocêntrica, por que é Cristo quem deve ser o centro de todas as coisas. O culto, a obra, a pregação, o evangelismo, cada parte (se é que podemos dividir) da obra do Senhor, Ele mesmo já determinou como deve ser e quem deve fazer, e isso está na sua Palavra.

A questão é que não há submissão à Palavra de Deus quando se detecta uma destas doenças. Se houvesse submissão à palavra, perceberiam que todos os crentes são responsáveis pelo andamento da obra; que todos os crentes precisam ter uma vida de relacionamento com Deus independente de seu pastor; enxergariam que todos os crentes precisam levar o evangelho às pessoas; que o testemunho de vida que honre ao Senhor é dever de todos; que ler a Bíblia é o alimento espiritual individual de cada um; perceberiam que a exposição da Palavra pelo pregador não é para se guardar no vago da mente, mas para se preencher todos os seus dias de atos baseados nessa exposição; notariam que devem ser humildes no ouvir da exposição da Palavra dada a autonomia do pastor na escolha do que vai ser ensinado, pois foi ele quem o Senhor vocacionou para isso; ver que o pastor é orientador e que as decisões da igreja não podem forçar a mudança de pensamento de seu líder local, mas que devem chegar a um consenso; cairiam em si e se envergonhariam de achar que o pastor é empregado da igreja, quando ele é servo do Senhor assim como os crentes; se calariam em querer transformar o trabalho da igreja em suas imagens, quando a igreja deve ser orientada pela Palavra; notariam que o culto não é para ser feito como se gosta, mas como está prescrito na Bíblia; deixariam de pensar que a disciplina é uma perseguição pessoal do pastor para ver que isso é um cuidado com a saúde da igreja.

Se acolhessem com mansidão a Palavra, prefeririam pormenorizar seus momentos egoístas de suas necessidades, em favor da obra de Deus. Deixariam de enxergar o trabalho promovido por outras sociedades como algo que exige participação apenas de quem promove, pois o foco, afinal de contas, deve ser Cristo.

A igreja, ao longo de séculos, se deixou contaminar por estas duas doenças. Verdade que podemos ver que causou a desgraça de muitas igrejas locais e mesmo igrejas consideradas modelos no passado, e que hoje nem mesmo existem. Seus templos estão sendo vendidos pelo mundo afora para servirem de casa de shows e outras coisas tão ruins quanto. Tudo isso por que a igreja passou a ser *pastorcêntrica* ou egocêntrica e não Cristocêntrica . como nos lembra o autor de Hebreus em 12.2 “olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus,” ou seja, Cristo deve ser o foco, o objetivo de toda a nossa vida. Ressalto a ideia de que se Cristo não é o centro de nosso foco, isso se torna uma idolatria, seja o pastor, seja o próprio ego dos membros o centro das atenções.

3. Pregação submissa

A palavra mais apropriada para este comportamento errado de pregar o que não se vive é farisaísmo. Vimos em tópico anterior que a falta de submissão à Palavra de Deus era justamente a atitude reprovável dos fariseus. O culto racional, coerente é a atitude oposta e esperada por parte de todos aqueles que se dizem cristãos, muito mais daqueles que fazem uso da fala para ensinar a igreja. Nesse aspecto precisa haver outro tipo de racionalidade, de coerência também. Falamos acerca da submissão à Palavra por parte da Palavra pregada. É não pregar aquilo que se entende, mas aquilo que de fato está de acordo com o que está escrito. Pedro afirma claramente acerca do uso dos dons na igreja: “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; (1 Pedro 4:11).

Os oráculos de Deus não se tratam de seres, de homens ou mulheres especiais que recebem, supostamente, revelações da parte de Deus, mas única e exclusivamente diz respeito à Palavra revelada e escrita de Deus. Literalmente, oráculos são breves elocuções da parte de Deus de onde os homens deveriam acatar a maneira de se conduzir diante Dele, como os Dez Mandamentos por exemplo. Então se alguém faz o uso da fala para ensinar na igreja, que seja de acordo com tudo o que está escrito acerca daquele assunto e não de acordo com um único texto apenas, muito menos de acordo com seu próprio pensamento.

Vimos que a própria igreja de Beréia em Atos buscava sempre ver esta coerência daquilo que era pregado, ensinado na igreja , comparando com as Escrituras a fim de perceber se o que o próprio Paulo pregava, com o que estava escrito no Antigo Testamento. E este comportamento dos irmãos de Beréia foi considerado salutar e nobre, não como um ato de ofensa a um legítimo apóstolo do Senhor, Paulo. “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim... (Atos 17:11).

Diferentemente o que ocorre em muitas igrejas é exatamente o oposto. Os crentes são até mesmo tolhidos de seu direito de questionar o pregador sobre uma incoerência. E tais pregadores arrogantemente, equivocadamente, e indevidamente se apóiam em: “...O SENHOR me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, **pois é o ungido do SENHOR** (1 Samuel 24:6). O grifo é acrescentado neste texto por tais pregadores. Não obstante, este é um típico comportamento de quem não tem

segurança naquilo que ensina, não tem um conhecimento sólido a fim de permitir aos ouvintes que o questionem, pois sabe que poderá haver questões que ele não terá como responder, ou até mesmo ser contraditado, por haver falta de fundamento bíblico sólido naquilo que ensina. O princípio escriturístico revela que tudo o que o líder ensina deve ser fiel à Escritura (Ml 2.7-8), mas esses agem desta forma por falta da submissão de sua pregação, de seu ensino, à Escritura. Enfim, falta-lhe ser ele mesmo submisso e fiel a Palavra e como consequência, ao Deus da Palavra.

Os fariseus de fato eram mestres , muito mais mestres em infidelidade à Palavra naquilo que ensinavam e praticavam. Após ensinar as “Bem Aventuranças” e o dever de que cada cristão deve levar consigo a bandeira do evangelho em suas atitudes, sendo sal e luz, Jesus começa a dirigir aos seus ouvintes, ali no mesmo monte, o que muitos comentaristas chamam de AS SEIS ANTÍTESES. Antíteses é uma expressão contrária a uma tese, tese é uma ideia. Assim, antítese é uma ideia contrária a outra ideia. Estas seis antíteses são marcadas pela fala: “Ouvistes o que foi dito aos antigos..... eu porém vos digo”. Esta forma de se expressar, e também esta tradução, parece indicar que Jesus irá contrariar diretamente a Lei entregue à Moisés.

Mas, nessas antíteses Jesus começa a ensinar não querendo contrariar o que foi ensinado, ou escrito por meio de Moisés, mas Cristo quer combater o ensinamento errado que vinha sendo praticado pelos mestres judaicos antigos como Hillel e Chammai, por exemplo, que foram reconhecidos mestres, como sendo dos antigos pais judeus, fariseus, principalmente não pelo que ensinaram, mas pela falta de ênfase em muitas coisas que disseram.

> Superficialmente pode parecer que não há falha alguma na forma como os homens de outrora interpretaram o sexto mandamento. No presente caso, o que estava errado não era o que eles tinham dito, e, sim, o que eles deixaram de dizer, ou, pelo menos , deixaram de enfatizar. Isso se aplicava também aos escribas e fariseus dos dias de Jesus, por que... eles endossavam a tradição dos antigos. (HENDRIKSEN, 2001, p. 416)

E é de fato assim, pois, Cristo mesmo havia acabado de dizer que não tinha vindo para revogar a Lei, mas para cumpri-la. O que Jesus começa a dizer, então, não é novo mandamento contrário à Lei mosaica ensinada pelos próprios fariseus, mas é uma correção ao ensino distorcido desses quanto à Lei de Moisés. Então a forma melhor de se traduzir a forma a antítese: Ouvistes o que foi dito aos antigos é: Ouvistes o que foi ensinado pelos antigos... eu porém vos digo.

Esta forma de Jesus expor o problema dos fariseus aponta para a questão que estamos tratando neste tópico. Ser conhecedor da Palavra não é suficiente, os fariseus eram; ser estudioso da Palavra não basta, o fariseus também eram; não basta se vestir como um pregador, os fariseus também eram e davam grande importância à aparência, as roupas que usavam; não basta ser popular, os fariseus da mesma forma procediam; não basta se achar importante dentro da igreja, os fariseus agiam de igual forma (Lucas 20.46). O ponta-pé inicial para ser um pregador da Palavra é ser fiel à Escritura e ao Deus da Escritura, submisso.

Hemenêutica, um breve comparativo

Porque uma única Bíblia e tantas religiões e denominações? A resposta a esta pergunta é ao mesmo tempo simples e complicada. É simples porque tudo gira em torno da hermenêutica [4] usada para interpretação dos textos bíblicos. Cada religião, e por sua vez cada denominação dentro delas, usa um método de hermenêutica particular de interpretação. E se torna complicada porque podemos destrinchar cada seguimento hermenêutico a fim de entender o que acontece, como aconteceu e acontecerá para o surgimento de tantas denominações.

Para que possamos olhar a hermenêutica individual de cada segmento, primeiramente devemos destacar diversos ângulos de como a Bíblia pode ser encarada.

- Podemos olhar para ela como um livro qualquer, perceber nela alguns belos cânticos, um monte de *estórias* interessantes e quiçá algumas poesias e meros ensinamentos morais;
- podemos olhar como se ela fosse o reflexo dos pensamentos religiosos de um povo antigo;
- você pode pensar que a Bíblia contem algumas mensagens de Deus e descartar aquelas que não forem de sua conveniência;
- você pode não definir que se trata de uma revelação progressiva e se perder em um a teia de pensamentos religiosos de diversos grupos religiosos;
- pode também conceituar a bíblia crendo que há um grande número de mitos, e que o trabalho do pregador é extrair estes mitos para ter uma mensagem pura;
- ou você pode considerar que a Bíblia é uma fonte de autoridade, revelada por Deus, mas colocar paralelas outras fontes de revelação, igualmente ou superiores a ela.

- ainda você pode considerar que a Bíblia é uma fonte de autoridade revelada por Deus e que nada, nem ninguém possa substituir, suprimir, ou até mesmo igualar a sua autoridade e que ela é suficiente em si mesma. [5]

Para entendermos melhor vamos dividir as religiões que aceitam a Bíblia como sendo a verdade de Deus revelada aos homens em três grupos maiores que são a Igreja Católica Apostólica Romana (I.C.A.R.), a Igreja Evangélica Pentecostal com suas diversas denominações, que será analisada juntamente com a Neopentecostal também com suas denominações e as Igrejas Reformadas. [6] Os outros grupos que não aceitam a Palavra como fonte de autoridade revelada por Deus, de cara, serão descartados, pois não é nosso propósito elucidá-los aqui.

A I.C.A.R. tem em sua base hermenêutica o princípio de que a tradição da igreja tem valor igual ou superior às Escrituras (Bíblia); bem como a palavra do papa que é entendida como sendo autoritativa e equivalente também à escritura. Assim sendo, podemos entender como pode acontecer de existir práticas estranhas à Palavra de Deus dentro da igreja católica como, por exemplo, a veneração aos santos e o uso de imagens de escultura que são doutrinas baseadas em livros tradicionalmente históricos, contudo não inspirados, que são os livros apócrifos acrescidos a Bíblia no concilio de Trento há apenas cinco séculos atrás. Até então, estes livros eram considerados apenas históricos, enquanto os livros inspirados fazem parte do cânon bíblico desde o final do segundo século para o Novo Testamento e de, pelo menos, quatro séculos antes de Cristo para os últimos livros do Antigo Testamento, e de mais de vinte séculos para os primeiros escritos. Pois estas práticas estranhas citadas se relacionam com a tradição destes livros históricos e não com a Bíblia, causando assim um choque de idéias entre o campo da tradição e o campo da revelação (Bíblia). (Gálatas 1.6)

As igrejas pentecostais e neopentecostais se aproximam bastante em sua hermenêutica. Crêem que a Bíblia é a Palavra revelada de Deus e que deve ser a nossa regra de fé e prática. Mas ambas colocam a experiência espiritual de cada indivíduo como parte desta revelação de Deus, como regra de fé e prática para serem seguidas e praticadas. Aqui neste ponto há um divórcio entre as duas. As pentecostais chegam ao máximo de igualar a experiência (pragmatismo) à revelação em autoridade; e as neopentecostais colocam o pragmatismo acima da autoridade da Revelação Escrita. É evidente que se questionados por esta ótica a negação será inevitável, mas na prát ica é exatamente o que acontece (Mateus 24.24; 2 Pedro 2.1). Em situações vividas por membros destas igrejas, mesmo

que seja algo regido única e exclusivamente pela emoção, o que é cem por cento dos casos, são colocados como verdades espirituais vívidas, válidas e com o mesmo peso de autoridade da Palavra ou acima dela. (Gálatas 1.8)

Com base na chamada “sensibilidade” do crente ele pode desencadear uma nova religião, ou uma nova denominação fundamentado não na Palavra, mas na sua experiência pessoal. Ou seja, as igrejas neopentecostais e as pentecostais estão calcadas no subjetivismo em parceria com a Palavra, se é que isso seja possível. Contudo, a Palavra de Deus é clara quando afirma que o coração e desígnio do homem são totalmente corrompidos pelo pecado (Jeremias 17.9). Como confiar em uma hermenêutica corrompida pelo pecado do homem? O que acontece é que vemos que o universo de denominações pentecostais e neopentecostais é tão grande quanto o número de indivíduos que as fundaram baseados em suas experiências pessoais. É uma discrepância tão absurda quanto à hermenêutica da igreja Católica. Na verdade, tanto aquela como essas inserem significados e interpretações estranhos à Escritura como um todo. Uma iguala ou sobrepõe a tradição à Escritura, enquanto as outras igualam ou sobrepõem a experiência pessoal à Escritura.

Em todos os casos acima o ajuste da Bíblia às experiências se torna inevitável, quando o que seria certo e necessário é que tanto a tradição como a experiência individual deveriam ser passadas pelo crivo da Escritura, e não o inverso como acontece. Não quero de maneira nenhuma por à prova aqui a sinceridade em querer buscar a Deus de cada uma destas pessoas inseridas nestas igrejas, mas quero enfatizar o que Paulo alertou em **1 Timóteo 4:7 "Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercita-te, pessoalmente, na piedade."** Como fazer isso? Paulo dá a chave em **1 Coríntios 14:29: "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem".** E o padrão de julgamento, ou o padrão de aferição não é o entendimento pessoal de cada profeta, mas a própria Palavra de Deus como registrado em **1 Pedro 4:11: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus";** os oráculos a que Pedro se refere é a Palavra escrita de Deus como podemos confirmar em **Romanos 3:2 “... porque aos judeus foram confiados os <u>oráculos</u> de Deus";** e também em **Hebreus 5:12: Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos <u>oráculos</u> de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido".**

Quanto às igrejas reformadas que mantêm seu corpo doutrinário baseado

no ensejo da reforma que tinha como um de seus principais pontos SOLA SCRIPTURA, já podemos entender sua hermenêutica só com este ponto, ou seja, só a Escritura. Para estas igrejas só a Palavra de Deus é que pode ditar as regras de interpretação dela mesma. Regras simples baseadas neste princípio nos levam a entregar à Escritura sua devida autoridade como Palavra Revelada de Deus, como única regra de fé e prática dos crentes. Neste caso, a experiência do crente não é descartada, mas ela é submetida à Escritura, no e em seu todo, para sua validação.

Princípios da reforma que são utilizados ainda hoje para hermenêutica bíblica:

1. “Um texto obscuro relacionado a um tema deve ser esclarecido por outro texto mais claro acerca deste mesmo tema na própria Escritura. Se usarmos a própria Bíblia para interpretá-la, o que vai ocorrer é uma coerência na interpretação da própria Bíblia como um todo, e não várias interpretações que culminam no surgimento de novas denominações e até mesmo de heresias. A Bíblia interpreta a Bíblia, sendo ela suficiente em si mesma, ou seja, não precisamos de revelações adicionais, experiências pessoais, ou até mesmo tradições para nos ditar o modo de conduta de nossas vidas.
2. Crença na infalibilidade da Escritura nos textos originais, basicamente em grego e hebraico, por ser totalmente inspirada por Deus. Outro erro comum das igrejas neopentecostais e pentecostais tem haver com o uso da Bíblia traduzida como se o texto na língua vernácula [7] fosse inspirado, o que não é. Quando se traduz um texto, seja ele qual for, o tradutor tem de fazer ajustes entre as línguas para que o texto seja traduzido. E muitas vezes o que acontece é que nestes ajustes o sentido real do texto fica corrompido pela falta de palavras que tenham o mesmo significado de uma língua para outra. A Bíblia foi inspirada sim, mas em grego e hebraico basicamente. Para formulação de doutrinas se faz necessário o entendimento pela língua original para evitar que estes ajustes da tradução interfiram maliciosamente, mesmo que não seja intencional, no escopo da doutrina. Contudo, mesmo com as traduções a mensagem geral da Bíblia não perdeu seu significado real e principal, ou seja, a mensagem de salvação.
3. As Escrituras (A Bíblia) não são quaisquer escritos de natureza religiosa ou prezados por sua antiguidade como os livros apócrifos, mas o termo é identificado com a compilação de todos os livros do Antigo Testamento aceitos tanto pelos judeus como por Jesus Cristo que fizeram referência em várias passagens de 39 livros; também são reconhecidos 27 livros do Novo Testamento reconhecidos como canônicos (inspirados) pela igreja perfazendo um total de 66

livros e, é claro, excluídos os livros apócrifos inseridos na Bíblia, como canônicos, no concilio de Trento há apenas cinco séculos atrás. Antes disso, estes livros eram usados apenas como referências históricas e não como Palavra de Deus. Mas a tradição fez com que a Igreja Católica os inserisse, erroneamente, como parte da Bíblia a fim de subsidiar doutrinas como a de adoração aos santos e o culto aos mortos (finados). (Lucas 16.16 e 29; Lucas 20.42; Atos 2.34; etc.)

4. A Escritura não precisa do testemunho de nenhum homem, ou de qualquer igreja, ou seja, a autoridade da Escritura é inerente a ela mesma. Não deve ser aceita porque a igreja estabeleceu assim, deve ser aceita "porque é a Palavra de Deus". É A ÚNICA VERDADE ABSOLUTA.

5. A Escritura está completa, por isso, em nenhum tempo deverão ser subtraídas ou adicionadas partes a ela. Nem por novas revelações, ou tradição dos homens. Mesmo com a certeza da suficiência das Escrituras, é necessária a iluminação do Espírito Santo para se ter a compreensão salvadora das coisas reveladas na Palavra, o que não significa que teremos novas revelações, pois iluminação é diferente de inspiração. Sermos iluminados pelo Espírito é ter aberto nosso entendimento para o texto que já foi inspirado.

6. Existem textos de difícil compreensão na Escritura. Para sua compreensão correta se faz necessário recorrer aos textos originais, basicamente o grego e o hebraico, bem como dados históricos, geográficos, ocasionais que fizeram parte da motivação e da escrita destes diversos livros da Bíblia que são necessários para uma fiel interpretação do texto sagrado nos fazendo como os crentes de Beréia que punham à prova pela Escritura tudo o que o próprio apóstolo Paulo falava. **Atos 17:11 Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.**

7. Nosso padrão de aferição de tudo é a própria Escritura. O Espírito Santo não fala individualmente em novas revelações autoritárias, mas fala pela própria Bíblia. "O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos e concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura". [8]

8. Vemos Jesus e escritores do Novo Testamento fazendo uso deste método hermenêutico, usando a Bíblia para interpretar textos do Antigo Testamento em várias passagens. A expressão, *está escrito* , referindo-se a uma explicação feita

no NT de algo que estava no AT surge noventa e cinco vezes no Novo Testamento. Isso mostra que os escritores e o próprio Senhor Jesus faziam com frequência a citação de um texto para explicar uma doutrina, ou mesmo um ensinamento que estava sendo re-ensinado por eles. Como exemplo cito Mateus 22.29-32.

> Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.

Veja que neste texto uma doutrina que os saduceus mantinham tendo como base dela a própria Escritura. Eles não criam em vida após a morte por que no AT não há um texto dizendo: “Depois da morte, vem a vida eterna, no céu ou no inferno”. Os saduceus esperavam um texto explícito desta forma para crerem na vida após a morte. Mas Jesus afirmou claramente que eles estavam errando por que eles não conheciam as Escrituras e como consequência não conheciam o poder de Deus. Em outras palavras Jesus lhes afirmou, vocês não sabem ler a Bíblia. E lhes mostrou o erro grotesco que cometiam por não lerem corretamente baseado no mesmo texto sagrado e aceito pelos próprios saduceus, que era o Pentateuco exclusivamente.

Outro texto que podemos citar é o texto de 1 Coríntios 14.21: “Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.” Neste texto Paulo está querendo corrigir um erro que era cometido pela igreja de Corinto que dava um status equivocado com respeito ao dom de línguas. Para corrigir esta interpretação errada ele chama um texto da lei, um texto do AT para fazer a devida correção. Especificamente ele está se referindo a o texto de Isaías 28.11.

Dado histórico:

O advento da Reforma no século XVI foi um marco histórico que dividiu a única igreja até então formada com o desejo de fazê-la retornar ao princípio norteador da vida espiritual que há séculos havia se desfeito em meio às tradições inseridas no corpo dessa igreja, a Católica. Para Lutero essa volta seria possível, mas Calvino já não concebia esta idéia. Para ele a igreja tinha se degenerado tanto, que havia se tornado sinagoga de Satanás. Contudo, os católicos não aceitaram o movimento reafirmando-se ainda mais nas suas tradições humanas no concílio de Trento, sendo este uma contra-resposta às legítimas acusações dos reformadores. A igreja então se separa excomungando

os reformadores e/ou condenando-os à morte.

Do seio dos que deixaram Roma como fonte de hermenêutica, surgiu então uma outra classe de cristãos, a classe que recomeçou a olhar para as Escrituras como única fonte de autoridade revelada por Deus. Por não entender, ou por não aceitar, sem embasamento bíblico, doutrinas que surgiram com o retorno às Escrituras, um outro grupo se formou e passou a não aceitar a hermenêutica dos reformadores, mas passou a aceitar a hermenêutica que inseria a experiência pessoal, subjetiva, como válida, um exemplo deste grupo foi os Quakers. Este grupo dizia que a iluminação interior é como um testemunho final do Espírito Santo à experiência individual, predispondo o abandono das Escrituras.

Peter Wagner, um dos expoentes do movimento neopentecostal, aconselha em seu livro “Estratégias para o Crescimento da Igreja”, da editora Sepal, na página 41, o seguinte: “...reexaminar as Escrituras à luz da experiência e reavaliar sua Teologia de acordo com a mesma”. Essa absurda declaração coloca a Bíblia em subordinação ao subjetivismo da experiência de cada um, além de colocar em dúvida a suficiência das Escrituras, e isso em favor do crescimento numérico das igrejas que é o que esta obra tem como tema. [9]

Alguns podem objetar quanto à idéia que permeia esta resposta à pergunta inicial e também o porquê desta ocorrência. Mas vivemos no tempo em que somos filhos da era moderna, do racionalismo de Kant, da indiferença de Karl Marx e do desdém de Nietzsche, filósofos que embutiram na forma de pensar do ser humano de nosso tempo a idéia de que cada um tem a sua verdade, cada um tem a sua ótica de olhar as coisas, que não existe verdade absoluta e que se alguém afirmar tal coisa deve ser questionado. Esqueceram-se de que a própria afirmação de que não existe uma verdade absoluta é uma contradição à própria afirmação, pois ela se diz absoluta. Enquanto que a real verdade absoluta é esquecida e manipulada de acordo com o entendimento de cada um, a Bíblia.

Em conseqüência dessa forma de pensar, cada um tem a sua interpretação da Bíblia. Se isso fosse uma verdade a ser levada em consideração, Deus seria o responsável por toda esta confusão. Mas, a própria Palavra afirma que Deus não é Deus de confusão como dito em I Coríntios 14.33. O termo *confusão* no grego significa: instabilidade, um estado de desordem, distúrbio, confusão. Mas o que existe é a "operação do erro", a "prova" enviada pelo próprio Deus para testar aqueles que lhe são fiéis de fato, bem como à sua Palavra, conforme 2 Tessalonicences 2:11 e Deuteronômio. 13.1-3.

Mesmo com todos os argumentos acima não conseguimos fechar todos os motivos da pergunta inicial, contudo nos dá um direcionamento de como pode

acontecer de existir várias religiões e denominações sendo uma só Bíblia. Com isso não queremos nos tornar separatistas, nem mesmo afirmar categoricamente que somos os únicos a ler a Bíblia corretamente, mas que o nosso padrão de interpretação é infalível, a própria Escritura, o que ressalta uma grande diferença entre interpretar a Bíblia e expor de forma fiel a ela mesma. Assim devemos exercer a Palavra conforme a preceituação de Paulo em Romanos 14.1 "Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões".

Resgate do ensino apostólico

Quantas instituições religiosas advogam em causa própria afirmando que seguem o ensino apostólico? A vista de tantas controvérsias existentes, o fato é que a realidade é completamente incoerente com o que se afirma. Por quê? Porque todas essas instituições afirmam a mesma coisa: Estamos certos. E como há as controvérsias, não podem todas estarem certas. Esta é uma impossibilidade lógica, pois faria de Deus, o revelador da Escritura, criador das contradições humanas em suas perspectivas escriturísticas.

A história nos mostra que houve e ainda existem diversos desvios do ensino apostólico e de Cristo consequentemente. Quantas instituições cristãs possuem práticas que não são apoiadas na Santa Escritura? A resposta é triste: diversas. Mas onde está a raiz da questão, onde está o problema? Na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), após terem assumido que há uma sucessão à cadeira de Pedro, tudo o que se afirma por meio de um que diz se assentar nesta cadeira tem a mesma validade do que uns dos apóstolos chamados diretamente por Jesus Cristo afirmaram.

Os entendimentos iniciais da Escritura nos primeiro e segundo séculos seguiam um padrão de aferição: A Escritura. Mas a partir desse momento, com o surgimento de novos textos, descobertas de doutrinas na Bíblia, as avaliações começaram a ser feitas e depois surgiram as avaliações das avaliações, mormente, as avaliações, das avaliações das avaliações. Quem nunca brincou de “telefone sem fio?” A mensagem que foi passada para o primeiro ouvinte era uma, mas ao final da mensagem percorrer os vários ouvidos, essa chega ao final completamente distorcida e sem sentido. Não é nada diferente do que aconteceu com a prática a partir de doutrinas sendo avaliadas e reavaliadas ao longo do tempo, pois o padrão de aferição deixou de ser a Escritura, e passou a ser a prática e a doutrina anterior. Todos os desvios comportamentais e morais, não iniciam com algo chocante e escandaloso. São pequenas coisas que ao longo da história e da vida, vão alargando e aprofundando cada vez mais a cratera do pecado, "um abismo chama outro abismo" como já dizia o salmista.

A cultura evangélica ainda tem muitas raízes católicas e que precisam ser reavaliadas não de acordo com a prática, ou doutrina reavaliada, mas de acordo com a própria Escritura **(Sola Scriptura)** . Esse paradigma de comportamento foi visto pelos reformadores, mas há uma impressionante tendência em se deixar de lado a Escritura e voltar a avaliar de acordo com padrões anteriormente estabelecidos pela igreja desviada da Escritura. Mas o próprio contingente dito protestante acaba criando resistência às mudanças para retornarem à Escritura. O motivo? Isaías que o diga: "Todas as nossas justiças são como trapos da imundícia."

Muitos usam textos fora de contextos para justificarem suas atitudes e práticas pagãs de modo a terem suas consciências mais tranqüilizadas. Usando como referência o texto de Isaías citado, justiças, é o que pratica o justo? De forma alguma! Mas é o que ele tenta fazer. A justiça aqui falada tem também o sentido de "aquilo que é eticamente correto". Mas alguém nascido de novo, ou não nascido de novo tem capacidade em si mesmo para isso? Claro que não! É exatamente o que Isaías está dizendo.

Por isso mesmo Salomão em Eclesiastes 7:16 afirma: " **Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que te destruirias a ti mesmo?"** Salomão afirma dizendo respeito a alguém que se tem sábio por seus próprios olhos dizendo que não necessita da justiça divina para ter autenticada como verdadeiras as suas obras. Por isso mesmo ele afirma no versículo seguinte: **"17 Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?".** Assim diz por que da mesma forma a nossa medida não pode ser nós mesmos, nossos olhos, e acharmos que para nós não tem solução porque somos vis pecadores. Ou seja, ninguém é tão justo que não precise ser justificado e ninguém é tão pecador que também não possa ser justificado, pois tanto para um quanto para outro a justificação é pela graça **(Sola Gratia)** .

Nenhum versículo de Eclesiastes pode ser visto, de forma alguma, em separado de sua conclusão final que está em **Ec 12.13: "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem."** A palavra temer aqui tem dois sentidos primários, que são: reverenciar e ter medo. Os mandamentos dizem respeito a tudo quanto o Senhor ordenou. Por isso, temos como ser justos não por nós mesmos, e por pior que seja nosso estado de depravação existe uma solução.

Alguns lembrarão que não pecar é impossível ao ser humano depois da queda. Mas é exatamente isso que Cristo veio restaurar nos seus: a obediência

irrestrita ao que está prescrito, aos mandamentos de Deus. Mas não conseguimos isso! De fato não, mas é o que precisa ser trabalhado em nossas vidas dia após dia, para que a cada alvorecer sejamos cada vez mais à imagem de Cristo. Isso é o que se chama de processo de santificação. **Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos (Romanos 8:29).** E isso alcançamos por meio da fé. **(Sola fide)**

Deixar para trás práticas das quais gostamos, quebrar nossos próprios paradigmas é uma coisa muito difícil de fazer. Ainda mais hoje que estamos em um mundo cada vez menor, que muitas pessoas nos conhecem, sem de fato nos conhecerem por causa da internet. Reconhecer um erro publicamente para muitos pode ser sinal de fraqueza. Um sinal de que esse alguém não merece confiança. Ainda mais quando se tem um público que te aplaude! Perdê-los seria perder uma parte de si mesmo, ou seja, sua popularidade **(Soli Deo Gloria)** . Mas quando se afirma a supremacia de Cristo e da Palavra que fraqueza há nisso? **(Solus Christus)** Pelo contrário, como diriam os novos machistas: Tem de ser muito homem para reconhecer os seus erros de público. Eu digo um pouco diferente: Tem de se ter um coração de carne, tratável diante de Deus para reconhecer os seus erros. Em outras palavras: tem de ser crente de verdade! Não um fariseu hipócrita que só acata a Palavra que lhe agrada filtrando preceitos claramente bíblicos.

Mas é por falta dessa submissão à Palavra que a igreja, por meio de seus super-crentes, têm se desviado novamente da Escritura assinando em baixo de práticas pagãs com a frouxa argumentação do: “não tem nada a ver”. Muitas das práticas, se não tivessem nada a ver, teriam sido permitidas ou endossadas na Escritura. Se não foram, não eram para ser mesmo! O próprio Salomão antes de cair em pecado, quando escreveu a frase “Não sejas demasiadamente justo...” teria aceitado colocar um elemento pagão no culto oferecido a Deus? Obviamente que não. Tanto é que a Bíblia nos mostra que um dos pecados de Salomão foi exatamente começar a acatar os elementos pagãos trazidos por suas esposas, vindas de outros povos e a inseri-los como práticas em sua vida.

Deus é Santo e importa que seu povo busque como modelo a santidade de Deus, e se afastar de tudo aquilo que desonra ao seu glorioso nome. Deve, portanto, seu povo, parar de tentar defender seu próprio pensamento e prática como se eles fossem inquestionáveis, para defender o que está prescrito na Palavra. Como está escrito: **“Sede santos, por que eu sou santo”(I Pedro 1.16),** por esse motivo o caminho é estreito. Este é o verdadeiro resgate do ensino

apostólico que deve romper literalmente com toda prática oriunda do paganismo enraizada em nossas vidas. Esse princípio, aliás, não se trata de um princípio apostólico, mas de todos os que de fato são salvos. Vimos essa premissa de avivamento santo em vários momentos da história: com Moisés, com Josias, com Cristo, com a reforma protestante, e outros. Todos estes momentos de avivamento tiveram como base somente a Palavra. Tiveram como resultado óbvio o abandono de todas as práticas provindas do paganismo.

Ser de fato santo, é correr para longe de tudo que não tem origem em Deus, mas no mundo. Pois como afirma a Escritura: **Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno (1 João 5:19).**

Citações em sermões.

Por que usar citações de escritores crentes e não usar exemplos bíblicos? Já havia ouvido este tipo de objeção referindo-se a aqueles pregadores que em vários momentos de seu sermão usam citações de escritores cristãos, antigos, ou recentes. Qual o fundamento de tal atitude? Isso tem validade? Deixarei aqui explícitas minhas razões pelas quais raramente, e mui raramente faço uso de tais citações. Mas não é de fato o que aprendemos no seminário, pelo contrário somos ensinados a fazer tais citações. A questão é: para que nos é ensinado a fazer tais citações?

Toda construção de um sermão, via de regra, deve ser feita com muito cuidado e zelo. Sabemos que não é todo pregador que prepara seu sermão com antecedência, o que encaro como sendo **“fazer a obra do Senhor relaxadamente”** . Não estou dizendo que nunca fiz sermão de última hora, nem estou dizendo que esta é a minha prática, estamos falando de um ideal. Um ideal que deve ser levado a sério e praticado.

Neste zelo pela pregação, muitos pregadores antecipam, e é o correto, em alguns dias o seu sermão fazendo pesquisas sobre o que outros autores dizem acerca do texto que será exposto (não faço uso de sermão temático). Desta pesquisa suscitam anotações que costumeiramente vão parar nos sermões. Esta prática da pesquisa é inteiramente válida, mas a questão que faço é: a troco de que cita-se o nome deste ou daquele autor que falou sobre o texto no qual você está pregando? Três são as respostas que consigo encontrar. 1. Mostrar que você concorda com o dito autor; 2. Mostrar que você precisa de um respaldo no que está afirmando, pois nem mesmo você tem tanta certeza; 3. Mostrar que você pesquisou.

Vou aqui aparentemente contradizer o que estou tentando afirmar, mas

com uma diferença: não estamos falando de um texto bíblico, mas de uma hermenêutica aplicada. Nós, reformados, clamamos pelas afirmações de Calvino, de Lutero, de outros mais recentes, mas e eles, faziam isso em seus sermões? Vou mais longe. A confissão de Fé de Westminster afirma que a hermenêutica sadia é usar a Bíblia para interpretar a própria Bíblia. A CFW afirma desta forma não é à toa, pois os discípulos e o próprio Senhor Jesus usavam dessa técnica. Ora, qual a imagem que passamos para os ouvintes quando são feitas citações diversas de outros autores cristãos nos sermões? A imagem que suscita desta prática, creio, é mais negativa do que positiva. Por algumas razões. 1. O pregador não tem uma identidade própria; 2. A Bíblia não tem um texto que explique melhor este que está sendo pregado do que a citação?; 3. Acaba-se por pregar sua pesquisa e não a Bíblia; 4. O pregador é exaltado como um grande intelectual e a imagem da cruz de Cristo se torna ofuscada; 5. Tal atitude gera um ar estritamente acadêmico ao sermão (isso é para o seminário, não para o público comum); 6. E o pior, demonstra que o pregador tem mais conhecimento do que outros falam sobre a Bíblia do que da própria Bíblia, mas não é ela SUFICIENTE EM SI MESMA?

Não afirmo aqui que não se deva fazer a pesquisa previamente, muito menos afirmo que o entendimento de outros escritores cristãos sobre o texto a ser pregado não deva ser levado em consideração. Afirmo que: 1. Se você concorda com o autor na questão, expresse então o entendimento do texto com as suas palavras evocando, se necessário outro texto da Escritura; 2. Esqueça a regra homilética de um único texto para dar respaldo à sua afirmação além do texto básico. Se necessário use mais de um até que a ideia se torne clara o bastante para que a "dona Maria" que assiste ao culto possa compreender o que você está dizendo. A Bíblia explica a própria Bíblia. Não é o que queremos fazer no sermão? Expor a Palavra de Deus? Ou estamos querendo expor o entendimento de uns e outros sobre a Palavra de Deus? São as duas coisas completamente diferentes e, por definição, são excludentes. Este é um lado negativo das citações, mas existe um lado positivo.

Quando falo de lado positivo não estou falando das citações de outros cristãos, mas afirmo citações de heréticos. Sim, de heréticos. Uma vez que as citações de heréticos são expostas no sermão, mais uma vez, a oportunidade de confrontá-las com a Escritura será inevitável e totalmente necessária. Quando isso acontece o nome de Deus é glorificado, pois sua Palavra é exposta em oposição à palavra dos ímpios, como está escrito:

“...Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.”

(1 Coríntios 1:19)

Lógica, um mal necessário

Devem estar estranhando o título em afirmar que a lógica se trata de um mal. Ela se torna má, quando mal usada, quando seu utilizador não sabe como usá-la, ou mesmo nem sabe do que se trata. Da mesma forma, nem todo raciocínio lógico está certo. Pois se pode estar completamente certo no uso desse raciocínio, mas nem sempre ele também estará certo por causa de suas premissas. Geralmente todo argumento lógico básico é composto de duas premissas, onde uma completa a outra, ou a contrária, ou a nega, ou ainda se opõe a ela. Para todo e qualquer pensador deixar de usar a lógica é o mesmo que jogar pérolas aos porcos. Gasta-se raciocínio, tempo e fosfato naquilo que acaba se tornando um lixo cerebral.

Toda dedução só pode partir de um pressuposto formado a partir de um raciocínio lógico onde suas premissas precisam estar firmadas em uma **'verdade'** . Como há a questão do racionalismo quando hoje não se diz não existir mais absolutos, mas verdades cognitivas e pessoais, e os pressupostos são construídos em argumentos onde os símbolos só são definidos por sua utilidade e não pelo seu significado, deduzir fica ao gosto de cada um.

Mas quanto ao princípio do SOLA SCRIPTURA da Reforma Protestante, esse tinha o objetivo de resgatar que toda a prática esperada por Deus para os seus santos, toda a direção de culto, nossa regra de fé e prática partiria de uma fonte de verdade absoluta, inegável, perfeita, a Revelação de Deus, a Bíblia. A premissa para a prática partia de uma verdade única uma metanarrativa incontestável. Quando se tinha este princípio de ação, poderia se esperar que as conclusões provenientes de SOLA SCRIPTURA seriam compatíveis e até mesmo com uma singular unicidade. Isso pode ser visto nos símbolos de fé reformados, são todos espelhos uns dos outros, pois a absoluta referência deles é a mesma: A Escritura.

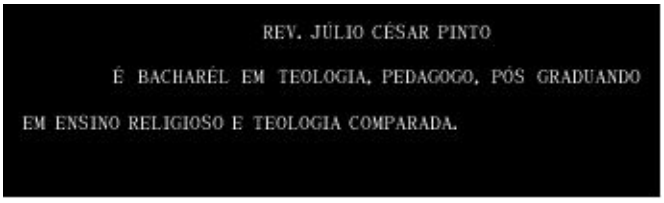
Apesar de muitos se auto-denominarem reformados, e até mesmo chegam a ter um certo status nesse meio, precisamos ter a consciência de que passamos pelo Século das Luzes, pelo Iluminismo, pelo racionalismo de Kant, pela fragmentação e diversificação do que vem a ser verdade. O que dantes era abolido do meio cristão passou a fazer parte, porque a verdade cultural, as possibilidades de interpretação (influência do intérprete), pesaram tal qual a Escritura. Quantas são as práticas que hoje temos na igreja e que, de forma alguma, estão sancionadas claramente na Escritura? Quantas são as teologias

trabalhadas a partir de inferências fabricadas pelos intérpretes da Bíblia? Há uma inteira necessidade de se distinguir entre sancionadas claramente na Escritura e inferidas a partir da Escritura, o que torna os resultados bem diferentes.

A premissa básica do SOLA SCRIPTURA é o que a Bíblia diz claramente o que se pode fazer, faremos; o que não se diz, não faremos. Isso é estar sancionado claramente. Mas esta forma de ver se perdeu, porque as inferências dos intérpretes têm feito parte da prática da igreja, por hora dita reformada. Pois suas deduções são inferências de significados e teologias a partir da Escritura. A questão é: se a premissa básica deixou de ser SOLA SCRIPTURA para também se ter inferência em adendo, como carregar o título de REFORMADOS? As inferências são justamente o que os reformadores lutaram contra, e por causa delas muitos morreram e deram suas vidas só para se ter uma ideologia pura da Escritura. Foram elas, as inferências, que levaram a ICAR a ter a sua postura teológica que tem hoje. E nós, que carregamos o título de reformados, permitiremos que nossas igrejas caminhem para o mesmo rumo? Se somos reformados, e estamos na liderança da igreja, sejamos lógicos em nossas premissas. SOMENTE A ESCRITURA!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Fé cristã e Misticismo - Editora CEP
- A Bíblia e seus intérpretes - Editora CEP
- Igreja de poder - Editora CEP
- COSTANZA, José Roberto da Silva, ASRAÍZESHISTÓRICAS DO LIBERALISMOTEOLÓGICO. FIDES REFORMATA X, Nº 1 (2005): 79-99, 79



[1] A palavra mundo no NT aparece com sete significados diferentes. Não se trata aqui neste texto uma salvação universal.

[2] Chama

[3] Judeus de fala grega

[4] Ciência que define os pressupostos para interpretação de um texto

[5] Fé cristã e Misticismo - Editora CEP
[6] I grejas oriundas da reforma do século XVI
[7] Idioma natural do leitor do texto bíblico traduzido
[8] CFW
[9] Igreja de poder - Editora CEP